



**Lazer, Turismo Cultural e Património em Silves:
a Feira Medieval e a Revitalização do Centro Histórico Urbano**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Mestranda: Marta Isabel das Dores Gamito

Orientador: Professor Doutor José da Cunha Barros

Lisboa

2011

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à minha família, pois é ela o grande pilar da minha vida e sem ela eu não conseguiria realizar este sonho. Agradeço também por todo o esforço e incentivo dado ao longo deste ano.

O Presente trabalho foi orientado pelo Professor Doutor José da Cunha Barros, que gentilmente se disponibilizou para ser meu orientador. Esteve presente em todo o processo de pesquisa, dando sempre sugestões válidas para o meu trabalho. Foi uma forte ajuda para a realização desta dissertação de Mestrado.

Um agradecimento especial à Presidente da Câmara Municipal de Silves, a Dr.^a Isabel Soares, que gentilmente se disponibilizou para me ceder uma entrevista.

Agradeço também à Vereadora da Cultura, a Dr.^a Maria Manuela Guerreiro por me ter cedido a sua ajuda na realização deste trabalho, encaminhando-me para os órgãos responsáveis pela Feira Medieval de Silves, que desde o primeiro momento me cederam todos os dados pedidos e acederam prontamente ao meu pedido de observar directamente todos os preparativos da feira Medieval.

Às minhas colegas e amigos, que pelas opiniões, sugestões e críticas, me ajudaram a consolidar as ideias para assim elaborar um melhor trabalho. Recordo especialmente a Graça e o André, obrigado por me aturarem e ajudarem durante o decorrer da Feira Medieval com os questionários e o acesso ao terreno.

A todos o meu sincero Obrigado.

Índice

PARTE I	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Tema e problema de pesquisa	10
1.2	Enquadramento teórico – conceptual	14
1.3	Metodologia.....	27
1.4	Estrutura e organização do trabalho	30
PARTE II	CIDADES HISTÓRICAS E PATRIMÓNIO CULTURAL	31
2.1	O património histórico das cidades	32
2.2	As cidades históricas e sua dimensão cultural	34
2.3	A memória e os monumentos nas cidades históricas	39
2.4	As feiras em espaço urbano enquanto recriação histórica	42
2.5	As cidades históricas e os lugares de memória como destinos turístico – culturais	44
PARTE III	SILVES COMO REALIDADE HISTÓRICO-CULTURAL.....	50
3.1	História da cidade.....	51
3.2	Os agentes da cultura em Silves	56
3.3	O lazer criativo da população local	58
3.4	O centro histórico urbano e sua activação cultural e Património.....	62
3.5	A dinâmica do turismo cultural na região e na cidade de Silves	72
PARTE IV	A FEIRA MEDIEVAL DE SILVES: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO	77
4.1	Caracterização da feira medieval de Silves	78
4.2	A recriação histórica e memória através da Feira Medieval	84
4.3	Os contributos da Feira Medieval para a identidade colectiva.....	86

4.4	A Feira Medieval e a sua actividade turística	89
4.5	Dados Estatísticos / Resultado do estudo no terreno.....	92
PARTE V	NOTAS CONCLUSIVAS.....	109
PARTE VI	BIBLIOGRAFIA	113
6.1	Bibliografia Geral.....	114
6.2	Artigos	120
6.3	Webgrafia	122
PARTE VII	ANEXOS.....	123
7.1	Anexo I: Guião de Entrevista à Presidente da Câmara Municipal de Silves	124
7.2	Anexo II: Questionário realizado à população local	126
7.3	Anexo III: Questionário realizado aos visitantes.....	130
7.4	Anexo IV: Questionário em Inglês	135
7.5	Anexo V: Mapa da Feira Medieval de Silves	139
7.6	Anexo VI: Programa Feira Quinhentista	140
7.7	Anexo VII: Programa Feira Medieval de Silves 2010	142
7.8	Anexo VIII: Destino das viagens e das dormidas, segundo os principais motivos (%), por NUTS II, 2009	148
7.9	Anexo IX: Dados estatísticos SPSS	149
7.10	Anexo X: Carta Internacional para a salvaguarda das Cidades Históricas.....	160
7.11	Anexo XI: Fotos da Feira Medieval de Silves	163

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo de Cidade – I Fase.....	65
Figura 2: Modelo de Cidade – II Fase.....	65
Figura 3: Modelo de Cidade – III Fase.....	66
Figura 4: Modelo de Cidade – IV Fase.....	66
Figura 5: Planta da cidade de Silves (fonte: Gonçalves, 2003).	75
Figura 6: Cartaz da Feira Quinhentista (fonte: Câmara Municipal de Silves, 2011).....	78
Figura 7: XILB.....	79
Figura 8: Torneio com cavalos (fonte: Câmara Municipal de Silves, 2011).	80
Figura 9: Uma das entradas da feira.....	163
Figura 10: Animação da feira (Viv'arte).....	163
Figura 11: Torneio medieval.	164
Figura 12: Cortejo.....	164
Figura 13: Rua Principal da Feira Medieval.	165

Índice de Tabelas

Tabela 1: Sexo do inquirido – visitante.	92
Tabela 2: Sexo do inquirido – população.	93
Tabela 3: Idade do inquirido – visitantes.	94
Tabela 4: Idade do inquirido – população.	95
Tabela 5: Idade da população – frequência por sexo.	96
Tabela 6: Idade dos visitantes - frequência por sexo.	96
Tabela 7: Habilitações literárias dos visitantes – frequência e percentagens por sexo.	97
Tabela 8: Habilitações literárias da população – frequência e percentagens por sexo.	97
Tabela 9: Visitas à feira medieval de Silves.	99
Tabela 10: Conhecimento da existência da feira medieval (pergunta 3).	100
Tabela 11: Assistiu a representações históricas – população.	100
Tabela 12: Assistiu a representações históricas – visitantes.	101
Tabela 13: Duração da permanência em Silves.	101
Tabela 14: Preservação do património histórico – frequência por sexo	102
Tabela 15: Hospitalidade – frequência por sexo	102
Tabela 16: Aquisição de conhecimentos – frequência por sexo	103
Tabela 17: Pergunta 1.	105
Tabela 18: Preservação do património histórico – frequência por sexo	105
Tabela 19: Aquisição de conhecimentos – frequência por sexo	106
Tabela 20: Utilização do perímetro da cidade – frequência por sexo	106
Tabela 21: Contributo da feira para o desenvolvimento da cidade.	107
Tabela 22: Costuma frequentar os monumentos e os equipamentos da cidade sem ser durante a feira.	108
Tabela 23: Idade em % dos visitantes - frequência por sexo	149
Tabela 24: Idade em % da população local - frequência por sexo	149
Tabela 25: Nacionalidade dos visitantes.	150

Tabela 26: Local de residência visitantes.....	150
Tabela 27: Pergunta 2	150
Tabela 28: Naturalidade da população local.	151
Tabela 29: Pergunta 2 população.	151
Tabela 30: Pergunta 3 população.	151
Tabela 31: Formas de participar na feira medieval de Silves.	152
Tabela 32: Pergunta 4 visitantes.....	152
Tabela 33: Animação - frequência por sexo.....	152
Tabela 34: Divulgação e promoção - frequência por sexo	153
Tabela 35: Acessos - frequência por sexo	153
Tabela 36: Segurança - frequência por sexo	153
Tabela 37: Gastronomia - frequência por sexo	154
Tabela 38: Pergunta 11 visitantes.....	154
Tabela 39: Conservar um passado partilhado com outras culturas - frequência por sexo..	154
Tabela 40: Programação cultural - frequência por sexo	155
Tabela 41: Interesse por lugares históricos - frequência por sexo.....	155
Tabela 42: Ser um lugar agradável e tranquilo para passear - frequência por sexo.....	155
Tabela 43: Descanso e relaxamento - frequência por sexo	156
Tabela 44: Existência de eventos culturais - frequência por sexo	156
Tabela 45: Estar no programa das agências de viagens - frequência por sexo	156
Tabela 46: Actualização de conhecimentos - frequência por sexo	157
Tabela 47: Saborear a gastronomia cultural - frequência por sexo	157
Tabela 48: Visita sugerida por amigos - frequência por sexo	157
Tabela 49: Pergunta 6 população.	158
Tabela 50: Acessos - frequência por sexo	158
Tabela 51: Segurança - frequência por sexo	158
Tabela 52: Gastronomia - frequência por sexo	159

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição da capacidade de alojamento, segundo a categoria dos estabelecimentos, 1997 (camas).....	73
Gráfico 2: Distribuição da capacidade de alojamento, segundo a categoria dos estabelecimentos, 2007 (camas).....	73
Gráfico 3: Sexo do inquirido – visitante.....	93
Gráfico 4: Sexo do inquirido – população.....	93
Gráfico 5: Idade do inquirido – visitantes.	94
Gráfico 6: Idade do inquirido – população.....	95
Gráfico 7: Nacionalidade dos visitantes.	98
Gráfico 8: Local de residência dos visitantes.	99
Gráfico 9: Naturalidade da população local.....	104

Parte I Introdução

1.1 Tema e problema de pesquisa

Esta dissertação de mestrado em Antropologia resulta de uma investigação antropológica desenvolvida numa perspectiva multidisciplinar, centrada no Turismo e no Património e tendo por objecto de estudo a cidade de Silves e a sua Feira Medieval. Estas questões são já objecto de uma vastíssima produção teórica.

Para este trabalho de investigação foram tidos em conta uma multiplicidade de factores que suscitaram a escolha do tema. Tidos em conta alguns factores levando estes à escolha do tema. A temática do turismo tem sido alvo de estudo nos últimos anos por parte de várias disciplinas como é caso da Sociologia, Antropologia, História e Economia.

Desde o início dos estudos realizados sobre o turismo, que a antropologia se debate com as questões subjacentes. O interesse da antropologia pelo turismo prende-se com o facto de cada vez mais vivermos num mundo turístico (Pereiro, 2009), ou seja, vivemos num mundo onde se consome cultura, e o turismo é das maiores actividades consumidoras de cultura. Servindo-nos das palavras de Xerardo Pereiro sobre a relação entre turismo e antropologia, pode-se dizer que para a antropologia o turismo “é um facto social total e também um processo social, económico e cultural no qual participam vários agentes sociais” (2009: 10). No caso, torna-se necessário o concurso dos vários agentes públicos e privados, dos destinatários e, também, das populações locais.

Sabe-se actualmente que a actividade turística ao ser desenvolvida numa determinada área acaba por afectá-la tanto positiva como negativamente, influenciando assim os seus habitantes. Tal pode ocorrer a nível dos hábitos, das rotinas diárias, dos modos de vida, das crenças e valores (Barros, 2002).

A busca crescente pelo património surge a partir do século XX, desenvolvendo-se este processo principalmente com a ajuda do turismo. É neste sentido que se começa a preservar o património como recurso escasso e raro para que este possa ser utilizado no presente e salvaguardado para o futuro.

Por património referimos aqueles bens materiais e imateriais que nos são legados pelos nossos antepassados, sendo estes passados de geração em geração. Como bens materiais temos os monumentos que são considerados por Margarita Barretto como “um mediador entre pasado y presente” (2007:105). Por outras palavras, os monumentos servem de instrumento que assegura a continuidade entre o passado e o presente. É também através dos monumentos que as comunidades se identificam com o seu passado e com a sua cultura.

A análise aqui apresentada centra-se na Cidade de Silves, uma das poucas cidades portuguesas com um vastíssimo passado histórico da ocupação muçulmana.

A escolha de Silves como terreno etnográfico serve, pois, para mostrar as principais estratégias e processos que uma dada população utiliza na promoção das identidades, e das sociabilidades, contribuindo para a activação dos espaços públicos disponíveis, estando estes situados no centro histórico, espaços esses que actualmente se tenta revitalizar, após um passado de abandono.

Silves é uma cidade com um passado muito rico. Sendo uma cidade antiga e monumental, talvez a mais monumental do Algarve, está cheia de vestígios dos tempos arábicos, romanos, entre outros.

É difícil chegar às origens desta cidade mas hoje sabe-se que há vestígios do Homem do Paleolítico por todo o concelho de Silves. No caso, registou-se uma ocupação ao longo dos séculos por parte de romanos e árabes. A cidade conheceu o seu esplendor durante a época da ocupação árabe, vendo aparecer aqui uma elite de músicos, poetas e escritores, pessoas ligadas às artes, tornando-se assim, inevitavelmente, uma cidade marcadamente cultural. É no Reinado de D. Afonso III que a cidade de Silves passa para mãos portuguesas.

O reino de Silves durante a ocupação árabe foi governado por Al-Mutamide, filho de Al-Mutadid, que por sua vez governava o reino de Sevilha. Até ao ano de 1198 Silves viveu pacificamente sob um reinado árabe, mas neste ano D. Sancho I toma a cidade de Silves para o reinado de Portugal, passando assim a intitular-se “Rei de Portugal e de Silves”. Não durou muito a ocupação portuguesa sobre Silves, voltando rapidamente aos árabes. Só no ano de 1249 se dá a reconquista definitiva de Silves para Portugal, reconquista esta levada a cabo por D. Paio Peres Correia, ao serviço de D. Afonso III.

Desde o começo do desenvolvimento da procura turística no Algarve, que todo o concelho procurou desenvolver a sua região criando uma oferta turística bastante virada para o turismo balnear, visto o concelho de Silves ter as vilas de Armação de Pêra e Pêra e as suas praias para explorar.

A partir de 2005 é criada a Feira Medieval de Silves, contando esta já com sete edições marcadas sempre por recriações históricas com bastante rigor histórico, tendo também uma vertente lúdica e turística. Esta encontra-se entre os eventos de referência nacional deste género.

Para a realização desta feira foram escolhidos os séculos XI, XII e XIII devido ao facto destes serem os séculos do esplendor da cidade e, também, por melhor representarem a pluralidade da cultura local.

Através desta festividade onde são recriadas por encenações momentos épicos da histórica da cidade, tentando-se não só que a população que visita a cidade tenha uma visão do que terá sido outrora o Al-Gharb (Algarve), mas também procurando-se fortalecer os laços identitários da população local.

As razões da escolha da cidade de Silves como estudo de caso prendem-se primeiramente com o facto desta ser a nossa cidade e sempre nos ter despertado um interesse especial pela feira medieval aqui realizada.

Acresce ainda a atmosfera marcadamente histórica que se vive na cidade através do seu rico património material e imaterial.

Outro factor que influenciou a nossa escolha foi não termos conhecimento de estudos antropológicos realizados sobre Silves utilizando as temáticas aqui abordadas.

No presente trabalho procurar-se-ão analisar o turismo cultural na sua profunda relação com o património e influenciando estes as cidades históricas e os seus centros históricos.

Nesta linha o problema de pesquisa desta dissertação é determinar se a activação patrimonial centrada nos centros históricos, das cidades históricas, com recursos a processos de recriação histórica, pode contribuir e, de que forma, para a sua revitalização, para a construção e reconstrução das identidades locais e, ainda, para a atracção de visitantes. No caso, pretende-se analisar e perceber de que forma o património é frequentemente utilizado e recriado para atrair turistas culturais. Pretendeu-se ainda, no caso das recriações históricas, perceber de que forma são as mesmas percebidas pelos visitantes e pelos residentes. A feira medieval de Silves constituirá, na pesquisa, objecto de um estudo. Para a concretização da presente pesquisa privilegiámos a utilização, como já foi referido, de métodos multidisciplinares e, no caso, tanto a perspectiva diacrónica de análise, facilitando a análise dos processos de transformação e de mudança, como a perspectiva sincrónica.

Com esta investigação pretende-se contribuir para um maior desenvolvimento da abordagem antropológica em torno do turismo e do património, dada a actualidade das temáticas tratadas. Espera-se também que esta estimule a realização de futuras investigações sendo retomada e intensificada a pesquisa com base na produção teórica e empírica aqui apresentadas.

No início do trabalho iremos apresentar os conceitos que mais contribuíram para este trabalho, como é o caso do turismo, património, cidade e memória. Mas ao longo do trabalho exposto iremos ainda abordar outros conceitos também relevantes para a sua elaboração.

1.2 Enquadramento teórico – conceptual

Começaremos este trabalho por esclarecer os conceitos utilizados e como estes se articulam de forma a podermos sustentar a argumentação teórica do problema de pesquisa.

A identidade constitui uma questão central na pesquisa. O conceito de Identidade surgiu em 1960, nos Estados Unidos da América, e é aqui que este é divulgado às ciências sociais. Este torna-se claro com as publicações, em 1963, de “Estigma” por Ewing Goffman e de “Convite à Sociologia” por Peter Burger. (Moreira, 2006).

Entre os autores que têm tratado da questão das identidades e apresentado alguns dos seus principais elementos caracterizadores foi Carlos Diogo Moreira que refere o seguinte:

A Identidade, “como se adverte desde a filosofia grega até à Ilustração, é simultaneamente o comum e o indivisível, o diferente e inconfundível. É a permanência e a mudança, o próprio como dado e o próprio como adquirido. É, por outro lado, a antologia monista, o instinto de segurança que se converte em deontologia de unidade, em mecanismo de agregação. Mas é também paixão pela liberdade, pelo projecto próprio, pelo desenvolvimento das diferentes potencialidades que nos singularizam. A identidade é tensão entre o eu e o outro. É a resposta à busca de adaptação ao mundo e por isso é um perpetuum, isto é, constitutivamente incompleta: daí a sua plasticidade, o seu dinamismo, a sua contingência, a sua impureza” (2007:35).

No que respeita à construção da identidade pode dizer-se que é um processo complexo e contínuo. As identidades são relações que se adaptam no tempo e no espaço em que estão inseridas.

A identidade está relacionada e pode ser definida com o grau de solidariedade que um indivíduo tem para com o grupo a que pertence, ou seja, o indivíduo tem a sua identidade, mas esta estará sempre relacionada com o grupo, com a identidade do grupo, com os momentos vividos e partilhados por estes. Acresce ainda, de acordo com Elsa Peralta e Marta Anico que “identidade é reconhecimento e pertença” (2006:2). No caso, o indivíduo sabe que pertence a um grupo e partilha a sua identidade com esse grupo. A identidade não é algo que nasça espontaneamente com o grupo.

O património está intimamente relacionado com a identidade, como afirma Juan Agudo Torrico, considerando ele que “um património colectivo expressa a identidade histórica e as vivências de um povo” (2006:21).

A identidade para ser efectiva necessita de pilares simbólicos, que possuem uma solidariedade sentida pelos indivíduos que integram um grupo, sendo que o património providencia o material necessário para que essa solidariedade entre indivíduos seja criada. Neste sentido interessa, em seguida, debruçarmo-nos sobre o património.

De acordo com Llorenç Prats e Agustin Santana “o património é sempre e em todos os casos, sem excepção, uma construção social” (2005:10). Acresce ainda que no passado, os objectos, formam o património de um povo, mas o património não se esgota no passado.

O património ultrapassa as questões utilitárias. Como refere Prats “tudo aquilo que socialmente se considera digno de conservação independentemente do seu interesse utilitário” (1998:63). Por seu turno, o património refere-se a um contexto temporal. Assim sendo, é património, ou seja, o que consideramos como património no passado, pode hoje já não o ser.

Cada pessoa atribui um valor diferente ao património e, sendo, assim é necessário compreender o valor deste. Ballart classifica o valor do património segundo três categorias:

- a) Um valor de uso: refere-se ao valor de uso no sentido de pura utilidade, ou seja, o património como objecto que serve para fazer alguma coisa, que satisfaz uma necessidade material, de conhecimento ou de desejo. É a dimensão utilitária do objecto histórico.
- b) Um valor formal: este valor refere-se ao facto de que determinados objectos são valorizados pela atracção que despertam nos sentidos, pelo prazer que proporcionam na sua forma ou outras qualidades sensíveis, e pelo mérito que representam.
- c) Um valor simbólico-significativo: por valor simbólico entende-se o sentido que os objectos do passado têm, enquanto veículos de alguma forma de relação entre a pessoa ou o grupo que os produziram ou utilizaram com a pessoa ou grupo que o utiliza actualmente. Neste sentido os objectos actuam como presenças substitutivas e são um nexo entre pessoas separadas pelo tempo, através do testemunho de ideias, factos ou situações do passado.

(2002:65-66)

Em 1983 a National Heritage Conference define o património como: “that which a past generation has preserved and handed on to the present, and which a significant group of population wishes to hand on to the future” (1995:8). O património expressa as recordações que um individuo tem do seu passado e que foram deixadas pelas gerações passadas, como monumentos, objectos, tradições, gastronomia. Podemos assim dividir o património em material e imaterial. O património material é formado por bens culturais,

constituídos por objectos, artefactos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer, como, uma igreja, um edifício, as cidades, uma escultura ou pintura, um livro, um artefacto, etc. O património imaterial integra os conhecimentos adquiridos pelos indivíduos, as técnicas, o saber fazer, as crenças, os rituais, as festas, a gastronomia e as tradições (Jesus, 2008).

As questões referentes aos elevados encargos envolvidos na preservação do património surgem como algo a ser resolvido. Para colmatar estas despesas com a salvaguarda do património, este foi tornado de âmbito público, sendo de acesso livre aos indivíduos. No entanto Lowenthal assume que o “património deve ser salvaguardado da contaminação publica” (1989:213), querendo isto dizer que os indivíduos ao terem livre acesso ao património o vão contaminar, danificar, visto a população e os visitantes terem perdido a sua capacidade de percepção educacional e cultural.

Com o Património cria-se com o património, por parte do público, um sentido de nostalgia, contrário à capacidade de o perceber, tornando assim o património cada vez mais atractivo, como destaca Lowenthal quando refere o seguinte: “if the past is a foreign county, nostalgia has made it the foreign country with the healthiest tourist trade of all” (Lowenthal, 1985:4).

Resumindo, podemos considerar, de acordo com Peralta, “o património como uma idealização construída que permite o estabelecimento de um nexo entre o passado e o presente, substituindo o passado original pela sua representação no presente” (2008:102).

Importa também aferir o conceito de Património Cultural. Pode dizer-se que o conceito de património cultural nasce inicialmente em 1980, em França. Este surge, segundo Ballart quando “um indivíduo ou grupo de indivíduos identifica como seus um objecto ou um conjunto de objectos” (1997:17). Estes objectos estão relacionados com o passado, com a tradição desses indivíduos. São atribuídos a estes objectos significados sociais, valores, estando também relacionados com a memória e a identidade do grupo a que estes indivíduos pertencem.

A 17 de Outubro de 1972 é promulgada a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, sendo que a partir daqui será dada uma maior importância ao património, contribuindo assim para a sua salvaguarda. Esta convenção tem como objectivos definir o que é o património e como deve ser salvaguardado. Sendo assim esta convenção definiu como património cultural:

- Os monumentos: obras arquitectónicas, esculturas ou pinturas monumentais, objectos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.
- Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitectura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.
- Os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

(UNESCO, 1972:artigo 2).

Em Portugal a legislação para a protecção do património cultural já é antiga, sendo decretada no reinado de Dom João V, a protecção de edifícios, monumentos e objectos, como se refere: “daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, [poderá] desfazer ou destruir em todo nem em parte, qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos ainda que em parte esteja arruinado e da mesma sorte as estátuas, mármores e cipós” (Pérez, 2009:152). O decreto estabelecido por Dom João V¹ previa a atribuição da administração e salvaguarda dos referidos monumentos às administrações locais, cabendo a estas punir quem os danificasse.

Em época recente, para efeitos jurídicos pode dizer-se que integram o património cultural “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objectos de especial protecção e valorização...a língua portuguesa...os bens materiais...os bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesa... os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa” (Artigo 2º da lei nº 107/2001, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural).

O património cultural aos poucos deixa de lado a visão monumentalista, historicista e tradicionalista que o compunha para seguir uma visão antropológica. Quer isto dizer que deixou de se perceber o património apenas como objectos e monumentos tradicionais para se ter em conta os bens culturais imateriais e a vida social à volta do monumento, isto é, “os patrimónios culturais vivos junto com os seus sentidos e valores” (Pérez, 2009:153).

¹ Dom João V foi Rei de Portugal desde 1707 até à sua morte em 1750.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que se deixou de perceber o património cultural como um bem cultural das classes ricas, para a partir daí este património estar ao alcance de todas as classes sociais.

A cultura é um bem que não se pode preservar, mas pode-se conservar através do conhecimento que é transmitido de geração em geração. A antropologia, juntamente com outras ciências sociais, está a contribuir para que se conserve o conhecimento e a diversidade cultural. No caso, refere Prats o seguinte: “Éste es el verdadero patrimonio cultural que la humanidad puede conservar y transmitir” (Prats, 1997: 62). Foi através do conhecimento assim como dos sistemas e dispositivos culturais que se tornou possível ao homem adaptar-se em situações adversas à vida no nosso planeta e à convivência com os outros seres humanos.

Outro conceito de relevante importância para este trabalho é o de Turismo. No caso, Xerardo Pereiro na sua obra “Turismo Cultural” (2009) dá-nos a conhecer que o turismo é um dos conceitos mais atentamente estudado pela antropologia, visto vivermos num mundo turístico onde as pessoas se movimentam de um lado para o outro, conhecendo novas culturas, novas línguas, criando relações com outras comunidades, alterando-se identidades e memórias. “O turismo é uma actividade consumidora de culturas” (Santana in Pereiro, 2009:5).

Associa também Pereiro o turismo à antropologia como forma de peregrinação em busca de sentido. Refere ele que “o turismo e a antropologia são duas formas de peregrinação na procura do sentido da vida perdida, ambos praticados com um bilhete de ida e volta suportando certas incomodidades, em ambos os casos se procura demonstrar o facto de ter estado lá” (2009:6).

A palavra turismo foi pela primeira vez utilizada em 1811, numa publicação da revista “Sporting Magazine”. Para o definir temos não só o ponto de vista cultural, como temos também o económico e jurídico que tem em vista quantificar o número de visitantes que anualmente se deslocam de um país para outro, ou mesmo dentro do seu próprio país tendo como motivo principal férias, ou tempo de lazer. Em 1950 a Organização Mundial do Turismo² define o turismo como “a estadia de uma pessoa fora da sua morada habitual por mais de 24 horas e por motivos de lazer, descanso, aventura ou negócio” (2009:7). Esta

² A Organização Mundial do Turismo integra as Nações Unidas. Portugal faz parte da OMT desde 1976, e é representado pelo Turismo de Portugal. As principais preocupações da OMT estão relacionadas com os objectivos de desenvolvimento do milénio, o desenvolvimento de um turismo responsável, sustentável e acessível a todos. Tem em atenção os países em desenvolvimento, a implementação do Código Mundial de Ética do turismo, a avaliação económica do turismo e por fim a formação e a gestão de conhecimentos.

definição serviu ainda para distinguir dois tipos de visitantes, os turistas e os excursionistas. Estes últimos são classificados como “aqueles que visitam um local turístico, mas regressam à sua morada habitual em menos de 24 horas” (2009:7).

Na génese do turismo temos a questão do tempo. No caso, o turismo pode ser dividido em dois tempos, o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Com a alteração dos tempos de trabalho e a conquista das férias pagas, o tempo de lazer foi ocupando um “espaço” mais significativo e tornou-se mais importante para os indivíduos, já que é neste tempo de lazer que os indivíduos vão aproveitar para viajar e passear.

Praticar turismo tem por objectivo a integração identitária do indivíduo na sociedade actual, visto esta desenvolver as identidades sociais que são à partida definidas pelo estatuto social do indivíduo. Não obstante o processo de democratização das sociedades e do turismo, constitui este, ainda hoje, um marcador da estratificação social. Como refere Pereiro, só pratica turismo quem tem posses para tal, levando assim a que o turismo seja uma forma de distinguir estatutos sociais. Acrescenta ainda que “o tempo de lazer é, hoje, fundamentalmente, um tempo de consumo” (2009:14).

Os produtos consumidos pelo turismo servem para construir uma identidade social que é simbolizada através de artefactos, objectos, imagens e lugares consumidos. Segundo Bourdieu (1984) “as classes sociais lutam para se distinguir umas das outras através da educação, ocupação e consumo” (Pereiro, 2009:15). Para compreendermos então este consumo desmedido do turismo é necessário associar este às classes médias visto que são estas as grandes detentoras do capital económico necessário para consumir o turismo como um produto.

O turismo desenvolve-se principalmente a partir do momento em que as classes trabalhadoras passam a ter tempo de férias, e começam a utilizar este tempo para viajar, principalmente para destinos com praia e sol. Surge assim o turismo de massas. O antropólogo Jafar Jafari interpreta a aparição do turismo de massas como “o desejo de quebra na rotina diária” (Pérez, 2009:20), e o outro factor do surgimento deste tipo de turismo está relacionado com o esgotamento por parte dos trabalhadores, após longos períodos de trabalho intensivo, levando a que um tempo de lazer e de férias os habilite novamente a trabalhar durante longos períodos de tempo (Pereiro, 2009).

Margarita Barretto na sua obra “Turismo y Cultura” (2007) dá-nos a sua definição de turismo. Considera esta autora o seguinte: “en la experiencia de contingentes de personas (turistas) que se desplazan de su lugar habitual de residêcia, hacia outro, durante un período de tiempo, com su carga de expectativas provenientes de las más diversas fuentes y por los más diversos motivos posibles” (2007:25). Esta autora afirma que as componentes

do turismo, de acordo com o respectivo modelo económico, são os turistas, de um lado, juntamente com os consumidores e, são estes que, em conjunto, constituem a procura do turismo; por outro lado temos os criadores das atracções turísticas e a atracção em si mesma e que, conjuntamente com os prestadores de serviços, compõem a oferta turística.

O turismo é um fenómeno que se movimenta no espaço e no tempo, e para tal necessita de infra-estruturas de apoio e serviços técnicos. “El turismo presupone la existencia de infraestructura turística y de atractivos” (Barretto, 2007:12). As infra-estruturas necessárias para que o turismo se possa realizar são hotéis, restaurantes, aeroportos e transportes. Para que as cidades se tornem competitivas a nível do turismo têm que criar estas infra-estruturas para os visitantes, conseguindo assim uma dupla função com estas, por um lado conseguem atrair mais turistas para a sua cidade desenvolvendo a economia local e, por outro, lado arranjam mais postos de trabalho para a sua população local.

Ainda segundo Margarida Barretto a “cultura del turismo, pues el turismo es, también un fenómeno cultural historicamente determinado” (2007: 21). A cultura do turismo está intrinsecamente relacionada com as regras sociais que regem o comportamento dos turistas, desde o momento da preparação da viagem, ao momento da dita estadia no local e por fim, ao regresso a casa. Um exemplo que expressa estas regras sociais é o caso do início da história do turismo em que era mal visto, em toda a Europa, as mulheres viajarem sozinhas. Esta ideia de que as mulheres não podiam viajar sozinhas é uma ideia que está associada à cultura da época. Portanto, quando se viaja para qualquer destino tem-se em conta as regras socialmente impostas para esse local de destino.

Erik Cohen (1972) distingue duas formas de turismo, fazendo estas parte da cultura do turismo. A primeira é aquilo que socialmente se espera que um individuo faça, ou seja, que este contrate um agente de viagens para lhe organizar a viagem e a estadia no destino, que vá aos locais tipicamente visitados pelos turistas e que desfrute da viagem com os seus companheiros de viagem e, por fim, que estes tirem muitas fotografias para ao regresso as mostrarem aos seus amigos e familiares. Esta primeira forma de turismo pode ser considerada como turismo de massas, no qual os indivíduos viajam para os destinos típicos, visitam os locais típicos, etc. A segunda forma institucionalizada de turismo, ou poderemos dizer a forma não institucionalizada de turismo, categoriza-se por ser completamente diferente da primeira, visto que, aqui, quem organiza a viagem é o próprio individuo. Este prefere ir a locais pouco visitados, interagir com a população local do destino e evitar os grupos turísticos: “el explorador trata de evitar la ruta del turista de masa y los lugares turísticos tradicionales” (Cohen, 1972:174).

Um dos tipos de turismo que importa destacar é o Turismo Cultural. Segundo Licínio Cunha o turismo cultural agrega as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião) (2001). Os indivíduos que escolhem o turismo cultural em detrimento de outros tipos de turismo fazem-no porque preferem visitar os centros históricos das cidades, os monumentos, os locais onde as grandes civilizações mundiais se desenvolveram.

Na obra “El Património Cultural: la memoria recuperada”, de Francisca Hernández são apresentados 3 tipos distintos de turistas culturais, sendo estes “los especialistas” (2002:379) que viajam regularmente, relacionando-se assim o turismo com a sua actividade profissional. “Los turistas muy motivados” (2002:379) que por sua vez são os turistas cuja principal motivação para viajar é a sua motivação cultural, e por fim “los turistas ocasionales” (2002:379). Para este tipo de turistas a sua principal motivação para a viagem não é a cultural, mas sim o lazer, acabando embora esporadicamente por realizar alguma actividade cultural durante a sua viagem.

É a partir do século XIX que se dá a junção do património com o turismo. Isto graças aos descobrimentos do motor a vapor e da transformação da industria dos transportes, tornando assim muito mais fáceis as deslocações das populações (Hérmendez, 2002).

A articulação entre património e turismo tem sido objecto de análise por parte de vários autores como é o caso de Prats e Santana. Assinalam eles, designadamente o seguinte: “el turismo cultural es turismo patrimonial y el patrimonio no es la cultura” (2005:16). Do exposto resulta que o património pode integrar-se no mercado do turismo e ser vendido como um produto, mas ao contrário a cultura não pode ser vendida, porque esta deve ser vivida, experienciada pelos indivíduos.

Enquanto síntese simbólica de referentes identitários, o património de uma determinada cultura fornece, “os motivos e as imagens que alimentam a indústria turística, e, esta última, recria os elementos culturais que dão substância à imaginação colectiva, acrescentando-lhe novos elementos num processo de complementaridade e retroalimentação” (Anico e Elsa, 2005: 29). O património e o turismo são duas indústrias compatíveis e que se complementam mutuamente. O papel do património aqui é de converter os locais em destinos turísticos e o papel do turismo é viabiliza-los.

Segundo Hérmendez “el turismo presiona e insiste en visitar y disfrutar del patrimonio” (2002: 374). A actividade turística quer usufruir do património, mas ao mesmo tempo necessita de o conservar, para que tal usufruto possa acontecer. O turismo e a sua

actividade acarretam aspectos positivos e negativos ao património. Como aspectos positivos temos a sua preservação, visto este se tornar num produto do turismo, mas ao mesmo tempo que isto acontece, o património torna-se num objecto bastante desejado pelos visitantes e, muitas vezes, não é tratado com os cuidados que deveria, levando assim ao seu desgaste.

Uma das temáticas que iremos abordar neste trabalho é a da Cidade como espaço e lugar de vida colectiva e de memória. A cidade é um espaço público que pertence a um povo e como tal deve ser vivida e experienciada por todos os indivíduos.

“Tal como a sociedade, as cidades sofrem transformações mais ou menos intensas ao longo do tempo” (Fortuna, 1997:2). Como tal iremos descrever brevemente a evolução da cidade.

Juntamente com as cidades e as suas transformações surge o conceito de espaço público. Este remonta a séculos passados. Já desde os Gregos e os Romanos que assistimos à preocupação de tornar as cidades em espaços bem planeados, sendo também construídas de modo a satisfazer as necessidades do povo que a habitava.

“Estas cidades eram compostas por um sistema de ruas rectilíneas, com duas ruas principais que se cruzavam exactamente no centro. Neste importante centro surgiram os principais espaços públicos – o fórum e o mercado – onde a maioria da população se concentrava”. (Ferreira, 2009:39) Aqui o fórum era composto por lojas e locais de aprendizagem e, o mercado, correspondia ao centro de comércio local.

Nas cidades para além do fórum e do mercado como espaços públicos, existiam também, com frequência, as termas. Estas não serviam apenas para banhos, sendo também locais de encontro, conversa e de lazer. Um exemplo de cidade que abarcou estes três lugares como espaços públicos foi a cidade de Silves, a qual será objecto do nosso estudo.

Devido à Revolução Industrial passou a ser dada grande importância às máquinas, dando-se assim uma evolução tecnológica repentina. A cidade sofre grandes transformações e os núcleos importantes desta transferiram-se para a periferia onde se instalaram as fábricas.

A partir da década de 70 observa-se a cidade a ser novamente repensada para as pessoas, surgindo também, nesta época, a preocupação em restaurar a cidade, ou seja, atribuir-lhe os significados que em tempo perdeu.

Em suma, “a cidade é um espaço de pertença. Cada cidade conta uma história única, escrita através dos seus edifícios, das ruas e praças, dos cheiros e sons”. (Silves: cidade mediterrânica, s.d.).

A cidade histórica é um dos vários tipos de cidade. Para Calle Vaquero, “as cidades históricas constituem um tipo especial de aglomerações urbanas [e] são entidades onde o património cultural constitui o principal referente da identidade urbana” (2002:17).

As cidades históricas devem ser preservadas e restauradas para que as gerações futuras possam desfrutar destas, visto que é através do património existente nas mesmas que nos é dado a conhecer o nosso passado.

Nos nossos dias as cidades históricas têm ganho mais relevo devido ao turismo. Há cada vez há mais turistas que buscam estas cidades como os seus principais destinos porque o “património constitui o núcleo da identidade urbana das cidades históricas, e de forma paralela, a base da sua atractividade turística” (Calle Vaquero, 2002:25).

Segundo Brito, o conceito de centro histórico é o “conjunto urbanístico original de formação do município, podendo estar compreendido espacialmente em sua totalidade, como é o caso das localidades que sofreram estagnação económica, ou em sua parcialidade, como é o caso de localidades que tiveram uma dinamização económica expressiva e, em decorrência, sofreram processos de expansão e renovação urbana com ou sem a permanência de suas características originais” (Brito in Jesus, 2008:126).

O centro histórico de uma cidade torna-se num espaço público muito importante para a sua população. Aqui é necessário preservar o património cultural visto este ser, para a população, um local de memória colectiva.

Actualmente o que se tem verificado tanto a nível nacional como internacional, nas iniciativas de revitalização dos centros históricos é uma busca por um duplo objectivo: por um lado restaurar os monumentos, ou seja, revitalizar o património histórico-arquitectónico e por outro, atribuir novos valores a estes espaços e monumentos, tornando-os espaços com uma nova utilidade.

De acordo com Jesus (2008), algumas cidades transformaram todo o seu tecido urbano tradicional num tecido urbano moderno. Outras tentaram preservar a todo o custo o seu tecido urbano original. Hoje o que se tenta fazer é preservar os centros históricos fazendo pequenas mudanças, apenas para os adaptar às necessidades actuais.

“A reabilitação de edifícios históricos para usos culturais passou a ser um dos principais êxitos de uma politica publica de revitalização urbana em espaços degradados, e responde a uma demanda cultural e artística das sociedades

contemporâneas. O centro histórico, como fragmento da cidade e espaço de representação cultural, confere valor simbólico ao espaço urbano, de forma que se converte em área representativa e de identificação da cidade” (Jesus, 2008:120).

Um conceito importante para este trabalho é o de Memória. Este é um conceito que tem sido abordado desde o século XIX por diferentes disciplinas das ciências sociais, como é o caso da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia.

O primeiro autor a teorizar sobre memória é Halbwachs, que “viria a inaugurar uma conceptualização da memória enquanto fenómeno eminentemente colectivo” (Peralta, 2008:55). Para Halbwachs a “função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado colectivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem” (Peralta, 2007:6).

Para este autor o indivíduo recorda porque faz parte de um grupo. Sendo assim a memória individual é condicionada por pertencermos a um grupo, já que o que recordamos enquanto indivíduos é condicionado pela sociedade a que pertencemos. Esta negligência das “tensões dialécticas existentes entre a memória individual e a construção social do passado” foram largamente criticadas por Fentress e Wickham. Estes autores criticam a forma como Halbwachs enfatiza excessivamente a “natureza colectiva da consciência social” (Fentress e Wickham, 1992) e põe de parte a consciência individual de cada um. Para que tal não aconteça Fentress e Wickham preferem designar a memória como memória social, em detrimento da designação de memória colectiva, dada por Halbwachs.

Ao falarmos de memória social, estamos a falar de uma memória que é ao mesmo tempo individual e colectiva.

A memória social situa-se no tempo e no espaço. Para se recordar é necessário ter referências e é através do tempo e do espaço que estas referências são criadas. Halbwachs observa que “a memória colectiva toma o ponto de apoio nas imagens espaciais” (Fernandes, 2002:14). O grupo é afectado pelo lugar onde se encontra e o lugar também é afectado pelo grupo. Um grupo ao viver tanto tempo num determinado lugar acaba por o transformar, adquirindo assim hábitos relacionados com este lugar, o qual é regulado pela sucessão de imagens materiais que representam os objectos deste lugar.

Maurice Halbwachs é o autor de duas importantíssimas obras sobre a memória, “Les Cadres Sociaux de la Mémoire” e “La Mémoire Collective”. Nestes trabalhos o autor defende

que “é através da pertença a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar e evocar as suas memórias” (Connerton, 1993:44).

A nossa memória pode ser auxiliada pela memória dos outros, neste caso do grupo. Nós recordamos enquanto indivíduos, mas recordamos o passado porque somos incitados a isso pela memória dos outros membros do grupo. A memória de um grupo é evocada por ser algo que une o grupo e isto é afirmado por Connerton: “é por o mesmo grupo estar interessado na nossa memória, e ser capaz de a evocar que elas se conjugam nos nossos espíritos” (1993:44).

Para Halbwachs a “recordação é em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo do presente e preparado, aliás, por outras reconstruções, feitas em épocas anteriores e cuja imagem de outrora saiu já bem alterada” (Fernandes, 2002:29).

Uma das técnicas de promoção da participação e de sensibilização para as questões do património e da história é a “Living History” que foi iniciada em Inglaterra pelo departamento The Historic Buildings and Monuments Commission for England. Esta tem por objectivo “promover junto do público o gosto pela História e o conhecimento da mesma; realçar junto do poder público central e local, da comunidade científica e educacional as potencialidades turísticas da recriação histórica; cativar as pessoas em geral para a prática de passatempo apaixonante, gratificante e comunicativamente útil” (Sole, S.d.:4).

O primeiro contacto do “Living History” (História ao Vivo) com Portugal teve lugar através da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) em finais de 1985, através do Doutor Fernando António Baptista Pereira, membro da direcção. Esta técnica de “Living History” despertou logo o interesse de outras personalidades, como foi o caso de Maria Manuela Mota, na época, presidente da APOM.

Sob orientação de Maria Manuela Mota realizou-se, em Maio de 1986 um colóquio com o intuito de divulgar em Portugal o conceito de “Living History” (Coelho, 2009).

“Ao todo reuniram-se 120 participantes: directores, conservadores e pessoal técnico superior de museus do continente e ilhas; directores e conservadores de museus do Brasil; presidentes das Associações Brasileira de Museologia e de Museólogos da Bahia; representantes do English Heritage” (Coelho, 2009:35).

No início do seu surgimento em Portugal defendia-se que nestas acções não devia existir público, visto não se circunscrever a um espectáculo – “quem assistia teria de se vestir e encarnar um personagem da época retratada” (Coelho, 2009:17). Actualmente considera-se que a acção de “História ao Vivo” ou, recriações históricas, podem atingir os

resultados pretendidos, destinando-se à participação de um público-alvo ou apenas à sua participação como espectadores, sendo de notar que quando há participação do público este tem que encarnar uma personagem da época que estão a retratar.

Nos primórdios da sua existência, a “História ao Vivo”, destinava-se exclusivamente à comunidade escolar. No entanto hoje em dia destina-se a uma multiplicidade de públicos, sendo uma forma útil de promover o turismo cultural das várias regiões do nosso país.

Esta acção era representada por voluntários que recebiam primeiramente uma formação. Esta formação era dada por historiadores. Actualmente é representada por actores profissionais que fazem da representação nas recriações históricas o seu modo de vida.

“A História ao Vivo recorre ao trabalho de actores, animadores formados para o efeito obrigados ao estudo dos personagens que irão desempenhar, através do livro ou dossier que reúne toda a informação recolhida, nestes não se definem falas rigorosas, pois não se trata de representar mas sim de improvisar encarnando personagens de uma época de forma mais natural possível” (Coelho, 2009:17).

“Com esta prática mantemos viva a história e o património, tantas vezes ignorados e olvidados” (Coelho, 2009:20). A História de uma região e do seu povo é dada a conhecer de uma forma lúdica, estando esta ao alcance de vários públicos independentemente do conhecimento que este público possa deter sobre esta região.

Com as representações da história ao vivo, os visitantes e a população local “aprendem a amar e a respeitar a memória cultural e tradições de um povo ou de uma região, ou de um sítio histórico quase esquecido” (Coelho, 2009:20).

Tanto a recriação histórica como a História ao Vivo e a animação histórica são formas de dar a conhecer a história, o passado de um local, a todo o tipo de públicos, até mesmo àqueles que dizem não gostar de história.

1.3 Metodologia

Qualquer trabalho nas ciências sociais pressupõe o recurso a diversos métodos e técnicas de recolha de dados. Para tal é necessário começar por uma pesquisa bibliográfica. Considera Diogo Moreira que “A pesquisa bibliográfica de literatura relevante constitui (...) um passo preliminar essencial em cada projecto de pesquisa” (1994:28).

No decurso da nossa investigação realizámos pesquisas bibliográficas e documentais em vários locais especializados como foi o caso das bibliotecas, do ISCSP, do ISCTE, do ICS, da Biblioteca Nacional e Turismo de Portugal. Procurámos referências bibliográficas actuais sobre a temática em estudo, mais precisamente, sobre antropologia do espaço, turismo, património, memória, feiras e eventos e, metodologia.

Em Silves deslocámo-nos à Câmara Municipal e à biblioteca local a fim de obtermos informações detalhadas sobre a história da cidade, o seu património, a sua cultura e a feira medieval. Recorremos ainda à Internet para nos inteirarmos das obras mais recentes sobre as temáticas tratadas. Paralelamente efectuámos também pesquisa nas bases de dados fornecidas no ISCSP, como é o caso do JSTOR e ProQuest, que fornecem o acesso a publicações periódicas em ciências sociais.

Através da pesquisa documental foi possível assegurar-nos da relevância temática do objecto de estudo e da sua pertinência e actualidade.

Como salienta Fátima Amante: “o trabalho de investigação exige a especificação, não apenas da instrumentalidade teórica que comanda a pesquisa empírica e entendida como o conjunto articulado de conceitos e relações entre conceitos substantivos que se reportam ao real, como também das estratégias e técnicas de investigação que organizam a prática científica e orientam as operações técnicas de recolha e tratamento da informação” (2004:74).

Como técnicas privilegiadas foram seleccionadas a observação participante e a entrevista qualitativa. Foram estas as técnicas seleccionadas para a pesquisa qualitativa, já que, como afirma Moreira, estes são os “dois grandes métodos de obtenção de dados qualitativos” (1994: 93).

No terreno utilizámos a observação participante que, na perspectiva de Fetterman para uma maior objectividade deve associar a perspectiva “émica” com a “ética”. Salienta este autor que: “participation in the lives of the people under study with maintenance of a Professional distance that allows adequate observation and recording of data” (1998:34-35).

A escolha da entrevista semi-estruturada ocorreu de forma natural, sendo esta um dos tipos de entrevista. Apresenta Fátima Amante algumas das principais vantagens desta

técnica: “maior flexibilidade, tanto ao investigador enquanto entrevistador, como ao entrevistado que pode gerir o seu discurso de uma maneira mais adequada com aquilo que são as suas maneiras de encarar as situações” (2007:48).

Na aplicação da entrevista semi-estruturada utilizámos o guião de entrevista. No entanto, outros registos podem ser utilizados na aplicação desta técnica de recolha de informação, como é o caso dos meios fonográficos, como refere Fernandes: “Relativamente ao registo de dados obtidos pelas entrevistas, a academia recomenda a utilização do gravador, com as devidas cautelas inerentes ao seu uso e modo de funcionamento” (Fernandes, 2009:45).

Ainda de acordo com Fernandes outros meios podem ser utilizados. Considera ele que “No processo de investigação o investigador colhe e regista inúmeras informações de variadas formas” (2009:45). Para além da recolha de informações escritas, utilizámos também, uma máquina fotográfica como meio documental e ilustrativo, podendo assim registar as situações observadas. Tirámos inúmeras fotografias ao longo da feira medieval, ilustrando vários momentos distintos, sendo estas representativas da vivência da feira medieval.

Durante a estadia no terreno tivemos oportunidade de poder participar na preparação da feira medieval, juntamente com os seus organizadores. Não só pudemos aceder a todos os preparativos da feira como durante a execução desta estivemos sempre em contacto com os organizadores do evento, neste caso a Câmara Municipal de Silves.

Para além destas duas técnicas de investigação qualitativa, achámos pertinente o uso de técnicas quantitativas, nomeadamente o questionário.

O uso do questionário justificou-se neste trabalho porque este é “uma técnica que permite uma recolha e tratamento mais rápido dos dados” (Amante, 2007:48). Este permite ainda ao investigador chegar a um maior número de pessoas.

Acresce ainda, segundo Moreira, que “O questionário consiste num conjunto de perguntas estandardizadas de forma idêntica, lidos literalmente e seguindo-se sempre a mesma ordem ao entrevistar-se cada inquirido” (2007:233).

Nesta investigação foi utilizada o tipo de amostragem não-probabilística. Tendo nós também privilegiado a amostragem intencional. Este tipo de amostragem tanto foi utilizado para a população local como para os visitantes.

Depois da fase de recolha dos questionários, procedeu-se à análise dos dados. Aqui procedeu-se à revisão dos questionários para detectar alguma incongruência e omissão de respostas ou ainda de falhas de preenchimento destes. Após esta revisão, transferiram-se

os dados para o programa “Statistical Package for Social Sciences” (SPSS), executando ainda uma validação informática das respostas para garantir a inexistência de incongruências de respostas caso não detectadas durante a revisão manual dos questionários.

As questões relativas à população-alvo e às razões que determinaram a utilização de dois questionários, ou seja, a população local e os visitantes, assim como os principais resultados obtidos serão apresentados na Parte III, bem como os principais resultados obtidos. Para não sobrecarregar o texto serão apresentados em anexo os questionários, as tabelas e os quadros utilizados na pesquisa.

1.4 Estrutura e organização do trabalho

O presente trabalho de investigação compreende quatro partes, cada uma dela composta por vários capítulos.

Primeiramente apresentamos uma introdução em que se expõem o tema em estudo e o problema de pesquisa, a sua delimitação teórico-conceitual e a metodologia adoptada durante a pesquisa. São ainda apresentadas na introdução os motivos e os objectivos que nos levaram a escolher este tema.

Na segunda parte iremos abordar as relações entre o património histórico e as cidades, mais concretamente as cidades históricas. Assim como a relação destas cidades com os monumentos e a memória da comunidade que a ela pertence. Abordaremos ainda nesta parte as feiras em espaço público e as recriações históricas. E por fim iremos abordar as cidades históricas e os lugares de memória enquanto destinos turístico-culturais.

A terceira parte refere-se à cidade de Silves. Apresentaremos um pouco da história da cidade, os agentes da cultura aqui existentes, assim como o lazer criativo desta população. Procuraremos ainda desenvolver a temática do centro histórico desta cidade e a sua activação cultural e patrimonial.

A quarta parte diz respeito à feira medieval de Silves. Aqui iremos apresentar os resultados do estudo no terreno, assim como caracterizaremos a feira medieval, os contributos desta e a sua actividade turística.

Para terminar, seguem-se as notas finais, a bibliografia e os anexos. Nos anexos iremos incluir o guião de entrevista assim como algumas fotografias e os questionários elaborados.

Parte II Cidades Históricas e Património Cultural

2.1 O património histórico das cidades

A expressão património histórico designa segundo Choay “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que se congregam pelo seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos” (1999:11).

O património histórico é tudo o que nos foi legado pelos nossos antepassados e que tentamos proteger e conservar como um bem cultural que será por sua vez legado às gerações futuras.

Henri Rivière citado por Oreja atribui uma definição ao património histórico, que nos parece muito esclarecedora, como se segue:

Sendo “aquellos bienes materiales e inmateriales sobre los que, como en un espejo, la población se contempla para reconocerse, donde busca explicación del territorio donde está enraizado y en el que se sucederón los pueblos que le precedieron. Un espejo que la gent ofrece a sus huéspedes para hacerse entender, en el respecto de su trabajo, de sus formas de comportamiento y de su identidad “(Oreja, 2000:97).

Esta definição de património histórico estabelece uma relação entre legado e identidade, que é estendida como lugar de pertença deste património. Assim sendo, o património histórico de uma cidade não é só os seus edifícios e paisagem urbana, existindo também uma série de tradições ligadas à cidade como é o caso das festas, a gastronomia e o artesanato. Estes sustentam a identidade colectiva dos moradores e, em consequência disto, formam a cultura da cidade (Calle Vaquero, 2002).

O património histórico e os monumentos da cidade adquirem um duplo valor, e de acordo com Françoise Choay, “estes são obras que dispensam saber e prazer, colocados à disposição de todos mas também produtos culturais fabricados, embalados e difundidos tendo em vista o seu consumo” (1999:185). Acresce ainda que “o valor destes é transformado em valor económico graças à engenharia cultural” (Choay, 1999:185). Esta engenharia cultural corresponde a empresas públicas e privadas, nas quais trabalham animadores, comunicadores, agentes de desenvolvimento e engenheiros. A função destes é transformar o valor de uso do património histórico em valor económico, ou seja, num bem de consumo que possa atrair muitos visitantes.

Ainda segundo Choay “a cidade patrimonial é também teatro de festivais, festas, celebrações, congressos, verdadeiros e falsos acontecimentos que multiplicam o número de

visitantes” (1999:195). Estes acontecimentos verdadeiros e falsos são preparados pelos animadores, com objectivo de criar um ambiente propício aos visitantes, fazendo com que estes apreciem a estadia na cidade, fazendo também com que estes acreditem nestes falsos acontecimentos.

As cidades e os seus centros históricos são patrimónios históricos e estes manifestam uma imagem das dificuldades que actualmente passam. Nos nossos dias é difícil enquadrar o património edificado visto que a maioria das cidades necessita de dar nova vida aos seus monumentos, de os reutilizar. Sendo assim é necessário arranjar estratégias para que os monumentos e o património histórico sejam integrados na vida contemporânea.

Os grandes consumidores do património histórico de uma cidade não são a população local, são sim os visitantes. O declínio do consumo pelas populações locais leva a uma perda gradual das suas tradições, das suas actividades tradicionais na sua vida quotidiana.

Muitos dos responsáveis pelas cidades tendem a preocupar-se com esta perda das tradições locais porque assim, a população, acaba por perder também a sua identidade. É a identidade que torna única uma população. É esta que a distingue das outras populações.

Por outro lado há entidades que buscam a uniformização das cidades para que os turistas se sintam em casa.

Dever-se-ia ter uma preocupação especial com a questão do culto ou, indústria, tanto mais que as práticas patrimoniais começam a ficar prejudicadas pelo grande fluxo dos visitantes do passado. Neste sentido, Choay chama a atenção para as implicações da massificação do turismo: “Este fluxo consome, rói e desagrega os pavimentos, as paredes, as decorações frágeis das ruas, das praças, dos jardins, das habitações, que não foram concebidas para tantos passos apressados e tantas mãos palpantes” (1999:198).

Ao património histórico é atribuído um valor de uso, o qual se refere à qualidade do produto, usado para fazer algo ou dar satisfação às necessidades humanas. Segundo Ballart, “El valor de uso inmaterial de un objecto del patrimonio se fundamenta en la investigación que recibe, base del resultado en términos de información que proporciona y que contribuye a incrementar el deposito del conocimiento humano” (1997:68).

O valor de uso de um objecto é atribuído através da investigação e esforço humano que o segue desde a sua origem. Um bem cultural é um objecto que resulta do conhecimento humano acumulado através da prática, da experiência e da investigação.

2.2 As cidades históricas e sua dimensão cultural

Consideram Wahl e Strauss que “a cidade é um espaço de pertença” (1958). É de notar que um homem que viva numa determinada cidade, que leia as notícias sobre esta cidade, que caminhe nas suas ruas, que conviva com os seus habitantes, acabe por fazer parte física e mental da mesma. Este homem vai contribuir com uma série de associações que o vão preparar para aceitar e apreciar os símbolos característicos da cidade.

A cidade enquanto um todo é inacessível ao imaginário de cada um, a não ser que seja desconstruída e simplificada. A cidade pode ter várias representações, pode ser um local de trabalho, de lazer e de vivência.

Actualmente diferenciam-se vários tipos de cidades, sendo que, como foi referido, vamos nos centrar nas cidades históricas como objecto de estudo.

As cidades históricas antes de mais são um importantíssimo património cultural que nos foi legado pelos nossos antepassados e como tal devem ser preservadas para as gerações futuras.

Em Setembro de 1986 foi aprovada em Toledo a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas, redigida pelo International Council on Monuments and Sites (ICOMOS)³ tendo como destinatários as “cidades, grandes ou pequenas, os centros ou bairros históricos, com o seu enquadramento natural ou construído que, para além da sua qualidade de documento histórico, exprimem os valores próprios das civilizações urbanas tradicionais”⁴.

Esta Carta pretende promover a salvaguarda destas cidades históricas como também favorecer a harmonia da vida individual e social de quem nelas habita, entendendo-se então por “salvaguarda das cidades históricas as medidas necessárias para a sua protecção, a sua conservação e o seu restauro, assim como para o desenvolvimento coerente e para a sua adaptação harmoniosa à vida contemporânea” (1986:1).

Muitas cidades têm um vastíssimo património cultural, sendo este o resultado de uma acumulação de vestígios da história urbana destas cidades. Este património pertencente à cidade pode ser dividido em dois elementos: uma dimensão física da cidade

³ O ICOMOS foi fundado em 1965 em Varsóvia. O documento fundamental do ICOMOS é a Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios. Este tem sede em Paris e congrega actualmente cerca de 7000 membros agrupados em mais de 120 comissões nacionais.

que corresponde aos monumentos, às ruínas arqueológicas, aos espaços residenciais e a alguns locais com características urbanas singulares. Acresce ainda a cultura imaterial na sua dimensão urbana, sendo de notar que esta cultura imaterial é dada a conhecer através de certos aspectos da vida de um povo, que se manifesta através da sua tradição, ou seja, do seu artesanato, da gastronomia, das festas locais e das celebrações religiosas.

Ashworth e Tunbridge (1990) atribuem um duplo sentido às palavras “cidade histórica” visto que estas podem ser interpretadas como a cidade representando um todo, no sentido em que a cidade é fundamentalmente histórica. Uma cidade é considerada histórica porque os valores que lhe são atribuídos estão associados aos edifícios, aos monumentos que a compõem. Por outro lado estes conceitos podem apenas fazer referência a uma parte da cidade, mais conhecida como centro histórico, visto que na origem da cidade está o referido centro onde se podem encontrar os serviços administrativos e de lazer. Com o desenvolvimento das cidades estas vão crescendo e expandindo-se, criando assim uma nova “cidade” no terreno envolvente da cidade original, coabitando, lado a lado, uma cidade histórica e uma cidade moderna.

As cidades sofreram grandes alterações ao longo dos séculos. Podemos considerar como um dos primeiros estágios da sua evolução, a cidade medieval. Esta é caracterizada por Carlos Fortuna como sendo: “Cercadas por muralhas ou fronteiras naturais esta cidade medieval é, no fundo, toda ela um centro urbano “ (1995:1). Aquilo a que hoje chamamos de centros históricos das cidades albergavam em si todas as funções urbanas sendo assim difícil diferenciar a área residencial, da área de comércio ou ainda a área administrativa.

Com o evoluir dos anos e das tecnologias as cidades passaram a albergar, nas suas periferias, fábricas tornando-se assim em cidades industriais, e os centros destas deixaram de ter a importância que até aí detinham, entrando assim em degradação e esquecimento.

Com o fim da industrialização e com a revitalização da importância do sector dos serviços voltou-se a “olhar” para os centros das cidades.

De acordo com Lacaze “O centro situa-se em geral em volta do ponto de convergência das velhas estradas de acesso à cidade. A destruição das antigas muralhas permitiu frequentemente envolvê-la com uma avenida arborizada que separa o bairro antigo da cidade medieval dos bairros mais tardios” (1995:18).

O centro urbano ainda pode ser descrito como a zona da cidade onde se encontram agrupados os locais de poder, os monumentos, as lojas e várias actividades especializadas. Este serve ainda de local de encontro da população para ocasiões de festa, de grandes acontecimentos ou simplesmente de local de convívio.

Ainda segundo Lacaze (1995) pode afirmar-se que ao centro da cidade é atribuído um duplo valor simbólico já que este permite aos habitantes identificarem-se com a sua comunidade e ao mesmo tempo constitui, para o visitante, uma imagem condensada da cidade.

Por seu turno, Carlos Fortuna salienta que as cidades dos nossos dias, ou pelo menos grande parte delas, “apresentam hoje uma estruturação morfológica em que se combinam um centro histórico medieval, de maior ou menor valor patrimonial e arquitectónico e, contíguo a este, um outro centro de lazer, onde pontuam e convivem actividades e funções comerciais e de serviços com actividades e funções de lazer e culturais” (1995:4). Acresce ainda, segundo o mesmo autor que, “as cidades, como os indivíduos, têm as suas próprias identidades” (1997:1).

No entanto, como salienta Aguiar, são os centros históricos que constituem, com frequência, os núcleos identitários. Refere ele que “os núcleos urbanos históricos revestem grande parte do valor identitário da cidade, revelando-se como verdadeiros depósitos do seu memorial colectivo” (2002:120). No entanto, a identidade urbana pode ser entendida como o produto de várias memórias, fruto de momentos distintos de transformação urbana, formando assim o que hoje se chama de cidades históricas.

Acresce ainda de acordo com Aguiar que “cada cidade possui uma identidade, que provém das razões da sua origem, da relação com o sítio natural, mas também dos processos de crescimento e desenvolvimento, das transformações operadas por economias vocacionadas para determinadas actividades e ainda pelos agentes sociais que, no tempo, a habitam, governam e produzem” (2002:121). Resumindo, pode dizer-se que a identidade de uma cidade resulta daquilo que a cidade no seu todo decide ser, ou seja, do papel que esta decide assumir ao longo do tempo.

É de notar que com a transformação da cidade pode ocorrer a perda de identidade, estando esta relacionada com as transformações funcionais que ocorrem na mesma.

Lo Piccolo, autor citado por Aguiar, sugere que a identidade urbana é “o modo como a cidade, enquanto conjunto de cidadãos, consegue exprimir o seu próprio carácter através das suas formas físicas, num dado momento histórico, esclarecendo a relação de mútua pertença entre habitantes e lugar no interior do respectivo contexto cultural, presente mas também passado” (Aguiar, 2002:123).

Acresce ainda que o conceito de identidade se encontra tradicionalmente ligado aos processos de historização, ou seja, é mais fácil atribuir valor identitário a um património construído e que possui já uma história, já reconhecida através do tempo.

A identidade de uma cidade aparece sempre associada ao património. A identidade traduz a história de um povo que habita a cidade, contando os episódios mais marcantes do passado e do presente.

No entanto, segundo Coutinho a identidade colectiva, de grupo e individual apresentam dimensões múltiplas e complexas. Considera ele que “embora o centro histórico seja o dispositivo que exprime a identidade do grupo, não deixa de ser a identidade do lugar que as afunda, reúne e une” (2009:90). Deste modo o centro histórico de uma cidade tem que ser defendido contra as ameaças externas e internas que assolam a cidade, como a procura desmedida do turismo, sendo portanto necessário manter a coesão entre a sociedade, a cultura e o indivíduo, para que a identidade se conserve. Considera-se assim que a identidade de uma cidade tende a mudar com o tempo, ou seja, esta é evolutiva.

Os responsáveis pelas cidades tendem a preocupar-se com a imagem como as mesmas são vistas pelos indivíduos, isto é tendo em vista, a concorrência inter-cidades. Esta concorrência diz respeito à disputa das várias cidades por investimento interno e externo. Todas as cidades querem que as empresas externas venham instalar as suas fábricas, as suas lojas, os seus hotéis, nas mesmas, tornando-as assim competitivas em termos económicos.

Pode-se assim dizer-se que a imagem da cidade se divide em dois tipos: as imagens de tipo modernista, a qual busca uma iniciativa empresarial correspondendo a uma competitividade entre cidades; e as imagens patrimonialistas, as quais privilegiam os aspectos da vida local, os costumes, as festas e os rituais.

A construção das novas imagens das cidades históricas resulta, segundo Carlos Fortuna de um conjunto de entidades individuais e colectivas, como refere: “são os agentes e promotores turísticos, os criativos e designers, os profissionais da comunicação, os técnicos e decisores políticos, mas também instituições e entidades, locais ou não, que se encarregam da construção das novas imagens das cidades históricas” (1997:238).

No que respeita à apreensão da cultura urbana importa salientar o seguinte. Uma das melhores maneiras de conhecermos verdadeiramente uma cidade na sua relação modernidade e tradição é deslocarmo-nos aos mercados, às suas feiras. Ai poderemos sentir as relações humanas que se traduzem nestas, pelo seu ritmo de comércio, lazer, de compra e venda. Esta maneira de conhecermos a cidade é nos dada a conhecer, designadamente, por Maria Helena Coelho, na sua obra “Ócio e Negócio em tempos medievais”. No caso, destaca os ambientes que podemos encontrar na visita e os espaços e lugares de identidade:

“Quando visitamos uma cidade, vila, ou mesmo aldeia, portuguesas ou não, uma das melhores maneiras de as conhecermos, na relação modernidade e tradição, será dirigirmo-nos para um dos seus mercados, e se o dia for de feira, para o recinto onde esta se realiza: para lhe tomarmos o pulso, para sentirmos o ritmo sazonal e humano do trabalho e do lazer, das trocas e do comércio, da compra e da venda e da comunicação humana que trazem implícita; nada melhor do que esses lugares para nos desvendar coisas recentes ou muito antigas que despertam a curiosidade na comunidade local, naquela outra nacional ou mesmo estrangeira” (Coelho, 1998: IX).

2.3 A memória e os monumentos nas cidades históricas

Foi a partir da década de 1970 que se observou tanto na Europa como nos Estados Unidos o surgimento da preocupação com a recuperação das cidades históricas e dos seus monumentos.

Os monumentos assim como os museus são os símbolos da memória. No que se refere aos monumentos a memória destes é construída juntamente com a sua envolvente, ou seja, o que envolve o monumento, como é o caso das paisagens, que o ajudam a edificar e a transformar.

Segundo Marc Guillaume, os monumentos são hoje protegidos. No que respeita à relação estabelecida pelo património com os habitantes locais refere o seguinte: “Uma relação de familiaridade, de afectuosa indiferença, subsiste entre os restos históricos de uma cidade e os seus habitantes. Pois todos estes restos acabam por remeter, indiferenciadamente, para um passado sentido como colectivo” (2003:147).

Ou seja, os monumentos, ou “restos históricos” como lhe chama Guillaume são elementos fundamentais para a gente da cidade da qual eles fazem parte. As pessoas até podem passar por eles todos os dias com um sentimento de indiferença porque já os conhecem e sabem que estes sempre fizeram parte das suas vidas. No entanto apesar deste sentimento de indiferença, sentem uma familiaridade para com estes restos históricos porque estes contam a sua história, uma história que, de certo, não foi vivida por estes mas sim pelos seus antepassados. É um passado que é colectivo, que faz parte da memória colectiva que é partilhada pela gente desta cidade.

Carlos Fortuna, na sua obra “Identidades, Percursos e Paisagens Culturais” coloca uma pergunta muito pertinente: “serão as ruínas, os monumentos e os museus manifestações espaciais e artefactos que decoram a cidade que habitamos, ou ao contrário, serão elementos históricos, artísticos e culturais que actualizam o passado e lhe dão vida?” (1999: 29).

Na resposta à questão colocada, Carlos Fortuna considera os elementos históricos, artísticos e culturais como processos de actualização e de “vivificação” do passado. No caso, entende que os monumentos são um valioso contributo para o processo de memória, porque sem eles a memória vivida é curta, visto não ter símbolos que a auxiliam no processo de recordar o passado. No entanto, não obstante esta evidência a resposta à questão colocada é, na óptica de Carlos Fortuna bem mais complexa. Considera ele que desde há muito tempo que se reconhece que “os elementos físicos interferem com as

classificações simbólicas da acção social ou seja, a cultura material contém um valor simbólico com consequências práticas nas relações sociais” (1999:29).

Por seu turno, o valor que contemporaneamente é dado aos monumentos das cidades é diferente do valor que estes representavam no passado. Muitos dos monumentos das cidades, como por exemplo edifícios monumentais, palácios, museus e jardins, que hoje cumprem uma função pública tinham como função, no passado, diferenciar a população da cidade, visto que, só a população pertencente às classes altas, tinha acesso a estes edifícios e jardins. Sendo assim os monumentos das nossas cidades apresentam-se com uma dupla funcionalidade perante os indivíduos: “por um lado, são repositórios de outros modos de vida, por outro lado, estimulam a construção imaginada do presente” (Fortuna, 1999:30). Também Halbwachs afirma que as comunidades não podem reconstruir o seu passado colectivo e fazer com que este perdure no presente sem fazerem diferentes interpretações deste.

As ruínas e os monumentos são parte integrante do património histórico, são portanto espaços ritualizados que por sua vez suportam a transformação da identidade dos sujeitos, ou seja, os visitantes destes monumentos suspendem o seu presente, ao tomar conhecimento da história transmitida por estes, transformando assim o seu presente e transformando-se a si próprios. Deste modo, para Carlos Fortuna “é possível assim sustentar que a visita às cidades e aos lugares históricos representa e pode significar uma passagem, uma transição” (1999:34).

A memória é algo que é bastante utilizado pelos Estados governantes. Estes utilizam-se dos mecanismos à sua disposição para apagar certos momentos da história e “transcrever” outros. Encontra-se assim segundo Guillaume, o modelo hegeliano de Estado: “o passado de cada homem não pode ser retido por todos os outros; para não ser totalmente aniquilado, não tem outro recurso senão o de se dissolver na história da colectividade, tal como o Estado, em particular, a organiza” (2003:138). Os Estados modernos modificam o seu passado, ornamentam a sua história para que esta possa ser consumida não só pela nação a que pertence mas pelos visitantes, que nada sabem sobre esta. Cabe ao Estado o papel de fazer perdurar no tempo a memória colectiva e que esta seja transmitida de geração em geração. Para que isto aconteça o Estado cria rituais que permitem memorizar certas datas, feitos, conquistas. As cerimónias comemorativas aqui integradas, acabam por ser formas rituais simbólicas que, através de uma encenação, criam acontecimentos históricos.

O que actualmente vem a acontecer, por parte do Estado, é uma política do esquecimento, ou seja, os Estados pós-ditatoriais promovem esta política do esquecimento

para que o traumático passado seja esquecido pela população. Como diz Freud, esta política do esquecimento é difícil de ser concretizada porque “a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (Huyssen, 2000: 18).

Nesta tentativa do Estado usar a memória em seu proveito, podemos distinguir dois tipos de memória: a memória heterológica e a memória simbólica. O primeiro tipo de memória organiza-se em torno de documentos e dos monumentos, procurando devolver o valor aos monumentos para que estes se reinscrevam nas práticas quotidianas. A memória simbólica, ao contrário da memória heterológica, procura cruzar os diferentes níveis da colectividade, memória esta que tem dificuldade em memorizar o passado, visto que os “monumentos” aqui são compostos de lendas e contos, que são transmitidos de geração em geração, e que vão sendo transformados ao longo dos anos.

Segundo Huyssen a memória, tem vindo a ser ameaçada pela tecnologia, no caso os registos da memória de um povo são registos electrónicos, tornando a globalização uma forte ameaça para a memória pois muitas práticas actuais da memória vão contra o processo de globalização. Para tal é necessário apostar na memória individual de cada grupo para este se poder diferenciar no mundo global em que actualmente vivemos. Ainda segundo Huyssen “a memória vivida é activa, incorporada no social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estas são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados num mundo global” (2000: 37).

Presentemente, os monumentos são encarados como algo criado para comemorar um acontecimento histórico, um momento da história de um povo. E a procura desmedida por estes monumentos transformou-se numa busca pelo que é original, pelas origens de um povo. Para Huyssen “o monumento veio a garantir a origem e a estabilidade bem como a largueza do tempo e do espaço de um mundo que se transforma rapidamente...” (2000:54). Acresce ainda que vivemos num mundo em transformação constante, e o que é presente, rapidamente se transforma em passado, e os monumentos servem como apaziguador destas repentinas transformações.

Os monumentos suportam um duplo valor, tal como é afirmado por Guillaume (2003). O seu valor comemorativo vai disfarçar o conservadorismo da memória heterológica, estando, ao mesmo tempo, ao serviço do poder de esquecimento da memória simbólica.

2.4 As feiras em espaço urbano enquanto recriação histórica

Para além dos monumentos encontramos outras formas de “activar” a memória colectiva, como é o caso da recriação histórica. Esta surgiu pela primeira vez, segundo Coelho, acidentalmente em Inglaterra, nos anos 60 do século XX, através da criação de um anúncio publicitário sobre um livro que falava da guerra civil inglesa (2009).

As recriações históricas em termos da oferta turística portuguesa detêm um lugar de destaque, basta vermos as iniciativas que ocorrem neste país ao longo do ano. Estas iniciativas são diversificadas, mudando de região para região. As recriações históricas são também conhecidas como actividades de “história ao vivo”.

No âmbito da oferta turística, são criadas diversas actividades que valorizam as comunidades e que proporcionam aos visitantes grandes experiências. As recriações históricas são disto exemplo.

Sendo assim o que se tem visto nos nossos dias é tornar a recriação histórica num produto turístico, promovido pelas entidades locais.

Autores como Lopes e Correia consideram que o turismo pode beneficiar dos recursos patrimoniais. No caso, referem eles o seguinte: “O turismo pode aproveitar as vantagens económicas do património e utilizá-las para a conservação deste, criando recursos, desenvolvendo a educação e reorientando políticas. Representa um desafio económico essencial para numerosos países e regiões e pode constituir um factor importante de desenvolvimento, se for gerido com sucesso” (2004:278).

As recriações históricas, fazendo parte das atracções do turismo cultural e sendo estrategicamente organizadas, encerram em si um potencial turístico enorme.

A grande componente que faz com que as recriações históricas sejam um produto turístico a ser explorado cada vez mais, é a sua ligação com o passado, sendo esta uma experiência activa onde, por norma, tanto a população local como os visitantes, podem participar.

Segundo Fernandes as recordações têm um carácter espacial. Como refere, “as pessoas recordam em espaços, porque neles se deram acontecimentos que são relações” (2002:113). As pessoas utilizam-se do espaço urbano para se recordarem do passado, o que aparece associado a determinado acontecimento ocorrido num determinado espaço.

As feiras medievais enquanto recriações históricas são uma maneira de reviver o passado. As feiras são a celebração da memória, uma memória longínqua e que é, usualmente, dada a conhecer a partir da história de um povo, de uma cidade.

Por norma as feiras realizam-se nos centros históricos das cidades, visto estes serem espaços públicos emblemáticos para a população local. É através deste centro, enquanto espaço urbano, que a cidade cresce e se espalha para o espaço em seu redor, mas este espaço não perde a sua função original, sendo este um local de encontro da população, um local de comércio e de lazer.

Segundo Fernandes os eventos periódicos constituem um elemento de memória. Refere ele que “memoriza-se um acontecimento transformando-o em evento que se celebra periodicamente. A celebração anual de algumas festividades faz parte da memorização de certos acontecimentos e tal memorização aparece ligada a outros eventos” (2002:113).

No caso português, as feiras são organizadas, usualmente, pelas autarquias, realizando-se nas suas zonas históricas. Em regra, são contratados actores que vão estudar a fundo o período histórico que se pretende retratar, associado com frequência à história local, criando assim uma recriação histórica que pode ser experienciada pela população local e pelos visitantes.

As recriações históricas organizadas para as feiras são uma maneira fácil de dar a conhecer a história do local onde ocorre a representação. A população pode assim perceber como determinado espaço urbano era vivido e percepcionado no passado, descobrindo que muitas das funções originais desse espaço urbano continuam iguais e que outras mudaram drasticamente.

Segundo Fernandes, há pessoas que se deslocam, anualmente, a determinados concelhos para experienciar estas feiras, nas quais se dá a conhecer o artesanato e a gastronomia local e, as tradições, sendo que “alguns costumam participar nestas feiras desde a juventude” (2002:115).

Alguns exemplos de feiras que se realizam anualmente e que se apropriam do espaço público de algumas cidades históricas, para se recriar períodos da história local são os casos de Santa Maria da Feira com a sua Viagem Medieval, de Óbidos com o seu Mercado Medieval e de Silves com a sua Feira Medieval.

2.5 As cidades históricas e os lugares de memória como destinos turístico – culturais

Pode-se facilmente afirmar, segundo Calle Vaquero, que as cidades históricas estão na moda (2002). A prova disto é que há cada vez mais afluência de turistas a estas cidades, que as visitam pelo seu passado e pelo interesse que as mesmas despertam, ou seja, que estando de passagem acabam por as visitar, apesar de inicialmente não fazerem parte do seu roteiro turístico.

As cidades históricas estão “na moda” porque os operadores turísticos assim o ditam. Estes fabricam estes destinos como sendo destinos diferentes para um público alvo, que são os turistas culturais, visto que possuem uma motivação cultural diferenciada dos outros tipos de turistas, o que os leva a procurar este tipo de turismo, tendo estas cidades algo de místico para lhes oferecer.

A motivação cultural que leva o turista a procurar estas cidades como destino turístico de eleição não vem de agora. Já durante os séculos XVIII e XIX se viajava em busca de aprendizagem sobre a cultura dos locais. Estas viagens eram conhecidas como “Grand Tour”⁵ e tinham um carácter de formação para os jovens da nobreza e da burguesia onde podiam contactar directamente com outros povos e outras culturas, criando assim um capital cultural riquíssimo que lhes seria muito útil para a governação dos seus países. Estas viagens eram encaradas como um complemento da sua escolaridade, onde poderiam vivenciar de perto o que tinham lido nos livros. As cidades envolvidas nesta experiência de aprendizagem eram Paris, Veneza, Florença, Nápoles, sendo que o ponto alto da viagem era contemplar a cidade de Roma. Um poeta alemão que vivenciou a experiência do “Grand Tour” afirma o seguinte sobre a experiência obtida em Roma:

“ (...) Noutras partes, tem de procurar-se o que é significativo, aqui ele se impõe sobremaneira, inundando-nos. Caminhando-se, parando aqui e ali, por

⁵ O Grand Tour é conhecido por ser o ponto de viragem que se dá nas sociedades, pois é a partir do século XVIII que se começam a realizar viagens com o intuito de aprender mais sobre culturas diferentes e ditas primitivas. Os jovens pertencentes a elite masculina passam assim a viajar como forma de completarem a sua formação escolar. Como afirma John Urry, “Durante este período, entre 1600 e 1800, tratados sobre viagens desviaram-se de uma ênfase escolástica sobre o passeio para uma oportunidade para discursar/dissertar, sobre a viagem como uma testemunha ocular: Existia uma visualização da experiência da viagem, ou da exploração do olhar, auxiliada e assistida pelo crescimento dos guias de viagem que promoviam novas formas de observar” (2000:4). O Grand Tour desempenhou um importante papel para o desenvolvimento das sociedades, através da oportunidade dos jovens conhecerem e experienciarem outras culturas como também através das extensas descrições dos monumentos históricos europeus que ficaram registados nessa época. Mas com o passar dos anos os objectivos do Grand Tour foram se perdendo levando ao declínio deste tipo de viagens, surgindo assim novas práticas turísticas (Coutinho, 2009).

toda parte descortinam-se à nossa frente paisagens de todos os tipos, palácios e ruínas, jardins e matas, amplidão e exiguidade, casinhas, estábulos, arcos do triunfo, colunas, e com frequência, tudo junto e tão próximo que se poderia desenhar o conjunto numa única folha de papel. Mil lápis seriam necessários para registá-lo, de nada nos vale uma única pena! E, quando a noite chega, está-se exausto de tanto contemplar e admirar” (Goethe in Coutinho, 2009:53).

As cidades históricas como destinos turísticos têm, visto nos dias de hoje, o seu renascimento. Cada vez mais se aposta nestas cidades como destinos de viagem e lazer.

Ashworth (1995) afirma que se tem vindo a notar um interesse acrescido na relação entre as cidades históricas e o turismo, em resultado principalmente, da acção desenvolvida por três actores, sendo estes: a indústria turística, os governos locais e os gestores culturais. A indústria turística é importante porque é factor de criação de novos produtos (turísticos) para satisfazer as necessidades manifestadas pelos públicos alvo; os governos locais visto que buscam trazer novos turistas às suas cidades fazendo com que as cidades históricas ganhem novamente vida. Por fim, os gestores culturais porque estudam o turismo e o percebem a sua generalidade. Em Portugal cada vez mais se tem vindo a verificar esta associação entre as cidades históricas e o turismo, já que o turismo cultural tem vindo a crescer em proporções bastante positivas.

O casamento entre o turismo, a cultura e as cidades históricas tem sido uma constante desde o início da transformação do turismo num grande fenómeno. No entanto, apesar do turismo cultural, associado às cidades históricas, ter perdido, durante alguns anos, a corrida para outros tipos de turismo, está a ganhar, actualmente, mais adeptos que privilegiam o turismo cultural ao turismo de sol e praia.

O turismo das cidades históricas constitui um tipo de turismo cultural que busca a concentração de referentes históricos das cidades. É um tipo de turismo que privilegia a aprendizagem e a oportunidade de vivenciar novas experiências identitárias. O que motiva a procura deste tipo de turismo, como salienta Vaquero, é o desejo de entrar em contacto com o “objecto de consumo” (2002). É este objecto que constitui a identidade do local que se visita, ou seja, um ambiente histórico específico que é impossível de reproduzir-se noutro espaço.

Embora o turismo cultural tenha hoje uma importância significativa, apresenta no entanto, efeitos controversos. No caso, Margarida Barretto afirma na sua obra “Turismo y Cultura: relaciones, contradicciones y expectativas” (2007), que o turismo cultural é o grande responsável por alguns dos problemas das cidades históricas mas é ao mesmo tempo o responsável pela resolução destes. Isto tudo porque o turismo é o responsável por

problemas como a crise do comércio tradicional, e a perda de valores culturais, porque a população local tende a comportar-se como os visitantes esperam que estes se comportem. Os visitantes vão para os locais de visita com a expectativa de poder presenciar a vida local na sua maneira mais tradicional. No entanto, a população tende a perder a sua própria identidade pois tende a comportar-se de maneira a satisfazer as expectativas dos visitantes.

O turismo traz também a vantagem de promover o desenvolvimento das cidades históricas, isto através da reabilitação dos centros históricos e do restauro dos monumentos que o compõem, dando assim nova vida à cidade. O turismo contribui também para a preservação dos locais históricos e ao mesmo tempo enriquece o repertório de informação existente sobre estes locais para atender à curiosidade dos visitantes. São criados livros, folhetos que dão a conhecer aspectos da cultura das populações e que contêm, entre outras, informações sobre o património existente nestes locais e a sua história para, desta maneira, colmatar a falta de informação, satisfazendo assim o interesse dos visitantes sobre estes locais.

As cidades, tal como as conhecemos hoje, podem ser criadoras de fluxos turísticos, ao mesmo tempo, receptoras de turismo. Com base neste paradigma, Xerardo Pereiro (2009) apresenta-nos dois modelos de relação entre o urbanismo e o turismo que são: “cidades turísticas” e “cidades com turistas”. No primeiro modelo as “cidades turísticas”, o funcionamento da cidade é monopolizado em torno do turismo e dos monumentos, tornando assim a cidade num espaço só virado para o turismo e os habitantes locais se subordinam aos interesses do turismo. Resumindo, este modelo, da cidade turística, transforma as cidades em locais só para turistas, onde tudo gira em função destes. Este tipo de modelo implica riscos de conflitos entre os turistas e os habitantes locais. No caso, as funções das cidades que, deveriam estar a funcionar primeiramente para os habitantes e, só depois, para os turistas, estão trocadas, podendo levar até, a um sentimento de insatisfação por parte dos habitantes locais, para com os turistas.

Ao contrário do anterior, o modelo de “cidades com turistas” procura integrar os turistas nas actividades das cidades, não sendo aqueles, no entanto, a sua preocupação fundamental. No caso pensa-se no turismo mais como uma das actividades da cidade e não como a actividade fundamental, o que leva a que se corram menos riscos, em termos da economia urbana, porque se evita uma excessiva dependência desta face ao turismo. Neste modelo, o primeiro objectivo é construir uma cidade para os habitantes locais e, só depois disto, atrair os turistas, através do que foi construído para os habitantes. Ou seja, o turismo acaba por ser um efeito colateral da vida da cidade.

Nos nossos dias pode-se encontrar estes dois modelos nas nossas cidades. Um grande exemplo de “cidades turísticas” é o das cidades algarvias que, na sua maioria, criaram infra-estruturas a pensar nos turistas que as iriam utilizar e não na população local. A maior parte dos habitantes locais só trabalham durante o Verão que é quando há um aumento da chegada de turistas e, só o fazem, para satisfazer as necessidades destes. No resto do ano acabam por não ter trabalho porque as infra-estruturas de apoio aos turistas ou fecham ou não necessitam de tantos trabalhadores. Um grande exemplo destas infra-estruturas é o “Zoomarine” que durante o Verão contrata inúmeros trabalhadores e no Inverno fecha as portas.

Como exemplo de “cidades com turistas” temos a “Grande Lisboa”, na qual se procura revitalizar a cidade para a população local e, através desse processo atrair os turistas. A capital, ao contrário das cidades algarvias, não vive só do turismo. O turismo constitui uma actividade complementar na economia regional, Tal como outras actividades económicas que são exercidas diariamente em Lisboa.

As cidades históricas são lugares de destino turístico-culturais, mas não existem exclusivamente. Temos também os lugares de memória como destinos procurados pelo turismo cultural.

A teoria de Lugares de memória desenvolveu-se com Pierre Nora⁶. Para este autor os chamados *Lieux de Mémoire* são cristalizações do passado traduzidos por objectos, instrumentos, documentos, etc.

Sobre a emergência dos lugares de memória assinala Abreu o seguinte: “Os lugares de memória são documentos e traços vivos, que se constituem no cruzamento histórico-cultural e simbólico-intencional que lhes dá origem” (2005:216).

“Estes lugares de memória existem porque já não há ambientes reais de memória” (Nora, 1989:7).

Os lugares de memória fazem parte do património cultural simbólico, ligado a um passado vivo que ainda marca presença no presente e na identidade do lugar.

Na base dos lugares de memória está o sentimento de que já não existe memória espontânea e, para que tal não aconteça, é necessário criar arquivos, celebrar aniversários, organizar arquivos, porque isto já não acontece espontaneamente na nossa sociedade, sendo necessário manter uma ligação com o passado.

⁶ Pierre Nora é um historiador francês. Pertence à École Pratique des Hautes Études em Paris e é o autor da obra *Les Lieux de Mémoire*, dividida em 3 volumes.

Segundo Nora "Les lieux de mémoire, ce sont d'abord des restes. La forme extrême où subsiste une conscience com-mé-mo-rative dans une histoire qui l'appelle, parce qu'elle ignore, [...] Musées, archives, cimetières et collections, fêtes, anniversaires, traits, procès-verbaux, monuments, sanctuaires, associations, ce sont les buttes témoins d'un autre âge, des illusions 'éternité. D'où l'aspect nostalgique de ces entreprises de piète, pathétiques et glaciales. Ce sont les rituels d'une société sans rituel; des sacralités passagères dans une société qui rabote les particularismes; les différenciations de fait dans une société qui nivelle par principe; des signes de reconnaissance et d'appartenance de groupe dans une société qui tend à ne reconnaître que des individus égaux et identiques" (Nora, 1984: 24).

Os lugares de memória, ainda segundo Pierre Nora, são o que nos resta, ou seja, testemunho de uma sociedade que já não existe, de uma sociedade desritualizada.

É de notar que nem todos os documentos podem ser considerados lugares de memória, sendo necessário para tal que estes estejam carregados de um forte sentimento de identidade, visto que é a identidade de um grupo que separa os lugares de memória de meros lugares de história.

Acresce ainda que um lugar de memória sendo um lugar carregado de recordações adquire uma centralidade para o grupo. No caso, José Guilherme Abreu, sobre a realidade portuguesa exemplifica o que constitui um lugar de memória: "o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, objecto de um concurso publico para a sua construção, projectado e construído com inequívocas preocupações de salvaguardar e preservar os testemunhos da identidade nacional, e dotado de serviços que promovem a sua defesa e o seu estudo, é por isso um lugar de memória, enquanto que a Base de Dados da Lista Telefónica Nacional, por não visar mais do que o registo de assinaturas, não o é" (2005:218).

As cidades históricas podem assim ser encaradas como lugares de memória visto que se tenta, através delas, perpetuar a identidade local, dando continuidade aos seus rituais do passado, criando festas e celebrações que tentam recordar o passado e dá-lo a conhecer às populações locais e aos turistas.

Os monumentos a partir do momento em que são encarados como lugares de memória, deixam de ser apenas meras peças arqueológicas para passarem a ser repertórios vivos e simbólicos de memória.

Retomando Pierre Nora importa destacar, ainda, a síntese apresentada pelo referido autor quanto aos principais elementos caracterizadores dos lugares de memória: "Lieux de memoire are simple and ambiguous, natural and artificial, at once immediately available in

concrete sensual experience and susceptible to the most abstract elaborations. Indeed, they are lieux in three senses of the word – material, symbolic and functional” (1989: 18).

Dentro dos lugares de memória, temos uma categoria particular, ou seja, os “lugares de memória recente”, estes são bens patrimoniais e patrimonializáveis que representam o passado recente, sendo exemplos destes lugares de memória as casas rurais com cerca de 300 anos, os Palacetes nas zonas históricas das cidades, que sejam considerados como parte da memória colectiva, do passado do grupo como lugares recentes de memória. (Lima, Cabral e Vala, 2004).

Estes lugares de memória, que são representados por monumentos ou edifícios, e que na sua génese relembram o passado, fazem parte do interesse actual presente na sociedade portuguesa. A população portuguesa preocupa-se cada vez mais com o seu passado, como forma representativa da sua vida enquanto comunidade, sendo assim, procura a preservação destes monumentos visto que muitos destes estão em risco de extinção, levando assim a perda do passado colectivo da sociedade portuguesa.

Parte III Silves como realidade histórico-cultural

3.1 História da cidade

A cidade de Silves constitui um lugar de memória. Importa em primeiro lugar caracterizar a cidade de Silves sob as perspectivas física e histórica antes de a analisar como cidade de memória. No caso, Rosa Varela Gomes apresenta as seguintes características físicas de Silves:

“A cidade de Silves situa-se no barlavento do Algarve sobre um cerro da região denominada Barrocal, sobranceira à margem direita do rio Arade e a 15 km da costa. A sua localização beneficia do cruzamento de diferentes vias, tanto terrestres – permitindo a ligação com o Baixo Alentejo e com o Litoral –, como fluviais. Está rodeada por relevos suaves, que a individualizam da Serra, e nas zonas baixas, cortadas por inúmeras linhas de água, existem terrenos férteis, não longe de importantes jazigos minerais, sobretudo de cobre, e do mar rico em peixe, marisco e sal” (1990:59).

Sob o ponto de vista histórico podemos considerar Silves como uma Cidade com um passado muito rico. É uma cidade antiga e monumental, talvez a mais monumental do Algarve, cheia de vestígios dos tempos arábicos e não só. Através da história não se sabe datar com exactidão a fundação da Cidade de Silves, embora se registem várias opiniões de diversos autores como é o caso de Luís Caetano de Lima⁷ que afirma que Silves foi edificada antes da vinda dos cartagineses ao Algarve. Temos também o caso de Vilhena Barbosa⁸ que é da opinião que Silves deve ter sido fundada pelos Fenícios. Mas actualmente sabe-se, através de estudos arqueológicos realizados no perímetro do Concelho de Silves, que há vestígios do Homem do Paleolítico. Foram encontrados no concelho objectos classificados como do Neolítico, tais como machados, enxós, goivas e brunidores de pedra polida (Domingues, 2002:20). Estácio da Veiga⁹ foi um dos grandes autores a estudar estes objectos encontrados no concelho de Silves, dando a conhecer ainda a descoberta de vários objectos pertencentes à época do Bronze, à época do Ferro e ainda numerosas peças de cerâmica Romana pertencentes à época Romana.

⁷ D. Luís Caetano de Lima foi membro da Academia real de História, foi também cronista da Casa de Bragança, académico da liturgia Pontifícia de Coimbra. Escreveu várias obras incluindo “Geografia Histórica de todos os estados soberanos da Europa, com as mudanças que houve nos seus domínios.”

⁸ Inácio de Vilhena Barbosa nasceu em 1810 em Lisboa e faleceu em 1890, escreveu “As cidades e villas da Monarchia Portuguesa que teem Brasão D’Armas” em 1865.

⁹ Estácio da Veiga foi arqueólogo e escritor. Entre os seus vários trabalhos publicados podemos encontrar a Carta Arqueológica do Algarve sendo que este seu trabalho culmina na fundação do Museu Arqueológico do Algarve. Entre 1886 a 1891 publica quatro volumes sobre “As Antiguidades Monumentais do Algarve” no qual refere a cidade de Silves.

A cidade sofreu influências de diversos povos ao longo da sua existência, embora predominem testemunhos de influência árabe e romana.

Desde o século VI até ao século VII não é dada grande importância à Cidade de Silves mas a partir do início do século X até ao século XIV registou-se uma mudança e Silves passa a ser referenciada como uma das mais prestigiadas urbes do Gharb al-andalus (Algarve). Esta grandeza deve-se ao facto da sua implementação estratégica, não só em termos de recursos naturais mas devendo-se também ao facto desta se localizar entre a serra e o litoral, encontrando-se ainda suficientemente perto da costa.

Os primeiros habitantes oriundos do Oriente foram Homens do Lémen, sendo estes pessoas muito cultas e de nobreza religiosa.

Silves foi uma das últimas grandes urbes muçulmanas do ocidente peninsular e berço de importantes personagens históricas, tais como poetas, historiadores, filósofos e juristas dos quais podemos mencionar Ibn al-Milhe, Ibn Amar, Ibn Mozaire, Ibn al-Quantari, Ibn al-Sid e Salam Al-Bahili.

A Silves islâmica ocupava cerca de 8 hectares e deveria ter aproximadamente 10 mil habitantes.

A cidade islâmica divide-se em três partes distintas: a alcáçova, a medina e os arrabaldes. Silves não é diferente das outras cidades islâmicas e, como tal, podemos encontrar estas três componentes na sua estrutura. A alcáçova, ou Castelo, situa-se normalmente num ponto de defesa, sendo este o ponto mais alto do local de implementação da cidade. A sua área é proporcional às dimensões da medina e possui três portas principais: A Porta da Cidade (Bab-al-Balad) a sul; a Porta do Sol (Bab-al-Sârus), a nascente; e a Porta da Azóia (Bab-al-Zauîâ) a poente. Os arrabaldes constituem o tecido habitacional da cidade. Entre os equipamentos mais importantes das cidades islâmicas estão a mesquita, os banhos e o mercado. Silves não era excepção e podia-se encontrar, no centro desta, tais equipamentos.

O porto de Silves começou a ser utilizado no ano de 846 como local de embarque da embaixada de Abd al-Rahman II que negociou a paz com a corte normanda que governava a cidade, dando relevo assim à sua importante implementação geopolítica estratégica.

No ano de 929 Silves passa a fazer parte integrante do califado Omíada de Córdova como outras cidades do Al-Andaluz cujas vidas sociopolíticas e jurídicas eram marcadas pelo domínio de importantes famílias e poderes locais. Com a decadência do califado Omíada de Córdova uma família local apoderou-se do poder e proclamou Silves como sendo um principado independente. Esta família era a Ban Muzayn e com eles foi criado o

primeiro reino da Taifa em Silves. O poder político de Sevilha teve graves consequências sobre a cidade de Silves pois a Taifa independente que existia em Silves converteu-se numa das dependências de Sevilha acabando assim com a primeira Taifa de Silves.

O Reino de Sevilha era governado por Al – Mutadid que entre todas as cidades dependentes daquele reino escolhe Silves para ser administrada pelo seu filho e príncipe herdeiro Al – Mutamida.

Na sua estadia em Silves, o príncipe Al-Mutamida vali do Algarve estabeleceu uma forte amizade com o poeta Ibn Amar, sendo que mais tarde quando parte para Sevilha lhe entrega a governação de Silves, dedicando-lhe ainda o famoso poema de saudação a Silves:

*Saúda em Silves, Abu Bakr, os lugares queridos da minha juventude
e pergunta-lhes se guardam recordação de mim, como penso.
Saúda o palácio das Varandas da parte de um donzel
que perpetuamente suspira por esse palácio.
Morada de leões e de brancas gazelas
que ora parece um antro, ora sugere um serralho.
Quantas noites não passei à sua sombra
na doce companhia de donzelas de ancas largas e cintura delicada,
umas tão brancas, outras tão morenas que causavam na minha alma
o efeito de espadas refulgentes e de negras lanças.*

(Domingues, 2002:25-26)

Com a chegada dos Almorávidas¹⁰ ao Al-Andalus e posterior conquista no ano de 1091, a cidade de Silves sofre algumas alterações passando a ser dirigida por governadores nomeados pelos Almorávidas. Apesar de existirem governadores em Silves estes recebiam ordens directas de Sevilha mas, com o tempo, os Almorávidas viram-se perdidos porque estes governadores rebelaram-se e proclamaram a independência de Silves do poder Almorávida. O líder desta rebelião foi Ibn-Qasi, passando a ser o senhor dos domínios de

¹⁰ São tribos berberes provenientes do Norte de África, menos cultas, mais intolerantes e das mais aguerridas que até aqui governaram.

Silves e criador do segundo reino da Taifa de Silves. Sobre o reinado deste foi criada a oficina monetária que cunhou moedas de prata e ouro.

No ano de 1189 Silves foi atacada e tomada por D. Sancho I de Portugal com o auxílio da III Cruzada, constituída por cruzados alemães, ingleses e franceses. D. Sancho I passou então a intitular-se “Rei de Portugal e de Silves”, mais tarde “Rei de Portugal de Silves e do Algarve” acabando por intitular-se apenas “Rei de Portugal e do Algarve”.

Silves foi não só o último bastião da civilização muçulmana no Extremo ocidente do Al-Andalus. Segundo Rosa Varela Gomes, esta cidade desde cedo se tornou numa grande referência em termos culturais e religiosos envolta por uma auréola de misticismo e saudade visto a sua proximidade com o centro de peregrinação que na época se situava no Cabo de S. Vicente.

Não foi longa a conquista por parte de Portugal visto que no ano de 1191 Silves volta ao poder muçulmano, sendo aqui que a cidade começa a entrar em decadência devido às guerras. A reconquista definitiva de Silves foi concretizada por D. Paio Peres Correia ao serviço de D. Afonso III no ano de 1249.

Com a conquista de Silves pelo Rei D. Afonso III, Silves entra em declínio devido às inúmeras guerras travadas para a sua conquista definitiva. A cidade ficou parcialmente destruída e incendiada, tendo-se posteriormente realizado grandes obras de recuperação. Foi-nos deixada uma poesia da autoria de Assilbia onde descreve o estado de destruição da cidade:

*Silves, ó minha Silves, eras outrora um paraíso
mas transformaram-te tiranos no fogo do inferno.
Foram injustos que não temeram o castigo do Senhor
mas nenhuma coisa é oculta para Alá.*

(Gomes.2002:112)

Em 1266 foi concedido o primeiro Foral a Silves, por D. Afonso III, sendo também nesta data, e pelo mesmo rei, nomeado para Silves o primeiro Bispo português, D. Bartolomeu, uma vez que a cidade era a capital do Algarve e, como tal, ali se encontrava o centro religioso.

Já no ano de 1577 a cidade entra em definitiva decadência e o centro político e religioso do Algarve muda-se para Faro.

Assim termina o grande período de esplendor de Silves, que ainda hoje pode ser testemunhado através de vestígios arqueológicos espalhados pela cidade.

3.2 Os agentes da cultura em Silves

Segundo Cunha Barros “nas regiões de destino turístico existe, necessariamente, um conjunto de colectividades que de forma directa ou indirecta, podem condicionar a agradabilidade dos visitantes e, até, o processo de interacção entre visitantes e visitados. Estas colectividades expressam também, de alguma forma, a dinâmica das populações locais” (2002:178).

Em Silves podemos destacar algumas associações que realizam várias actividades no sentido lúdico, mas também num sentido cultural, merecendo destaque as seguintes associações: a Associação Arte Xelb que tem por finalidade a promoção e o desenvolvimento das actividades ligadas à arte, ofícios e produtos locais tradicionais, promovendo também a sua defesa. Esta associação organiza eventos, acções de formação e cooperações com outras empresas no sentido de dar a conhecer a arte produzida em Silves. Surgiu “da vontade de um grupo de artesãos e artistas do concelho de Silves cujo objectivo da Associação é dinamizar a acção destes artesãos, artistas e produtores, abrindo novos caminhos de trabalho quer no aspecto da criação individual e colectiva quer no aspecto da comercialização”¹¹.

A Arte Xelb propõe-se a organizar Workshops/ ateliers temáticos, exposições permanentes e temporárias, demonstrações, animações e performances.

Outra associação local é a Sociedade Filarmónica Silvense que surgiu em Silves pela primeira vez no ano de 1842, intitulada de Filarmónica do Guerreiro até 1865. Em 1933 surge então a Sociedade Filarmónica de Silves. Em tempos esteve associado a esta banda filarmónica um rancho folclórico, que promovia os cantares e danças de Silves e do Algarve. Actualmente faz parte desta sociedade filarmónica o grupo de teatro amador intitulado “O Gruta”, surgindo em 1981, visando a promoção de acções artísticas e teatrais.

Recentemente foi ainda criado o grupo coral da Sociedade Filarmónica Silvense. Composto por músicos, actores e cantores, todos amadores e com espírito do serviço pela arte e pela cultura¹².

Todos os anos a sociedade filarmónica de Silves participa em várias actividades realizadas na cidade e no concelho de Silves. Como exemplo temos a sua participação no desfile de carnaval de Silves, nas procissões, etc.

¹¹ <http://www.artexelb.org/associacao.html>

¹² <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=83>

Em Silves existe também o Centro de Estudos Luso – Árabes. Este centro procura dar a conhecer à população a herança cultural luso-árabe assim como andalusi, através de várias actividades e iniciativas¹³. A principal actividade desenvolvida por este centro é um curso de Língua Árabe. Este curso tem a periodicidade de um ano, realizando-se em horário pós-laboral, facilitando assim a sua frequência pela população trabalhadora.

Há também a Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves.¹⁴

As associações culturais resultam da vontade de vários elementos da população local de criar e promover actividades colectivas e aglutinadoras da comunidade. Estas surgem da vontade da população visto que são raros os factores de atracção para a população local de actividades culturais e de lazer. Citando Cunha Barros “estas iniciativas ditas sociais e culturais além de serem um pretexto para a reunião e o convívio, tal como a festa, proporcionam actividades como passeios e jogos, ou seja, incrementam formas diversificadas de lazer” (2002: 179).

No caso da Câmara Municipal de Silves , no quadro do poder autárquico procura a mesma promover actividades lúdicas e culturais que vão ao encontro do interesse de toda a população. De acordo com a Dr.^a Isabel Soares, *tem a mesma estado a investir sobretudo nos mais idosos e nos mais jovens.*

¹³ <http://celas.webs.com/>

¹⁴ Até a data não conseguimos obter informações das actividades desenvolvidas nem dos seus objectivos.

3.3 O lazer criativo da população local

O lazer ao longo dos tempos tem assumido um papel importantíssimo na sociedade contemporânea, tanto a um nível político, como social e económico. O lazer assume um papel preponderante na vida das comunidades podendo contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida, já que promove os tempos livres dos indivíduos e, também o convívio com outros indivíduos do mesmo grupo.

O lazer é caracterizado por Umbelino como sendo o “tempo que cada pessoa afecta a actividades de sua livre escolha, sem quaisquer interesses que não os que decorram da sua vontade, assegurados que estejam os meios para a sua subsistência e uma inserção social adequada” (1996:87).

Na actualidade há que se diferenciar o tempo de trabalho e o tempo de lazer. O tempo de trabalho é caracterizado por ser um período de tempo produtivo, enquanto, que o tempo de lazer é caracterizado por ser um tempo de relaxamento, que ocupa vários espaços, como por exemplo os espaços públicos de uma cidade, com actividades diversificadas, efectuando-se assim uma quebra com a rotina da vida quotidiana (Gonçalves, 2002).

Uma das actividades que está estreitamente relacionada com o lazer é o turismo, já que é através deste que se proporciona a realização de muitas actividades de lazer.

Como vivemos em meio urbano, as actividades desenvolvidas no tempo de lazer tendem a ser realizadas em meio urbano, isto é, tendem a realizar-se perto da residência dos indivíduos. As actividades de lazer podem ser divididas em vários subgrupos visto que existe um leque enorme de actividades disponíveis para serem realizadas pelos indivíduos sem que estes tenham necessariamente que se afastar da sua área de residência. É apresentado por António Gonçalves alguns exemplos de actividades de lazer.

1. Divertimento passivo em casa

- Ver televisão e filmes
- Ouvir música
- Ler e escrever
- Informática/Internet

2. Actividades sociais em casa com familiares e amigos

3. Actividades sociais fora de casa

- Frequentar restaurantes
- Ir a bares/ pubs e discotecas
- Tempo gasto em clubes, discotecas e salões de dança

- Ir ao café
 - Frequentar casas de jogo – casino, bingo
4. Actividades culturais fora de casa
- Cinema
 - Teatros
 - Museus
 - Salões de exposições / feiras
 - Visitar um monumento
5. Assistir a espectáculos desportivos
6. Praticas actividades desportivas
- Recinto fechado / ar livre
 - Individual / equipa
 - Desporto aquático
 - Desporto de Verão/ Inverno
 - Passeios e marchas pedestres
7. Pequenos passeios fora de casa
- Pic-nic
 - Praia
 - Campo
 - Visitar monumentos geológicos
 - Compras
8. Viagens para fora do perímetro da residência
- Férias no estrangeiro
 - Férias no país de origem

(2002:35-36)

Estas actividades de lazer têm como principal função a ruptura com a vida quotidiana. Estas actividades implicam também que os indivíduos socializem com os restantes membros da comunidade e que se utilizem da cidade e dos espaços pertencentes a esta para a realização destas actividades. O indivíduo procura assim através do proveito dos tempos de lazer, “abstrair-se de constrangimentos exteriores que afectem a sua vida quotidiana, recebendo em troca elevadas cargas emocionais de prazer, de bem-estar” (Mimoso, 1998:11) que o vão levar a prosseguir com a sua vida de uma maneira mais descontraída.

Existem alguns factores que directa ou indirectamente influenciam as actividades de lazer, como o genero, a situação civil, a posição no ciclo de vida, a situação sócio-

profissional e o nível de instrução, os quais acabam por influenciar a frequência com que cada indivíduo usufrui das actividades de lazer (Mimoso, 1998).

No concelho de Silves surgem cada vez mais actividades distintas, ao dispor da população, sejam actividades recreativas, culturais ou desportivas, sendo sempre no âmbito do lazer da população.

Um dos grandes impulsionadores das actividades de lazer, no concelho de Silves é a Câmara Municipal que, através dos seus vários organismos, cria eventos e actividades que possibilitam à população um fácil acesso a um maior contacto com actividades de lazer.

Existem vários exemplos que expressam bem esta preocupação da Câmara Municipal em desenvolver actividades de carácter lúdico. Temos assim o projecto “Silves em movimento”, que irá decorrer ao longo do ano de 2011, este projecto consiste em “estimular a população a fazer alguma actividade física nos seus tempos livres, numa vertente de recreação e lazer promovendo um conjunto de actividades desportivas cuja relação directa com a natureza está muito próxima” (Site da Câmara Municip/*l de Silves)¹⁵. Os principais objectivos do “Silves em movimento” é dinamizar um leque de actividades ligadas a natureza que possibilitem aos participantes explorar os espaços naturais do concelho. É também do interesse desenvolver hábitos desportivos por parte da população local, ocupar os tempos livres e proporcionar o convívio entre os vários participantes desta actividade.

Existe também o programa “Bairrismo”, o qual cumpre principalmente uma função de apoio social a crianças e jovens do Bairro da Caixa D’Água em Silves, mas para além desta função social, desenvolve também actividades lúdicas, como pintura, teatro, Hip Hop.

Por parte da Junta de Freguesia de Silves são ainda fornecidas à comunidade local algumas actividades lúdicas, sejam estas pensadas para os mais novos como é a ginástica acrobática, seja para a população idosa de Silves, como marchas e, também, a ginástica.

Estão também á disposição da população actividades na Biblioteca Municipal de Silves sendo que, todos os meses, a biblioteca muda as actividades proporcionadas ao público. Disponibiliza-se assim sessões de leitura para crianças, tardes de cinema, acções de formação, encontros de leitores e recitais de poesia entre outros.

Outra associação que promove actividades lúdicas de cariz cultural à população é o Centro de Dia da Santa Casa da Misericórdia de Silves. Estas actividades são

15

http://www.cm-silves.pt/portal_autarquico/silves/v_pt-PT/pagina_inicial/eventos/em_destaque/Silves+em+Movimento+2011.htm

desenvolvidas para um público-alvo, sendo este a população idosa que frequenta o referido centro de dia. Estas têm à sua disposição duas animadoras e várias actividades, como por exemplo ginástica, canto, aulas de pintura, tendo ainda actividades de cariz religioso, como é o caso de uma missa à quinta feira e, um dia por semana, reza-se o terço.

Todas estas actividades estão à disposição da população de Silves, sendo umas destinadas à população jovem e outras à população idosa.

3.4 O centro histórico urbano e sua activação cultural e Património

A transformação do património em recurso verifica-se nas sociedades contemporâneas. Considera Jesus que “se passa a registar uma maior disponibilidade de tempo para o lazer, e torna-se mais intensa a dedicação do tempo livre para o consumo da cultura”. (2008:133). Neste sentido, tem-se procurado transformar os centros históricos para que estes possam acolher múltiplas actividades culturais que vão ao encontro não só das necessidades das populações locais, como também dos seus visitantes.

Nos nossos dias tem-se manifestado a necessidade de reaproveitar edifícios antigos, tais como escolas, fábricas e conventos para fins culturais, levando assim a um desenvolvimento económico e social da cidade. A reconversão destes edifícios em espaços culturais aumenta a oferta de produtos culturais, promovendo assim o turismo cultural e ao mesmo tempo criando novos postos de trabalho.

Nos inícios da década de 80 verifica-se a preocupação do Governo em reabilitar os centros históricos. Esta questão começou a ser largamente discutida visto estes estarem a entrar num rápido processo de decadência, necessitando urgentemente da intervenção por parte dos responsáveis pelas cidades. Toda esta decadência dos centros históricos deu-se devido à museificação sofrida por muitos centros históricos devido ao turismo e às políticas implantadas na época para o seu desenvolvimento (Coutinho, 2009). Surge em resultado do referido desgaste dos centros históricos a necessidade dos órgãos responsáveis criarem grupos de trabalho, com membros especializados nos domínios relacionados com o estudo e a recuperação destas áreas. Para este efeito são criados os Gabinetes Técnicos Locais (G.T.L.). O objectivo destes gabinetes era o de organizar um trabalho onde os profissionais das várias áreas científicas e temáticas deveriam trabalhar em conjunto para elaborar prognósticos e efectuar trabalhos de reabilitação dos centros históricos.

Os G.T.L. procuraram que a preservação dos centros históricos fosse sempre acompanhada pela população local, já que esta população é a maior interessada na recuperação destes espaços. A Câmara Municipal de Silves possui também o seu G.T.L., criado para a elaboração do Plano de Pormenor / Salvaguarda do seu Centro Histórico.

Estes Gabinetes foram criados em vários municípios, sendo que cada município tem as suas características únicas. Apesar das diferenças entre municípios estes G.T.L. têm os seguintes objectivos:

1. Promover uma sistemática reabilitação dos imóveis, de modo a evitar a sua degradação;

2. Promover a reabilitação e fruição dos seus espaços exteriores, colocando mobiliário urbano adequado, e entendendo-os como espaços de continuidade dos espaços privados;
3. Promover a adequada sinalização de toda a área consolidada;
4. Detectar as patologias mais significativas da estrutura dos edifícios;
5. Incrementar a inventariação do vocabulário construtivo existente, por forma a divulgá-lo e a que perdure a utilização dos seus materiais construtivos originais;
6. Controlar as transformações de uso dos grandes edifícios urbanos, para que estes respondam a interesses colectivos;
7. Conservar a estrutura urbana do edifício, não permitindo a alteração dos alinhamentos das fachadas, aumento da altura dos edifícios e a ocupação indiscriminada destes espaços;
8. Implementar diversos graus de protecção do património, consoante o seu valor histórico;
9. Promover a investigação contínua do centro histórico, promovendo pesquisas arqueológicas;
10. Incentivar a actividade comercial, os serviços e outras actividades económicas, potenciando o seu bom funcionamento económico;
11. Promover a elaboração do Plano de segurança do centro histórico, que funcione como elemento orientador global;
12. Promover manifestações culturais que animem e vivifiquem o centro histórico.

(Coutinho, 2009: 143)

Dois exemplos do bom funcionamento destes gabinetes no nosso país são o centro histórico de Óbidos e de Guimarães. A par deste Gabinete surge também o Instituto Português do Património Architectónico (I.P.P.A.R) tendo como função a salvaguarda dos bens materiais imóveis incluindo os monumentos históricos e toda a sua envolvente.

Os Centros Históricos das cidades são repositórios da memória de uma população. São locais onde está intrínseca a identidade da população, sendo, através da memória a melhor maneira de salvaguardar a identidade de um povo é através da sua memória. Para tal devemos cada vez mais apostar na preservação da memória e é por isso que os municípios, actualmente, apostam na afirmação da identidade local como diferenciador da identidade cultural de cada região, atraindo assim mais turismo porque, terão algo a oferecer que os outros não têm. Este é o caso de Silves que tem vindo a apostar na sua história e identidade local própria como um factor de diferenciação, tornando-a num local atractivo.

A identidade não é algo que nasça espontaneamente, esta é obra de um vasto e complexo conjunto de factores.

Como é declarado por Rodrigues, a identidade liga-se estruturalmente ao património, cabendo a sua preservação aos municípios. “Nada de mais confrangedor do que passear-se por um centro histórico onde se não respire vida e o fervilhar do bulício humano. A contemplação das pedras, a admiração de arte, a identificação com aqueles espaços ficam como que amputados do seu maior bem: a existência de gente em diálogo permanente com o chão que pisam” (Rodrigues, 1997:197).

É necessário devolver a vida aos centros históricos e como principal prioridade em relação ao uso dos mesmos temos que ter em conta que devem ser primeiro as pessoas e só depois os serviços a usufruir destes espaços. Para que tal aconteça devem estes espaços serem tornados atractivos e desejados.

Os centros das cidades históricas são compostos por um vastíssimo património que deve ser restaurado e que deve ganhar uma nova vida contribuindo, assim, para que se integre na cidade actual. Muitos monumentos perdem a sua função original acabando por cair em esquecimento. Para que tal não aconteça, deve observar-se a preservação da identidade patrimonial, ou seja, esta defesa não pretende congelar o património no tempo, mas sim salvaguardar a sua tradição e história, renovando-as e actualizando-as para que o património se mantenha actual e, desta forma, que a identidade se mantenha viva.

A História de uma cidade é o seu cartão de visita e funciona como um símbolo de prestígio para a cidade. A História da cidade é a sua identidade enquanto um todo. A população identifica-se com essa história fazendo parte do grupo identitário desse local, sendo de notar que esta identidade da cidade converge maioritariamente para os centros históricos já que os acontecimentos mais marcantes da história desse povo aconteceram naquele local.

Tal carácter identitário é reconhecido por Auge: “o Centro expressa, através da sua imagem esta perpetuação das formas, é o lugar que todos os habitantes reconhecem enquanto sua imagem; esta perpetuação das formas é o lugar que todos os habitantes reconhecem como tendo sido edificado pelos seus antepassados, que está povoado de sinais que é necessário interpretar” (1994:49).

A identidade de um centro histórico traduz-se na história e nas estórias do seu povo, dos seus episódios mais marcantes, traduzindo um passado e um presente.

O Centro Histórico é o dispositivo que exprime a identidade do grupo mas é a identidade local que a agrupa, define e une; para que tal continue a acontecer é necessário

que esta identidade local seja defendida das ameaças externas, como é o caso da procura desmedida do turismo.

Como afirma Choay: “Nunca será de mais repetir o aviso de Giovannoni: os centros e os bairros antigos não poderão ser conservados e integrados na vida contemporânea se o seu novo destino não for compatível com a sua morfologia e a sua escala” (2006:250).

Isto tudo para reafirmar que os centros históricos fazem parte da cidade. Aliás, a cidade nasceu a partir destes centros e tal não pode ser esquecido. Deverá então existir uma interligação de funcionalidade entre o centro histórico e a cidade. O centro histórico tem que ser visto e reconhecido como uma peça integrante da cidade.

Ashworth e Tunbridge (1990) apresentam um modelo evolutivo das Cidades Históricas. Neste modelo verifica-se a interligação que há entre o centro histórico da cidade e o resto da cidade. Passamos então a explicar este modelo:



Figura 1: Modelo de Cidade – I Fase.

A primeira fase do desenvolvimento das cidades, representada pela Figura 1, pode ser definida como a “Cidade Original” (OC) e que é criada para conter a zona administrativa, a zona residencial e a zona comercial¹⁶.

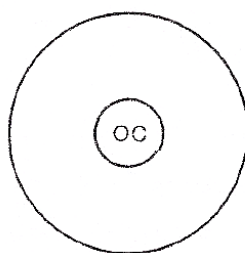


Figura 2: Modelo de Cidade – II Fase.

¹⁶ OC – Original City (Cidade Original)

CBD – Central Business District (Centro de Comercio da Cidade)

HC – Historic City (Cidade Histórica)

Na segunda fase, representada pela Figura 2, a cidade cresce em várias direcções e o centro comercial da cidade – Central Business District (CBD) é a parte mais antiga da cidade.

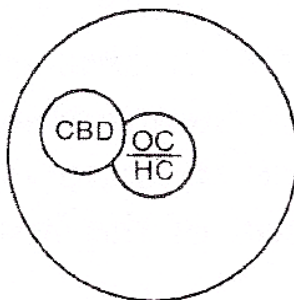


Figura 3: Modelo de Cidade – III Fase.

Na terceira fase, representada pela Figura 3, ocorre o nascimento da Cidade Histórica (HC) e este vai resultar de dois processos: dá-se a introdução de atitudes e políticas de conservação e preservação numa área onde o desenvolvimento esteve contido; por outro lado estabelece-se uma malha de relações entre a cidade histórica e as funções centrais da cidade.

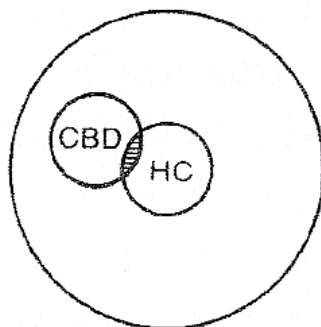


Figura 4: Modelo de Cidade – IV Fase.

Por fim, a quarta fase, representada pela Figura 4, traduz-se num conjunto de sobreposições, do centro de comércio da cidade (CBD) em relação à cidade histórica (HC) que ocupa parte da cidade original. Sendo que o crescimento de cada elemento ocorrerá em direcções opostas.

Tendo em vista este modelo evolutivo da cidade histórica poder-se-á afirmar que Silves enquanto cidade histórica se encontra na terceira fase da evolução, visto que é nesta fase que se faz uma reavaliação do património existente, levando assim a que sejam tomadas medidas para a sua salvaguarda e, é também aqui, que se vai estabelecer uma relação entre a cidade histórica e as funções centrais da cidade, como é o caso das funções administrativas (Guerreiro, 2003).

Em Silves temos um centro histórico que recentemente se encontrou numa fase de recuperação do património que o compõe e, ao mesmo tempo, é nesta zona da cidade que se encontra uma das maiores funções autárquicas de uma cidade, exercida pela Câmara Municipal e, pelos seus organismos. Como a zona histórica de Silves é uma zona de muralha que não permite a sua expansão para outras zonas, levou a que a sua zona de comércio se expandisse para a zona ribeirinha.

As cidades históricas constituem uma zona distinta das cidades; são uma cidade dentro da cidade que, na sua génese podem ter sido zonas maiores do que a própria cidade ou podem ter sido mais pequenas, e até compostas por um único edifício.

Resumindo, a Cidade Histórica é a ligação entre o passado, o presente e o futuro. Esta ligação é feita através dos centros históricos das cidades históricas já que é aqui que se encontram os grandes monumentos que dão vida à cidade.

Foi criado em 1988 uma associação para a defesa dos centros históricos. A Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico (APMCH) conta com mais de 130 autarquias inscritas, estando as mesmas preocupadas com a defesa, valorização, revitalização e animação dos núcleos urbanos.

A APMCH tem, como principais objectivos, congregar vontades “ (a nível governamental, autárquico e privado) para a preservação do importante património cultural que nos coube, em herança, receber das gerações que nos precederam. O que se pretende é facilitar a dinamização de uma política de intervenção que contemple todos os aspectos relacionados com a salvaguarda e com a valorização dos centros históricos portugueses¹⁷”.

A Câmara Municipal de Silves participou no XIII Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico. Neste encontro, a Presidente da mesma, a Dra. Maria Isabel Soares defendeu que o principal objectivo na requalificação do centro urbano foi que o cidadão, ao viver na cidade, pudesse viver a cidade.

O Centro histórico de Silves é caracterizado pelo predomínio de edificações de um piso. A Rua da Sé concentra a maior parte das funções urbanas, designadamente, comércio e serviço. A área delimitada pela Rua da Porta da Azóia, Rua da Misericórdia e travessa do hospital, concentra os equipamentos de segurança social, nomeadamente o Lar de Idosos.

A Rua da Sé tem uma forte relação com a porta da cidade e com a colina onde se localiza a Sé e o Castelo, tornando-a numa das ruas com maior importância da cidade

¹⁷ (www.apmch.pt).

(Silves Polis, Viver Silves, Programa Polis. 2009). Constitui a mesma um importante elemento patrimonial.

Está estabelecido na lei que “o Património Cultural Português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo” (art. 1. lei nº 13/85 do Património Cultural Português, 1985).

Integram o património cultural todos os bens culturais de um povo, tendo estes um valor simbólico relevante para o povo tornando-se, assim, objectos especiais necessitando de protecção e valorização. Como bens integrantes do património cultural temos a língua de um povo, neste caso a língua portuguesa, assim como os bens materiais, como objectos e monumentos e, ainda bens imateriais, como a gastronomia, os rituais, as tradições. Todos estes bens constituem a identidade e a memória colectiva de um povo.

Na perspectiva de Santana Talavera, “o património serve, antes de mais, a fins de identificação colectiva, veiculando uma consciência e um sentimento de grupo, para os próprios e para os demais, erigindo, nesse processo, fronteiras diferenciadoras que permitem manter e preservar a identidade colectiva” (Peralta, 2003:85). O património é o fio condutor que diferencia um grupo de outro grupo. É através deste que o grupo cria a sua identidade colectiva e conta a sua história.

Em 1989 a UNESCO adoptou a Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore, com vista a salvaguardar o património imaterial, visto ser este uma das preocupações dos seus membros.

Mais tarde, em 1999, a UNESCO decidiu estabelecer a Proclamação das Obras Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade, distinguindo assim os grandes exemplos da cultura e das tradições dos povos do mundo, tais como a língua, a literatura oral, a música, a dança, os jogos, a mitologia, rituais, costumes, artesanato, arquitectura, bem como formas tradicionais de comunicação e informação.

A UNESCO define então “Património Imaterial como “os usos, as representações, as expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes são inerentes – que as comunidades, os grupos e nalguns casos os indivíduos reconheçam como parte integrante do seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas comunidades e os grupos em função do seu ambiente, a sua interacção com a natureza e a sua história, infundindo neles um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para a promoção e o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana” (UNESCO, 2003, artigo 2).

Álvaro Campelo “lembra que só deve ser considerado património, aquilo que possa ser compreendido e sentido, como algo de pertença, pelo grupo humano que o herda. Ressalva que a herança patrimonial tem uma utilidade que vai para além do mero acto de guardar, ou conservar. Ela é algo que enriquece as comunidades, porque lhes dá sentido, identifica-as com a sua memória, fazendo com que se transforme num capital, a que podem recorrer sempre que é preciso investir na consciência de si mesmas e na transformação do mundo onde agem” (Quintal, 2008:18).

Todo o concelho de Silves é fortemente marcado pelo património, não só material como também imaterial. Podemos encontrar em todo o concelho um vastíssimo património. Existem vários monumentos espalhados pelo concelho que contam a história deste e as influências que sofreu, ao longo da sua história, por parte dos povos Romanos e Árabes.

Como exemplo do património classificado¹⁸ existente no concelho de Silves temos o Castelo, a Sé Catedral, a Ponte, a Cruz de Portugal, como várias igrejas espalhadas pelas freguesias pertencentes ao concelho, a Capela, o Poço Cisterna e os vestígios arqueológicos também espalhados pelas freguesias do concelho.

Além do património material existente em Silves e que foi objecto, recentemente, de um processo de recuperação, sendo este o caso do centro histórico da cidade. Foi o mesmo objecto de obras de recuperação, ganhando assim nova vida para poder não só receber a sua população local como também os visitantes que diariamente chegam à cidade. Um exemplo claro de dois monumentos pertencentes ao centro histórico e que estiveram em obras de restauro foram o Castelo e a Sé Catedral. Encontramos também, em Silves, um vastíssimo património imaterial que propicia a recuperação de tradições, rituais e a sua salvaguarda.

A Unesco elaborou uma listagem de vectores nos quais se manifesta o património imaterial, sendo estes:

- a) As tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo de património imaterial
- b) As artes do espectáculo
- c) Os usos sociais, rituais e actos festivos

¹⁸ O Castelo, a Sé de Silves e a Cruz de Portugal estão classificados como Monumento Nacional. Temos a Ponte Romana de Silves classificada como Imóvel de Interesse Municipal e o Pelourinho e a Ermida de Nossa Senhora dos Martires classificados como Imóveis de Interesse Público.

- d) O conhecimento e as suas relações com a natureza e o universo
- e) As técnicas tradicionais e o artesanato

(UNESCO, 2003:5)

Silves tem apostado cada vez mais na salvaguarda do seu património imaterial, utilizando os recursos ao seu dispor para organizar eventos, celebrações onde se dê a conhecer este património imaterial.

Durante todo o ano podemos encontrar actividades a decorrer pelo concelho de Silves onde é dada a conhecer a sua gastronomia, o artesanato e a sua tradição. Diz a presidente da Câmara que “tentamos fazer em cada freguesia uma iniciativa própria” (Isabel Soares).

O povo de Silves é marcadamente um povo religioso e, muito da sua tradição está relacionada com a Igreja, visto Silves em tempos ter sido a Sede Bispal do Algarve.

Como exemplos destas comemorações espalhadas pelo concelho de Silves temos as romarias e as procissões, sendo as mais importantes as de Nossa Senhora dos Passos, das Flores e do Enterro do Senhor. Há ainda a feira medieval de Silves que conta a história da cidade e dá a conhecer a sua gastronomia e artesanato local. Em Armação de Pêra, realiza-se o evento anual do Festival da caldeirada, dando a conhecer a gastronomia local através de várias receitas culinárias preparadas pelos pescadores ao longo dos anos, tal como as Festas de Nossa Senhora dos Navegantes e da Nossa Senhora dos Aflitos, visto esta ser uma vila de pescadores e com uma forte ligação com o mar.

Em São Bartolomeu de Messines dá-se, anualmente, a semana gastronómica que promove a gastronomia serrana. Outra tradição desta freguesia é a Festa Carnavalesca.

O Arraial do petisco é organizado pela Freguesia de Pêra, ocorrendo anualmente também a Festa do Corpo de Deus e a Festa de Nossa Senhora das Dores com duração de 3 dias no mês de Agosto.

Em Tunes encontramos o Arraial em honra de Nossa Senhora de Fátima. Por fim temos a freguesia de Alcantarilha com a sua Feira dos Frutos Secos onde podemos encontrar os vários produtos da doçaria do Concelho de Silves.

São os monumentos e os espaços públicos que dão vida ao centro histórico de uma cidade. São estes que dão sentido ao lugar e que de certo modo preenchem a vida da população que aí habita. Maria Amaral, na sua obra Caminhos do Gharb, onde é dado a conhecer uma estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve, tomando como casos principais as cidades de Faro e Silves, afirma que a estratégia para as cidades

históricas “é esse património, enquanto espaço de lazer mas também depósito de memórias e fantasias, de acessos democratizados, de distinção social e cultural, que urge salvar e/ou resgatar, qualificando-o e integrando-o na cidade que gira à sua volta e que, tantas vezes, o foi abandonando, destruindo, segregando e esquecendo” (2002: 32).

3.5 A dinâmica do turismo cultural na região e na cidade de Silves

Foi nos anos 20 que o Algarve se tornou no grande impulsionador turístico que actualmente é. Isto tudo aconteceu graças à construção do Aeroporto Internacional de Faro em 1965. Os turistas tinham até então que se deslocar a Lisboa para depois seguir para o Algarve, passando depois a fazer a viagem directamente para o Algarve.

De todo o território nacional com potencialidade turística o Algarve é a região do país que mais visitantes recebe por ano. No ano de 2009, o Algarve foi a região do país que apresentou um maior número de visitas por motivos de Lazer, Recreio e Férias, recebendo 41,2% das deslocações. Em comparação, o Centro do país apenas registou 23,8% e, o Norte 12,0% das deslocações por motivos de Lazer, Recreio e Férias. (ver figura na secção 7.8 Anexo VIII: Destino das viagens e das dormidas, segundo os principais motivos (%), por NUTS II, 2009).

Com o incremento da procura turística foi necessário criar, no Algarve, infra-estruturas que pudessem suportar tamanha afluência, tais como hotéis, nomeadamente de 4 e 5 estrelas, mas também aldeamentos turísticos tentando sempre que estes se localizassem perto das praias algarvias.

A predominância do Litoral é destacada por Carminda Cavaco: “Sendo o turismo moderno do Algarve essencialmente balnear, os equipamentos receptivos que o apoiam situam-se quase todos junto do litoral. Apenas alguns aldeamentos se localizam um pouco no interior, mas sempre a escassos quilómetros do mar” (1980: 38).

Ainda segundo Carminda Cavaco, no seu livro “Turismo e Demografia no Algarve” (1980), considera-se que as dormidas na hotelaria, colónias de férias, e parques de campismo aumentaram no Algarve, sendo que em 1966, o número de dormidas era de 809 538, e aumentaram para 3 659 731 em 1977. Desde 1977 até aos nossos dias a indústria hoteleira tem sofrido bastantes mudanças, sendo que, actualmente, os números de dormidas de visitantes aumentaram. No seguinte gráfico pode ver-se dados comparativos da distribuição da capacidade de alojamento, segundo a categoria dos estabelecimentos em 1997 e 2007.

Gráfico 1: Distribuição da capacidade de alojamento, segundo a categoria dos estabelecimentos, 1997 (camas).

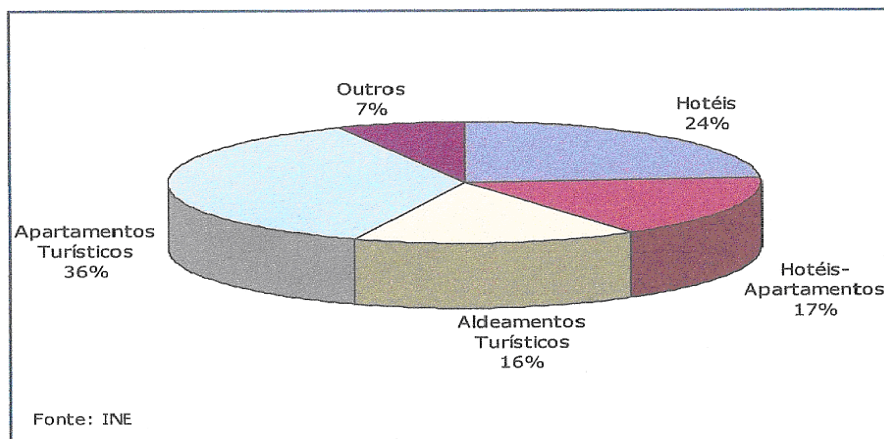
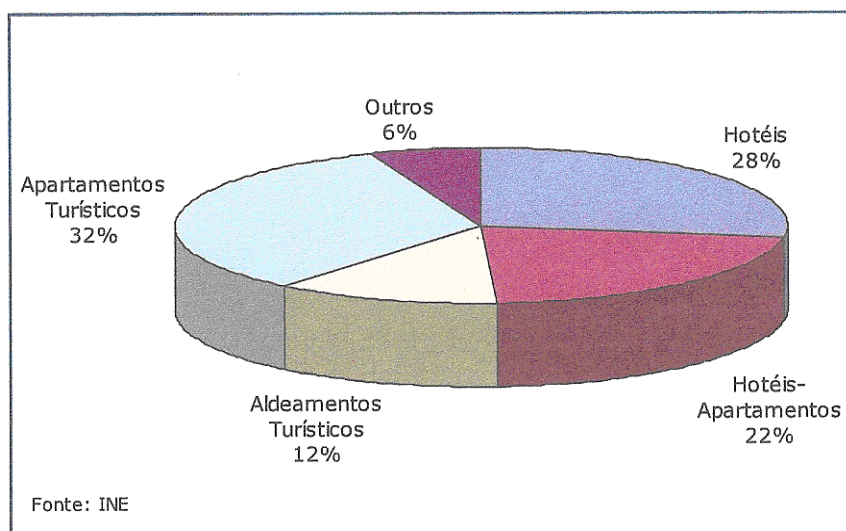


Gráfico 2: Distribuição da capacidade de alojamento, segundo a categoria dos estabelecimentos, 2007 (camas).



Através do Gráfico 1 e Gráfico 2 relativos ao Algarve pode-se verificar que, no ano de 1997, em termos da oferta turística de alojamento 24% era ocupado por Hotéis, sendo que esta oferta aumentou para 28% em 2007. Em contrapartida a oferta turística relativa a Apartamentos Turísticos em 1997 era de 36% e diminuiu para 32% em 2007. Com estes gráficos verifica-se que actualmente há uma maior procura por Hotéis, situação em que os hóspedes têm um maior número de comodidades à sua disposição.

Todos os anos há milhares de turistas a procurar o Algarve como destino turístico: “só no ano de 2009 foram registadas 2425,5 mil viagens com a duração de pelo menos uma noite” (Estatísticas do Turismo, 2010: 59).

Silves¹⁹ enquadra-se dentro das zonas mais procuradas pelos turistas que todos os anos visitam o Algarve já que este Concelho, em termos turísticos, proporciona a todos os que o visitam uma multiplicidade de oportunidades, percursos e escolhas que vão desde as paisagens naturais ao património edificado, passando pelas modernas infra-estruturas de acolhimento que se expandem pela cidade e pelo concelho.

No entanto o turismo fortemente praticado no Concelho de Silves era o turismo balnear visto que Silves possui a Vila de Armação de Pêra, que constitui hoje um dos maiores destinos turísticos do Algarve, com um vasto areal com cerca de 3 km de extensão.

Silves conta com um variado espólio patrimonial, como a Capela de Nossa Senhora dos Mártires; o Castelo; a Casa da Cultura Islâmica e Mediterrânica de Silves; a Cruz de Portugal; a Igreja da Misericórdia; as Muralhas e a Porta Almedina; o Museu de Arqueologia de Silves; o Pelourinho; a Ponte Romana e a Sé Catedral. A Câmara Municipal de Silves tende a apostar cada vez mais no centro histórico da cidade, como destino turístico, sendo este composto por um vasto património cultural, e tentando assim combater a falta de turistas que existe no interior do concelho, uma vez que, como zona turística por excelência, o litoral do concelho apresenta grandes avanços. O que se pretende é dar a conhecer Silves e o seu centro histórico como uma das cidades portuguesas mais representativas do passado histórico ligado à cultura islâmica.

Actualmente os turistas que procuram Silves, têm ao seu dispor não só o típico turismo de “sol e praia”, podendo também beneficiar de acesso a programas culturais que permitem percorrer várias rotas traçadas na cidade para dar a conhecer o seu passado, como é o caso dos Circuitos da Terra, o Circuito da água, o Circuito Neo-Arabe e de Revivalismo Islâmico e, por fim o Circuito Etnográfico-Ambiental. Estes diversos circuitos levam os visitantes aos vários pontos de interesse da cidade. Estas rotas que percorrem a cidade foram criadas pela Câmara com o propósito de dar a conhecer a cidade, como é afirmado pela Dr. Isabel Soares, presidente da Câmara Municipal de Silves.

Refere a mesma que “os atractivos que actualmente temos na cidade são rotas e caminhos, para que os turistas possam circular pela cidade”²⁰

¹⁹ Localizado grosso modo no centro do distrito de Faro, o concelho de Silves tem uma área total de 679 Km², sendo o segundo maior do Algarve. A Norte está limitado pelos concelhos de Odemira e Almodôvar, a Leste por Loulé e Albufeira e a Oeste por Lagoa, Portimão e Monchique, confrontando a Sul com o Atlântico. O Concelho de Silves é composto por oito freguesias que atravessam o litoral e barrocal algarvio, tendo cada uma delas gosto, cheiros e tradições distintas (http://www.cm-silves.pt/portal_autarquico/silves/v_pt-PT/menu_turista/concelho/).

²⁰ Entrevista realizada a Dr.^a Isabel Soares.

Assim os turistas não se centram apenas no centro histórico da cidade, como podem, através destas rotas, percorrer vários pontos da cidade distantes do centro mas, também, com um grande interesse cultural.

Entre os seus principais monumentos e edifícios históricos encontram-se: as “portas da cidade”; o Museu Municipal de Arqueologia, que encerra um poço-cisterna; a antiga Sé de Silves; o Castelo; a Cruz de Portugal; o Teatro Gregório Mascarenhas e a Ponte Medieval. Na seguinte figura visualiza-se a planta da cidade de Silves na qual se destacam os principais monumentos da cidade.

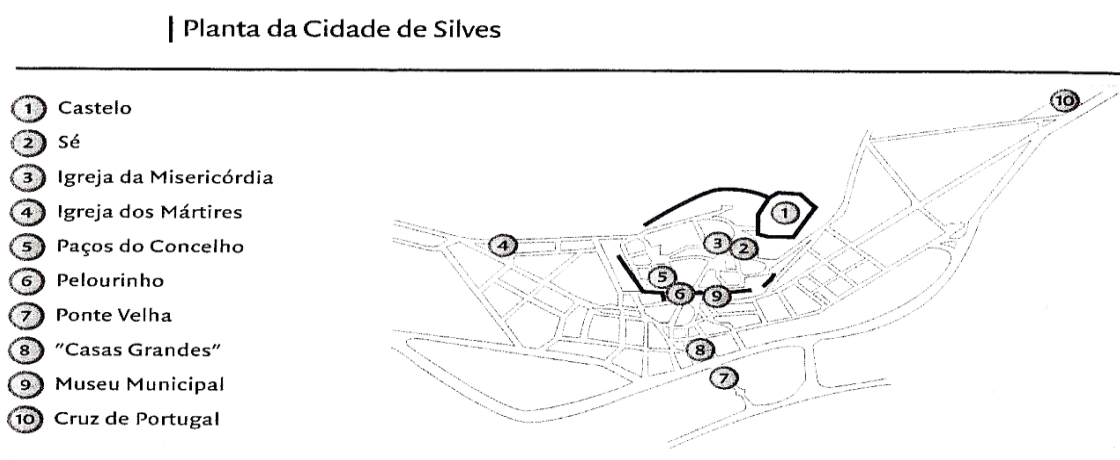


Figura 5: Planta da cidade de Silves (fonte: Gonçalves, 2003).

Como se pode verificar na Figura 5, a zona delimitada a preto é o centro histórico da cidade, no qual estão inseridos a maioria dos monumentos da cidade de Silves. A Câmara Municipal e as entidades competentes apostam na recuperação dos edifícios históricos desta zona e na sua revitalização. Alguns exemplos dos edifícios restaurados e revitalizados são o Castelo e a Igreja de Silves, assim como alguns edifícios que estavam fechados e em degradação e que, actualmente, ganharam uma “nova vida”, ou seja perderam a sua antiga função mas ganharam uma nova função da maior importância para a população, contribuindo assim para que o centro histórico ganhasse uma nova vida e viesse a desempenhar novos papéis.

Num estudo efectuado sobre a imagem da Cidade de Silves, por Alexandre Rodrigues, chegou-se à conclusão de que “a cidade era encarada predominantemente como sendo: romântica, simples, arranjada, clássica, entre o estagnada e o vibrante, limpa, mais ordenada, colorida, formosa, entre o acanhado e o espaçoso, segura, histórica, entre o caro e o barato, simpática, alegre, inesquecível, calma e harmoniosa” (2003:299).

Carlos Fortuna (1995) atribui dois nomes aos centros das cidades, o “centro histórico da cidade” e o “centro de lazer”, Silves encaixa-se perfeitamente nesta dualidade de centro da cidade visto que, actualmente o que se tenta fazer com o centro da cidade é dar-lhe vida, recuperar a importância que teve em tempos e que acabou por perder, seja através da restauração dos seus monumentos, fazendo com que seja conhecido como centro histórico dinâmico. Tentando-se também fazer deste centro urbano um espaço de lazer, criando várias actividades que decorrem ao longo do ano para que se torne activo, para que se possa aprender a história e o passado da cidade, mas também onde se possa sociabilizar, usufruir de actividades de lazer e cultura, ou seja, criar novas centralidades.

Parte IV A Feira Medieval de Silves: história, memória e tradição

4.1 Caracterização da feira medieval de Silves

Sendo a Feira Medieval de Silves, o objecto do presente estudo iremos, em seguida, proceder a uma descrição desse evento.

O primeiro evento do género em Silves foi organizado em 1996 pela Escola Secundária de Silves, sendo nessa época directora do mesmo, a Dr.^a Isabel Soares, actual presidente da Câmara Municipal de Silves, sua impulsionadora. Este evento teve então a participação de toda a comunidade escolar, reunindo centenas de pessoas na sua realização.

A feira era uma iniciativa que eu desde há muito pretendia realizar, até porque já o tinha feito à semelhança daquilo que se está a fazer na Câmara Municipal. Quando estava na escola lancei uma primeira festa medieval, feita dentro do Castelo, sendo uma feira com uma dimensão mais pequena porque é evidente que as condições e os apoios que tínhamos eram muito menores (Isabel Soares).

Após muitos anos sem nenhuma repetição deste tipo de eventos, surge em Agosto de 2004 uma “Feira Quinhentista como forma de comemorar os 500 anos do Foral Manuelino de Silves” (Câmara municipal de Silves, 2011²¹). Esta Feira caracteriza a vida quotidiana da população de Silves da época. Aqui é recriado o momento da leitura do Foral. Neste ano a feira teve a duração de dois dias, realizando-se no centro histórico da cidade. Utiliza-se aqui o slogan “Silves uma história interminável” .

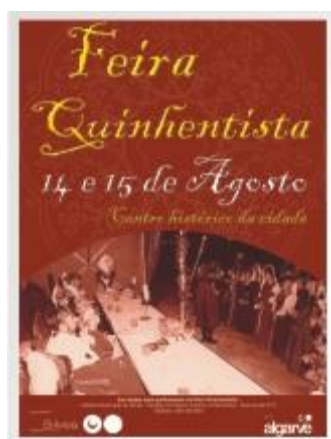


Figura 6: Cartaz da Feira Quinhentista (fonte: Câmara Municipal de Silves, 2011).

No ano de 2005 realiza-se a primeira feira medieval em Silves. Neste ano a feira ainda não tinha grandes proporções. Sendo ainda uma pequena amostra do que esta é

²¹ www.cm-silves.pt

actualmente. A criação da Feira Quinhentista e o surgimento das Feiras Medievais estiveram ao cargo da Câmara Municipal de Silves, impulsionadas pela sua presidente, a Dr.^a Isabel Soares, através da Divisão de Educação, Cultura, Turismo e Património.

Tal como nos é dito pela Dr.^a Isabel Soares, “a feira teve sempre um pouco o cunho medieval mas não tínhamos vindo aos tempos mais remotos, ainda não tínhamos ido buscar o período árabe, tinha sido só o período cristão na primeira iniciativa, depois achamos que para alargar e para darmos conhecimentos da nossa história era mais importante dar a conhecer o período do século XI, XII e por isso nós recuamos a essas épocas”.

Desde 2005 que se pode assistir a uma recriação desta feira medieval, sendo esta inspirada em momentos e personagens importantes da zona. De ano para ano tem vindo a crescer, pois inicialmente, contava apenas com 3 dias de representações históricas, sendo que, actualmente, conta com 9 dias de puro revivalismo histórico.

É na parte velha da cidade, onde se situam o Castelo, a Sé e as casas tradicionais, que se recria o ambiente quotidiano da época medieval. Nomeadamente é possível encontrar comida da época nas tascas tradicionais; assistir a diversas actividades tais como: danças, teatro e ainda passear por diversas barracas de artesanato.

A Feira realiza-se sempre no mês de Agosto e a cidade “enche-se dos sons, dos falares, das cores e dos aromas próprios do tempo, em que era capital do Sul do país”²². Com o passar dos anos a feira medieval de Silves tornou-se numa referência a nível nacional, vindo turistas de todo o país e, alguns do estrangeiro, para durante os 9 dias de Agosto poderem participar na feira que transforma toda a cidade.

Para a feira medieval foi criada uma moeda, o XILB²³. Existem três tipos de moeda, como representado na Figura 7.

$\frac{1}{2}$ XILB = € 0,50

1 XILB = € 1,00

5 XILB = 5,00



Figura 7: XILB.

²² www.cm-silves.pt

²³ Idem

O propósito desta moeda é fazer com que tanto a população local como os visitantes adiram ao espírito da festa. O câmbio pode ser feito à entrada e à saída da feira. Esta iniciativa conta com a participação dos comerciantes, sendo possível efectuar pagamentos tanto com o XILB como com euros.

Nesta feira é ainda possível vestir-se a rigor. A Câmara Municipal de Silves disponibiliza três roupeiros reais, estando estes situados em pontos estratégicos do recinto da feira medieval. Estão disponíveis 2638 fatos de homem, mulher e crianças, podendo estes ser alugados por qualquer pessoa. Todos os fatos disponibilizados pela Câmara Municipal foram criados por um estilista da terra, António Gracias, estando à disposição das pessoas fatos da nobreza, do clero, da burguesia e ainda gilabas, que são fatos árabes.

“Para os comerciantes é indiscutível que a Feira Medieval se assume como um negócio, mas para a Câmara Municipal de Silves representa uma montra do espólio patrimonial, político e cultural que é inerente ao título de Silves”²⁴.

É tido em conta todo o rigor histórico em volta deste evento, criando-se um ambiente medieval que reflecte a vida quotidiana da época, os seus hábitos e modos de vida.

Durante os preparativos da feira, o centro histórico e as ruas da cidade são enfeitados. Como exemplos destas zonas da cidade temos, a Praça Al’Muthamid, a Praça do Município, a Rua do Castelo, a zona envolvente da Sé Catedral, a Rua do Moinho da Porta, o Pelourinho e as entradas da cidade. Existe ainda uma zona denominada de Liça, que é onde diariamente acontece um torneio com cavalos. Este espectáculo é a portas fechadas, sendo necessário, por isso, comprar bilhetes para se poder assistir ao mesmo.



Figura 8: Torneio com cavalos (fonte: Câmara Municipal de Silves, 2011).

²⁴ www.cm-silves.pt

Um dos objectivos desta Feira Medieval é, em primeira instancia o de proporcionar momentos de lazer à população local, e dar a conhecer a história da cidade e da região, revivendo assim os seus momentos áureos, tanto durante a ocupação muçulmana como após a conquista da região pelo reino de Portugal. Cumpre também o objectivo de atrair turistas à região, desenvolvendo assim o turismo cultural e promovendo o concelho. Este evento tenta ainda competir numa região onde o turismo é marcadamente de “sol e praia”. Isto é referido pela Dr.^a Isabel Soares, *atrair a população e mostrar a grandeza e a importância desta cidade é um dos propósitos da feira*.

O espaço escolhido para a realização desta feira é o centro histórico de Silves e a sua envolvente, ligando assim o rio ao centro da cidade. Segundo a Dr.^a Isabel Soares “o evento utiliza todo o casco urbano, o casco histórico da cidade fazendo depois ligação ao próprio rio. Passa também por outra zona, pela parte comercial para que as pessoas não só sejam incentivadas a vir à parte histórica mas, também, conheçam um pouco do resto da cidade”. Esta zona é escolhida para a recriação histórica que a autarquia de Silves se propõe concretizar visto ser a zona mais antiga da cidade e onde se pode encontrar o monumental espólio patrimonial pertencente à cidade. É ainda neste centro histórico que se realiza a feira porque, na época medieval, este centro compunha a cidade intra-muros (ver secção 7.5 Anexo V: Mapa da Feira Medieval de Silves).

A feira medieval de Silves tem início junto da praça do Município, onde está situado o Pelourinho da cidade. À direita deste estão as portas da cidade, sendo tudo feito em pedra vermelha, grés. Passadas as portas da cidade encontramos o câmbio real onde se pode trocar, como foi referido, Euros por XELBS. Encontramos à direita deste o museu municipal de arqueologia e, à sua esquerda, o edifício da Câmara Municipal. Sobe-se então pela Rua Direita, sendo esta a rua onde antigamente se encontravam os mercadores, os quais durante a feira aparecem representados por varias barracas com artesanato. Chegando ao cimo desta rua temos a Sé catedral e o Castelo. Pela primeira vez em 2010 o Castelo fez parte integrante do recinto da feira medieval, acontecendo aqui, todas as noites, algumas das representações preparadas pelo grupo Viv'arte.

Ao longo dos 9 dias do evento são recriados episódios históricos que vão desde o século VIII ao século XIII. Isto permite que os primeiros dias da feira sejam de influência árabe e que os últimos dias da feira sejam marcadamente de influência cristã. Segundo Isabel Soares “normalmente temos 3 dias da época árabe e depois passamos para a época cristã nos últimos 6 dias”.

A animação da feira está, como se referiu, ao cargo da Câmara Municipal de Silves embora segundo Isabel Soares “não sejam as gentes locais, muitas das vezes, que

desempenham essa animação, mas é uma contratualização por norma que nós fazemos com entidade exteriores por conseguinte com empresas que produzem e executam animação, como é o caso da Companhia Viv'arte"²⁵.

Este grupo procura representar a história da cidade de Silves através de encenações cénicas. É também este grupo que diariamente abre a feira com um cortejo real, e que anima a feira com a sua música, as suas bailarinas, o mendigo, ou seja, é este grupo que interpreta vários papéis para que seja feita a animação da feira.

Os visitantes e a população local podem reviver o passado deambulando pelas ruas onde outrora passaram reis, príncipes e princesas, revivendo a época em que Silves era a capital do Algarve e vivia rodeada de poetas.

A organização da Feira descreve o ambiente que pretende recriar na Feira da seguinte forma:

“Durante toda a Feira a animação será constante cruzando-se os visitantes com cavaleiros, falcoeiros, arqueiros, mercadores mouros, vendedores de escravos, encantadores de serpentes, mendigos, bufões e burlões, saltimbancos e malabaristas, almocreves, levas de condenados, foragidos à justiça, (...).”²⁶

A feira medieval de Silves realiza-se durante a primeira quinzena de Agosto porque este é um mês com um grande aumento do fluxo de turistas no Algarve. O concelho de Silves e a própria cidade recebem turistas durante todo o ano, mas é durante o Verão, principalmente em Agosto, que este fluxo de turistas aumenta. Nesta perspectiva torna-se mais proveitosa a realização da feira durante este período, visto facilitar a deslocação à cidade da população local e dos visitantes e turistas, nesta época. Os turistas durante o dia podem aproveitar outras características únicas que o concelho tem para lhes oferecer, como é o caso da praia e, à noite, aproveitam a para ir à feira para desfrutar da animação e da gastronomia local, adquirindo ainda alguns conhecimentos sobre a história da cidade.

Uma vez que há novidades de ano para ano e em cada ano de dia para dia, cada vez há mais turistas a visitá-la, sejam eles da região, do país ou do estrangeiro, assim como

²⁵ O responsável pela companhia Viv'arte é Mário Costa. Esta companhia existe desde 1988 e teve origem no grupo de teatro da Escola Secundária de Oliveira do Bairro. No ano de 2000 este grupo transformou-se numa Associação Cultural sem fins lucrativos. Especializaram-se em espectáculos de recriação histórica, aplicando para isso o conceito de História ao Vivo. A companhia Viv'arte especializou-se em feiras medievais e participa anualmente em varias das feiras medievais que se realizam pelo país.

²⁶ Teatro Viv'arte ; “Feira Medieval de Silves”; http://vivarte.weblog.com.pt/arquivo/2005/08/feira_medieval

comerciantes de todo o país. Tal contribui para que o retorno à Idade Média em geral esteja mais presente do que, especificamente, a preservação da identidade desta cidade. Diz-nos Isabel Soares que “vêm vendedores de toda a parte do mundo, temos da Argélia, de Marrocos, da Tunísia, da Turquia, da Itália, de França e de Espanha”.

A feira medieval de Silves tenta incorporar todas as características das cidades medievais para assim as melhor poder representar. Como exemplo disto temos a mesquita. Através dos estudos realizados sobre a cidade sabe-se que existiu uma mesquita na zona onde hoje é o edifício da Câmara Municipal. Sendo assim, durante a feira medieval é colocada uma tenda junto da zona deste edifício que representa a antiga mesquita de Silves e, a certas horas, pode ler-se o alcorão e reza-se virados para Meca.

4.2 A recriação histórica e memória através da Feira Medieval

De acordo com Cunha Barros as recriações históricas “visam a rememoração de eventos que perderam o seu valor de uso” (2006:186), como é o caso de feiras e mercados medievais, que por norma ocorrem em praças, castelos e outros locais que expressam a história de uma região. O comércio em épocas antigas fazia-se através da venda na rua de produtos e bens de consumo, por norma todas as cidades tinham uma feira ou um mercado onde os comerciantes podiam vender os seus produtos.

Uma das vertentes da feira medieval de Silves é a representação dos referidos mercados. Aqui os artesãos podem dar a conhecer ao público os seus produtos, podendo assim contribuir para a preservação de uma “arte” tradicional que actualmente vem a desaparecer.

Hoje temos como uma das vertentes da animação histórica introduzida em Portugal através da técnica da história ao vivo, as feiras medievais, que durante o ano se realizam de norte a sul do país. As feiras medievais levam a uma mobilização de toda a comunidade de um cidade onde esta se realiza, em que a comunidade participa em todo o processo de organização que, pode levar vários meses. Ao contrário do que se fazia nos primeiros anos desta acção, hoje existe um público que assiste ao espectáculo, sem ter de encarnar uma figura de época, para poder participar da acção. Os recintos onde esta acção se realiza, de um modo geral, está aberto a todos quantos queiram assistir ao evento e conhecer um pouco da história e tradição dessa cidade.

A Feira Medieval de Silves apesar de se realizar à relativamente poucos anos, estando apenas na sua 7ª edição, conta já com um vastíssimo número de visitantes. Só no ano de 2010 estima-se que tenham estado cerca de 250 mil pessoas na feira (segundo dados apresentados pela Câmara Municipal). Este número é apenas uma estimativa calculada, visto a entrada para a feira ser livre.

A feira é realizada no centro histórico da cidade, e este espaço torna-se num lugar de memória, já que como se tem comprovado torna-se mais fácil recordar se tivermos associado à memória um espaço físico. Em alguns casos a memória é instantaneamente accionada aquando de uma visita a um determinado local (Fernandes, 2002).

A feira medieval de Silves é sem duvida nenhuma um apelo à memória da população local, servindo muitas vezes também para elucidá-los para a história da cidade, porque muitas pessoas não imaginavam que as pedras que encontravam eram vestígios de um passado. Estes agora vão compreendendo

cada vez mais o que é que está por baixo do chão que pisamos no dia a dia
(Isabel Soares).

Ainda de acordo com Fernandes “a reunião de pessoas faz actuar a memória e tende a avivar e a condensar a recordação” (Fernandes, 2002:121). A feira medieval enquanto actividade de lazer é celebrada pela população. Esta tende a servir como factor de concentração de um grupo, ou de uma família. Serve assim para juntar a família, para que estes juntos passem pela experiência de reviver a história do seu passado, servindo também para que esta família crie novas recordações. Recordações estas que se tornam em memórias e quando todos os anos a família se reunir por altura da feira medieval as recordações vão ser revividas. “A memória alimenta-se da recordação do passado” (Fernandes, 2002:123).

As recriações históricas são a recriação de um passado, ou seja, de acontecimentos marcantes para a história de um povo. A feira medieval enquanto acção de recriação histórica é uma forma de dar a conhecer momentos da história de Silves ao seu povo. Tal concretiza-se através de encenações realizadas por actores e que demonstram, assim, acontecimentos do passado. O facto destas recriações históricas serem feitas no centro histórico da cidade, torna mais fácil para um indivíduo utilizar a imaginação ao assistir a estas recriações e perceber como tudo se passou há muitos anos atrás.

Segundo Coelho, a história de uma cidade é dada a conhecer de “uma forma lúdica e ao alcance dos mais diversos públicos independentemente do grau de conhecimento ou nível cultural dos que dela usufruem ou que com ela aprendem a amar e respeitar a memória cultural e tradições de um povo ou de uma região, ou de um sítio histórico quase esquecido” (Coelho, 2009:20).

É ainda de notar, de acordo com Fernandes, que “a recordação é uma reconstrução que é feita em função dos interesses presentes, a forma como se recorda pode ser um indicador do que possa hoje continuar a interessar as pessoas” (2002: 130). Esta recordação traz à memória os contos que outrora se ouviram contar. Estes enchem o imaginário colectivo da população levando-os para uma época que não vivenciaram. (Fernandes, 2002).

4.3 Os contributos da Feira Medieval para a identidade colectiva

As festas são elementos importantíssimos na construção da identidade colectiva da população. A Feira medieval de Silves é disso exemplo.

Os vários grupos criam estratégias para exteriorizarem aquilo que consideram como sendo as suas características próprias, que nenhum outro grupo tem. É através destas características que os actores sociais exibem a sua identidade (Amante, 2007).

Cohen diz, “Não é surpreendente (...) encontrar o ritual a ocupar uma posição proeminente no repertório de esquemas simbólicos através dos quais as fronteiras da comunidade são afirmadas e reforçadas (...) o ritual confirma e fortalece a identidade social e o sentido de localização social das pessoas: é um importante meio através do qual as pessoas experienciam a comunidade” (1985:50).

É através destes rituais festivos, como é o caso da feira medieval, que muitos indivíduos que estão durante todo o ano afastados da sua comunidade, experienciam o sentido de pertença à comunidade, sendo que muitos destes deixaram a comunidade há muito tempo. “As festas populares encontram-se entre os aspectos mais importantes da vida das comunidades, elas constituem uma linguagem simbólica” (Amante, 2007:156). Estas constituem uma forma da comunidade expressar a sua identidade local. Os rituais e as festas organizadas pelas comunidades para além da sua função lúdica, têm também uma tarefa de “promover a união no seio da comunidade e de alguma forma manter a chama do conflito com as comunidades vizinhas” (Amante, 2007:156).

A festa serve para demonstrar às comunidades vizinhas o que a diferencia das mesmas, ou seja, o que a torna única, o que a individualiza em relação às comunidades que a rodeiam. Silves ao realizar a feira medieval partilha com toda a comunidade a realização desta. A comunidade esforça-se por mostrar as suas características identitárias únicas, que a diferenciam de todas as outras. A comunidade de Silves utiliza-se da feira medieval para mostrar os seus traços identitários únicos: “a festa é claramente uma expressão da identidade local e regional” (Amante, 2007: 157).

A festa é o culminar dos esforços realizados pela comunidade ao longo do tempo que demoram os seus preparativos. Grande parte da comunidade de Silves adere à organização e preparação da feira medieval. Alguns voluntariam-se para ajudar os trabalhadores da Câmara Municipal nos preparativos desta feira. Os comerciantes da cidade enfeitam as suas lojas com objectos medievais entrando assim também no espírito da feira. A feira serve assim não só para o comércio dos produtos tradicionais da zona, e também para que a comunidade se ajude mutuamente, fortalecendo assim os seus laços identitários.

“A festa é actualmente uma das únicas ocasiões em que o esforço colectivo se evidencia aos olhos de todos, em que se anulam algumas diferenças de carácter social” (Amante, 2007:158).

“Em maior ou menor grau e de diferentes maneiras as festas representam o património de um povo nos níveis simbólico, sociológico, económico, político, cultural e identitário” (Pereira, 2000: 123), ou seja, estas são uma maneira de pensar e agir de um determinado momento da história.

Por norma as festas tradicionais são as festas ditas religiosas. Este tipo de festa encontra-se espalhado por todo o concelho de Silves. Realizam-se durante um dia, começando sempre com uma celebração religiosa. Para além das festas religiosas o concelho tem também à disposição da população local e dos visitantes festas de cariz profano, ou seja, as festas de “valorização do património e da gastronomia local” (Pereira, 2000). Estas festas são caracterizadas pela sua animação e duração já que por norma duram mais de um dia. No concelho de Silves a festa de valorização do património e da gastronomia local com maior duração é a feira medieval, sendo que esta dura 9 dias. Ao longo destes 9 dias podemos descobrir o património existente na cidade, a sua gastronomia local e, ainda, assistir a momentos de animação protagonizados por actores.

As várias festas que podemos assistir em todo o Algarve têm como função, para além do fortalecimento dos laços identitários da comunidade, desenvolver o turismo da região, a sua gastronomia e dar a conhecer os seus produtos artesanais.

Para que a feira medieval seja dada a conhecer aos visitantes e, também à população local, torna-se necessário que exista uma forte promoção, ou seja, é através da publicidade que este evento é dado a conhecer, aqui ficando expressa a identidade da comunidade anfitriã do evento. Os programas e folhetos promocionais do evento são aproveitados, não só para dar a conhecer os espectáculos que irão ocorrer durante o evento, mas também são “um veículo para a divulgação de um certo localismo” (Amante, 2007:193). Para estes folhetos e programas são escolhidos por norma aspectos que salientam a individualidade da comunidade, uma vez que “a festa aparece como um elemento importante na afirmação da identidade local” (Amante, 2007:193).

No entanto, Martins previne que “não devemos caracterizar as feiras como um simples esporádico aglomerado de mercadores que se juntam para uma simples troca ocasional de produtos” (1988: 122), hoje as feiras não são encaradas meramente como um local onde se podem vender e comprar produtos, constituindo antes espaços onde a comunidade pode conviver e interagir, fortalecendo assim a sua identidade colectiva.

Segundo Luís Baptista as identidades locais são valorizadas graças à activação da tradição cultural. Aquelas tornam-se mais estimulantes para o público a partir do momento em que ganham visibilidade e adquirem capacidade de se darem a conhecer. O exemplo de “ver na televisão o anúncio das festas da minha terra é paradigmático dessa afirmação identitária que faz com que as identidades locais num contexto globalizado sejam tanto mais valorizadas quando visíveis no exterior dos lugares de que são referentes” (2005: 55).

As festas contribuem para a regeneração de um povo. Tal significa que as mesmas além do seu carácter recreativo e lúdico, possuem uma função identitária. Esta é uma fuga à vida quotidiana do grupo, em que o indivíduo vive a vida afastado do grupo, passando assim, nos dias de festa, a interagir com os restantes indivíduos do grupo. “A festa revela, salienta, distingue e valoriza” (Teixeira, 2010:25) o grupo.

“A festa no que respeita à identidade de uma comunidade, desempenha um imprescindível papel simbólico mediador” (Teixeira, 2010:29). A festa está estritamente relacionada com a identidade da comunidade. Quando esta é retirada ao grupo, estes perdem a vontade de viver, de trabalhar, visto estar na base das amizades e vivências do grupo. Joaquim Teixeira resume isto, afirmando que a festa está na base do “berço do povo” (2010:29).

Acabando com as celebrações festivas, acaba-se com a oportunidade dos grupos se juntarem e socializarem. “Sem festa os indivíduos isolam-se, tornam-se maus. As festas são uma restauração periódica das fontes da sociedade” (Teixeira, 2010:29).

4.4 A Feira Medieval e a sua actividade turística

As feiras medievais fazem parte dos eventos culturais realizados actualmente em Portugal, e têm aumentado significativamente de ano para ano não só quanto ao número de participantes como também de visitantes.

A partir do momento em que as festas, mais propriamente as feiras medievais são entendidas como atracção turística, as entidades locais tendem a apostar nestas como um factor de desenvolvimento da localidade, assim como de desenvolvimento económico e de atracção de visitantes às localidades.

Segundo Campos, as recriações históricas tornam-se mais concretamente num produto turístico muito rentável. Estas estabelecem uma ligação ao passado de uma comunidade e promovem experiências activas e significativas para a comunidade e para os visitantes que são atraídos (2009).

As autarquias vão ter aqui um papel fundamental, já que na maioria das vezes são estas que organizam estes eventos culturais, veja-se o exemplo de Silves. No caso de Silves, como foi referido é a Câmara Municipal que, no quadro do associativismo cultural, promove a organização do evento denominado “feira medieval”. Um dos grandes objectivos do concelho de Silves é dinamizar o turismo cultural, potenciando assim o desenvolvimento de recursos naturais e patrimoniais que tem ao seu dispor, tentando assim combater o turismo de sol e praia que anualmente leva centenas de turistas a esta região.

Os festivais e eventos desempenham diversos papéis numa cidade, sendo identificados por Getz como sendo “atracções, produtores de imagens, animadores de atractivos estáticos e catalisadores de desenvolvimento” (Yeoman et al, 2006: 36). Estes podem ser encarados como uma alternativa para minimizar os impactos negativos do turismo de massas e promover ainda as relações entre visitantes e anfitriões, os quais frequentam o mesmo espaço público durante o período em que durar o festival.

Os festivais e eventos podem ajudar um destino turístico a ultrapassar as dificuldades inerentes à sazonalidade de destinos turísticos, como é o caso do Algarve, sendo o Verão a época em que recebe mais turistas. Esta é a época em que encontramos à nossa disposição um maior número de festivais, tais como festas religiosas e profanas. Aqui os visitantes buscam satisfazer a sua curiosidade sobre as pessoas e o local que estão a visitar, procurando assim “fazer o que a população local faz” (Yeoman, et al, 2006: 42), aproximação essa que visa a experiência adquirida nestas festas lhes permita conhecer e aproxima-se da forma tradicional de vida da comunidade visitada.

Por norma os visitantes tendem a comprar “souvenirs” dos locais visitados para depois poderem mostrar os objectos adquiridos nas suas viagens. Coleccionam “souvenirs” de todos os locais visitados. Os mesmos “desejam sair do evento com histórias e experiencias para contar em casa” (Yeoman et al, 2006: 43).

Getz, Frisby e Hall sugerem que os eventos devem servir não apenas para atrair turistas, mas que sirvam também para auxiliar o desenvolvimento local e económico de uma região (Yeoman et al, 2006). No caso são identificados como uma das formas turísticas e de lazer com rápido crescimento e que, por vezes pode mudar a vida e as características próprias das comunidades de destino. Yeoman identifica algumas das características que tendem a suscitar a mudança por uma forte exposição das comunidades locais perante os visitantes. São estas “a ameaça de comunidades locais perceberem os turistas como invasores; a perda da privacidade; a destruição da cultura que atrai os visitantes, transformando os atractivos em “museus”; a hostilidade percebida na exploração; a comoditização e falta de consultoria” (2006: 44).

Refere Oliveira que “a actividade turística caracteriza-se, essencialmente, pelo deslocamento de pessoas de sua residência fixa para localidades diferentes” (2009: 33). É isto que acontece em Silves durante a época da feira. Os visitantes deslocam-se das suas zonas de residência para esta localidade para poderem desfrutar do que o concelho de Silves tem para lhes oferecer. Infelizmente muitos destes visitantes limitam-se a visitar a feira apenas durante um dia, porque a cidade não possui infra-estruturas necessárias para que os visitantes aqui permaneçam mais do que um dia. A cidade apenas possui um hotel e algumas pequenas residências que ficam inteiramente ocupadas durante a época da feira pelos comerciantes que se deslocam à feira e, pelos actores que organizam toda a parte da animação. Para poder atrair ainda mais turistas à cidade por altura da feira medieval seria necessário criar mais infra-estruturas de apoio aos visitantes, tais como hotéis, na cidade, o que coloca a questão de necessidade de incrementar actividades durante o ano contrariando a referida sazonalidade.

Existem múltiplos motivos que levam os turistas a visitar festivais e eventos, cada indivíduo tem desejos a satisfazer durante a visita a um festival. Estes podem ser de carácter familiar, como o desejo por parte do indivíduo de partilhar a experiencia do festival com a família e enriquecimento cultural que vai ganhar através desta experiencia. É importante para o mercado turístico perceber os motivos que levam os visitantes a frequentar os festivais, porque assim podem avaliar as suas necessidades e suprir estas através da criação de produtos e serviços (Crompton and McKay, 1997).

Actualmente os festivais são reconhecidos como grandes eventos de atracção turística, e estes implicam “that visitors are likely to be seeking cultural enrichment, education, novelty and socialization” (Crompton and McKay, 1997: 429).

O turismo é um fenómeno que revaloriza as economias locais, dando oportunidade às localidades de fazerem uso do seu património de modo a tirarem proveito deste. A feira medieval de Silves é o exemplo de um evento que é explorado pelo turismo e que se utiliza do espaço público da cidade, ou seja, o centro histórico de Silves, para “vender” o seu património. Silves utiliza-se do património existente no seu centro histórico para recriar a vida quotidiana da época medieval e assim atrair turistas (Baptista, 2005).

Segundo Isabel Soares, durante todo o ano chegam a Silves vários turistas, oriundos de toda a Europa, havendo por parte destes um maior fluxo durante o verão, mais concretamente durante a feira medieval de Silves, vindos da *Inglaterra, Espanha, França, Itália e Holanda* (Isabel Soares). O público-alvo desta feira medieval além da população local é o turista internacional. A presidente da Câmara de Silves salienta também o seguinte: “é evidente que a nossa grande aposta são sempre os nacionais e os espanhóis, porque estes últimos anos temos investido em termos publicitários em Espanha, porque é um mercado relativamente perto e de fácil acesso. O espanhol é um tipo de turista que investe na cidade, e como estamos a cerca de uma hora da fronteira, facilita o deslocamento destes à cidade de Silves”.

4.5 Dados Estatísticos / Resultado do estudo no terreno

Para uma análise mais aprofundada da feira Medieval de Silves recorreu-se a um inquérito por questionário. Foram aplicados 89 questionários à população local e outros 89 questionários aos visitantes da feira medieval de Silves. No total foram realizados cerca de 100 questionários, mas após a verificação destes, confirmou-se que alguns não poderiam ser utilizados devido a falhas ocorridas no processo de resposta, ou porque alguns não respondiam a certas perguntas.

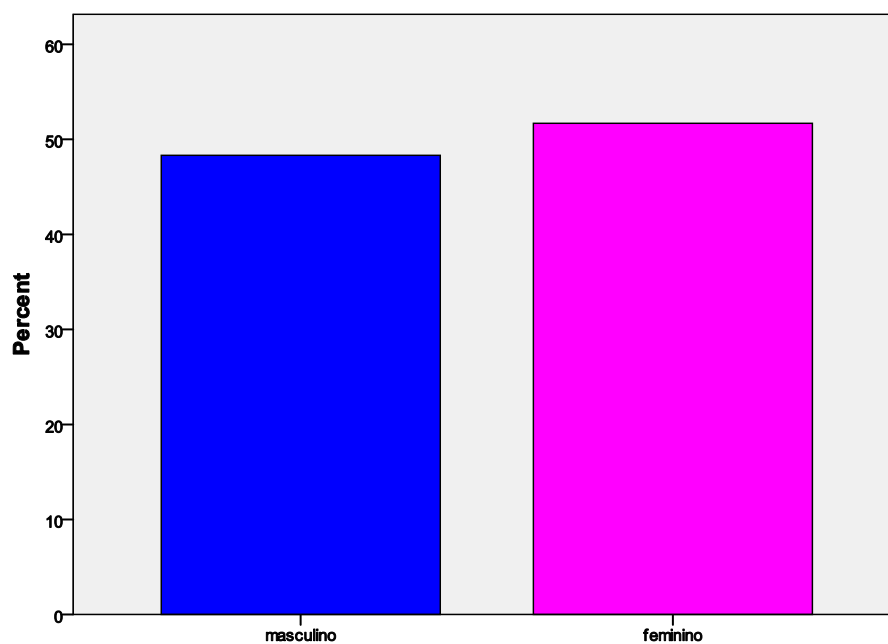
A população alvo deste questionário foi a população local e os visitantes, para tal optou-se por utilizar dois questionários distintos. Um destinado a uma amostra da população local e outro aos visitantes a fim de se obter dados representativos da população-alvo.

“A amostra é essencialmente, um subgrupo da população. Digamos que é um subconjunto de elementos, que pertencem a esse conjunto, definido em suas características ao que chamamos população” (Sampieri, Collado e Lúcio, 2006:253).

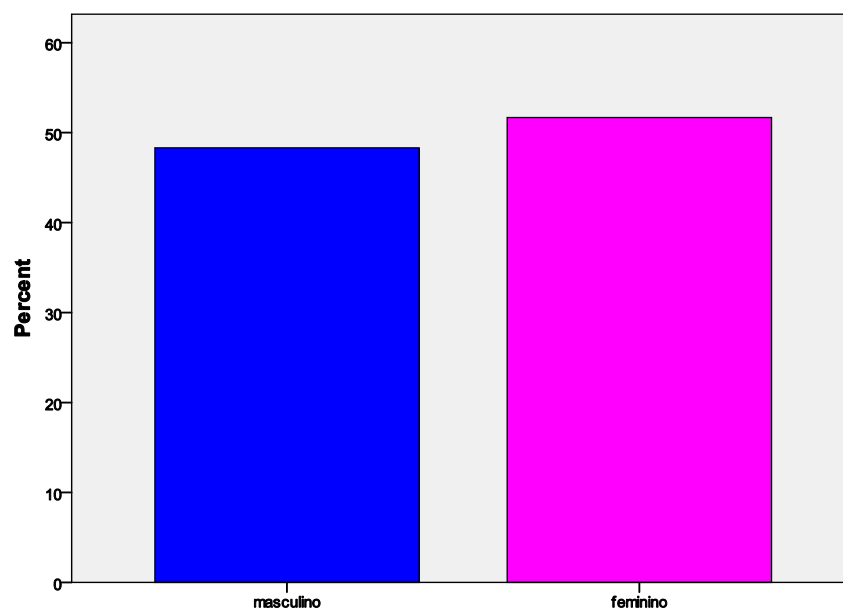
Como se observa na Tabela 1 e Tabela 2 51.7% dos inquiridos são mulheres e 48.3% são homens. Optou-se por utilizar uma amostra idêntica nos dois questionários para assim facilitar a comparação dos resultados.

Tabela 1: Sexo do inquirido – visitante.

Sexo	Frequência	%	% Acumulada
Masculino	43	48.3	48.3
Feminino	46	51.7	100.0
Total	89	100.0	

Gráfico 3: Sexo do inquirido – visitante.**Tabela 2: Sexo do inquirido – população.**

Sexo	Frequência	%	% Acumulada
Masculino	43	48.3	48.3
Feminino	46	51.7	100.0
Total	89	100.0	

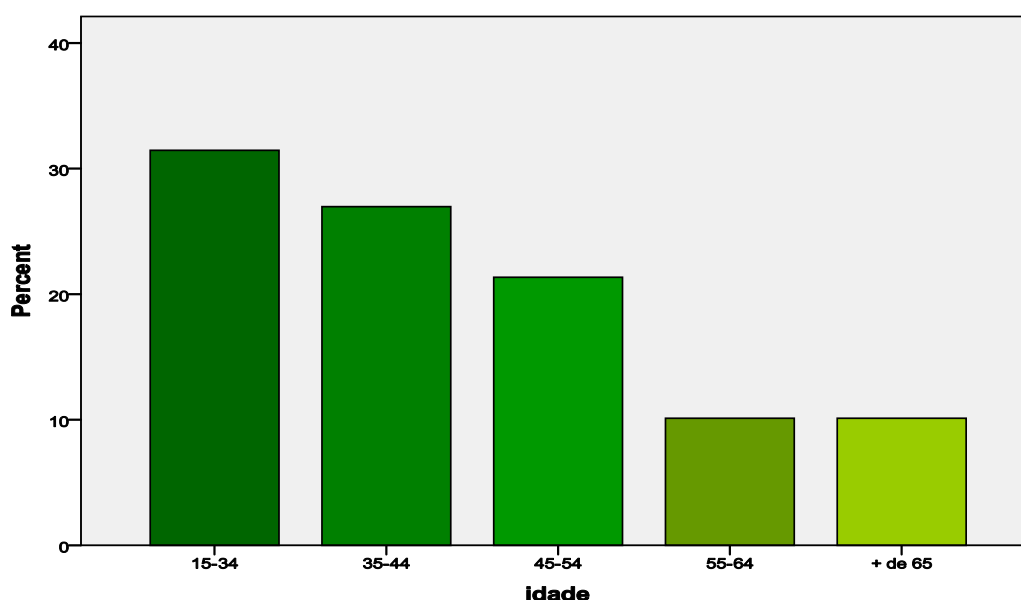
Gráfico 4: Sexo do inquirido – população.

Observando-se a Tabela 3, percebe-se que a faixa etária que mais colaborou nesta investigação dos visitantes foi a dos 15-34 anos, com 31.5% dos dados obtidos.

Tabela 3: Idade do inquirido – visitantes.

Idade	Frequência	%	% Acumulada
15-34	28	31.5	31.5
35-44	24	27.0	58.4
45-54	19	21.3	79.8
55-64	9	10.1	89.9
+ de 65	9	10.1	100.0
Total	89	100.0	

Gráfico 5: Idade do inquirido – visitantes.

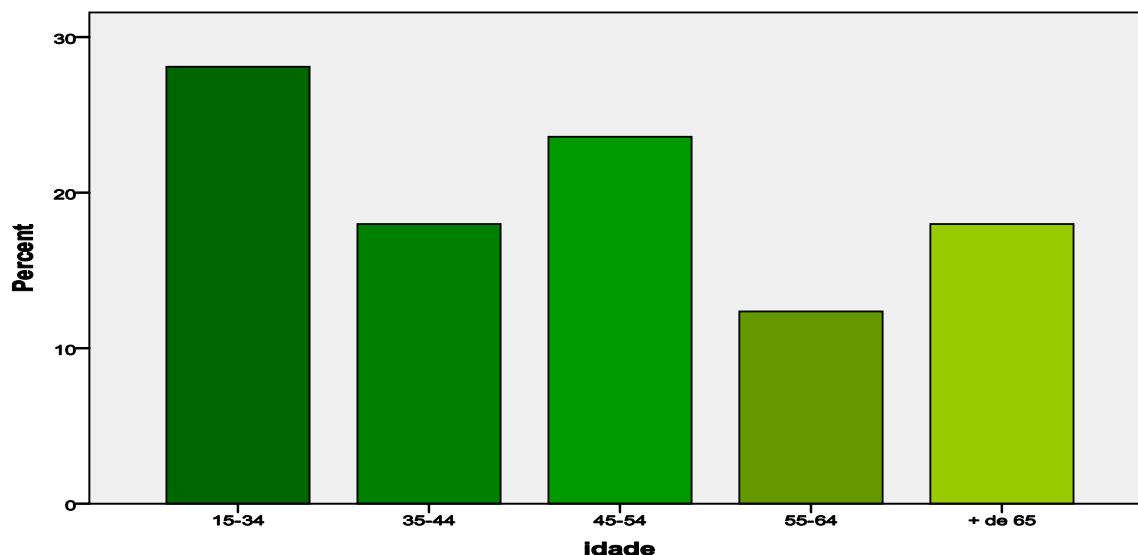


Segue-se o grupo etário 35-44, sendo que existe um número igual de inquiridos nos grupos etários 55-64 e mais de 65 anos, ambos com 9%.

Nos resultados da população, a situação inverte-se. Tal como nos dados relativos aos visitantes, aqui o grupo etário com uma maior percentagem de respostas é o grupo entre os 15-34 anos, com 28.1%. Segue-se do grupo etário entre os 45-54, com 23.6%, sendo que o grupo etário com menor percentagem de respostas é o dos 55-64 anos com apenas 12.4%.

Tabela 4: Idade do inquirido – população.

Grupo de Idades	Frequência	%	% Acumulada
15-34	25	28,1	28,1
35-44	16	18,0	46,1
45-54	21	23,6	69,7
55-64	11	12,4	82,0
+ De 65	16	18,0	100,0
Total	89	100,0	

Gráfico 6: Idade do inquirido – população.

Observando o Gráfico 5 e o Gráfico 6 podemos verificar que, nos visitantes, a média de idades que mais visitou a feira medieval de Silves foi o grupo etário mais novo (15-34anos) e que, na população local, os que mais frequentaram a feira medieval no ano de 2010, para além do grupo etário mais novo (15 – 34 anos) com 28.1%, regista-se também bastante aderência do grupo etário 45-54 anos, com 23.6%, seguindo-se o grupo etário com mais de 65 anos com 18%.

Tabela 5: Idade da população – frequência por sexo.

		Sexo		
		Masculino	Feminino	Total
Idade	15-34	11	14	25
	35-44	7	9	16
	45-54	9	12	21
	55-64	7	4	11
	+ De 65	9	7	16
Total		43	46	89

Tabela 6: Idade dos visitantes - frequência por sexo.

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Idade	15-34	14	14	28
	35-44	12	12	24
	45-54	9	10	19
	55-64	4	5	9
	+ De 65	4	5	9
Total		43	46	89

Constata-se através da Tabela 5 e da Tabela 6 com a relação idade dos visitantes – frequência por sexo que, no que refere aos visitantes, existe uma proporção quase idêntica entre mulheres e homens referente aos vários grupos etários. Existindo uma maior discrepância nos dados da população, com maior frequência de mulheres nos vários grupos etários (ver Tabela 23 e Tabela 24 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

Nas seguintes tabelas verifica-se a relação habilitações literárias – frequência e percentagens por sexo, tanto no caso dos visitantes como na população local.

Tabela 7: Habilitações literárias dos visitantes – frequência e percentagens por sexo.

Sexo * habilitações literárias									
			Habilitações literárias						Total
			1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino secundário	Bacharelato / licenciatura	Mestrado / doutoramento	
Sexo	Masculino		1	2	6	14	17	3	43
		% of Total	1,1%	2,2%	6,7%	15,7%	19,1%	3,4%	48,3%
	Feminino		0	0	6	11	24	5	46
		% of Total	,0%	,0%	6,7%	12,4%	27,0%	5,6%	51,7%
Total			1	2	12	25	41	8	89
		% of Total	1,1%	2,2%	13,5%	28,1%	46,1%	9,0%	100,0%

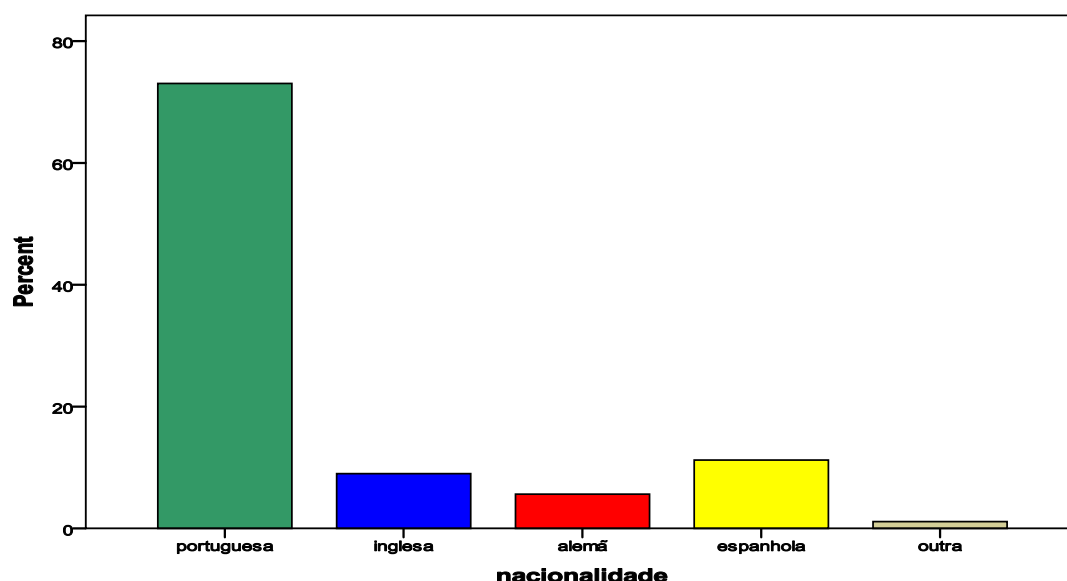
Tabela 8: Habilitações literárias da população – frequência e percentagens por sexo.

Sexo * habilitações literárias									
			Habilitações literárias						Total
			Não sabe ler nem escrever	1ºciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino secundário	Bacharelato/ licenciatura	
Sexo	Masculino		5	3	4	9	16	6	43
		% of Total	5,6%	3,4%	4,5%	10,1%	18,0%	6,7%	48,3%
	Feminino		2	5	4	5	21	9	46
		% of Total	2,2%	5,6%	4,5%	5,6%	23,6%	10,1%	51,7%
Total			7	8	8	14	37	15	89
		% of Total	7,9%	9,0%	9,0%	15,7%	41,6%	16,9%	100,0%

Na relação habilitações literárias dos visitantes – frequência e percentagens por sexo constata-se que o sexo masculino apresenta maior frequência dos entrevistados com ensino secundário, com o total de 15.7%, sendo que, o sexo feminino, apresenta um nível educacional superior, constata-se que 27% das mulheres têm um Bacharelato/Licenciatura e ainda 5% das mulheres têm um Mestrado/ Doutoramento, contra 3% dos homens.

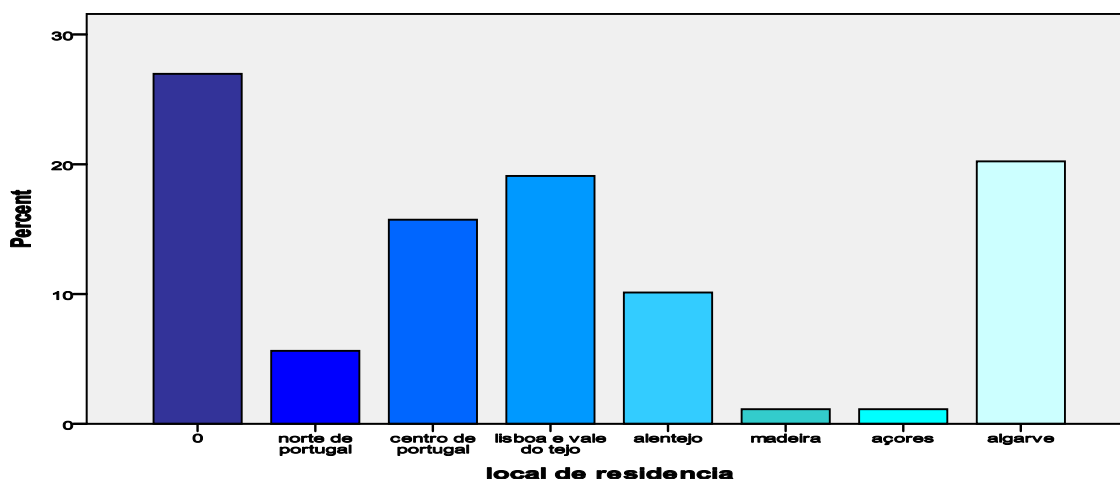
No que se refere à população local tende a verificar-se o mesmo, ou seja, há um maior número de mulheres com habilitações literárias superiores. Isto é, 23.6% das mulheres completaram o ensino secundário, contra 18% dos homens. Acresce ainda que 10.1% das mulheres possuem Bacharelato/Licenciatura.

Em seguida iremos debruçar-nos sobre os dados obtidos com o questionário realizado aos visitantes da feira medieval de Silves.

Gráfico 7: Nacionalidade dos visitantes.

Como podemos verificar pelo Gráfico 7 o maior número de inquiridos a visitar a feira medieval no ano de 2010 foram de nacionalidade portuguesa, com 73%, seguindo-se dos visitantes de nacionalidade espanhola, com 11.2%. Depois surgem os visitantes com nacionalidade inglesa com 9% e por fim os alemães com apenas 5.6%. Como explicação para a maior percentagem por parte de visitantes de nacionalidade portuguesa podemos apresentar o seguinte: os portugueses aproveitam o mês de Agosto para tirar as suas férias, aproveitando o calor para desfrutarem do Algarve e das praias que este tem para oferecer. Aproveitando assim os dias na praia e procurando várias actividades lúdicas, sendo que a feira medieval é uma delas. Esta combina uma actividade lúdica, onde os visitantes podem descontraírem-se, podendo em simultâneo conhecer um pouco da história da cidade de Silves enquanto passeiam pelas suas ruas (ver Tabela 25 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

De seguida iremos analisar o Gráfico 8 que representa a localidade de residência da população residente que, no gráfico anterior, respondeu ter nacionalidade portuguesa.

Gráfico 8: Local de residência dos visitantes.

No Gráfico 8 aparece representado numa das colunas o número 0, este foi o número dado à percentagem de população que não respondeu a questão nº16 do questionário, porque na questão anterior responderam que tinham outra nacionalidade, que não a portuguesa. Referindo-nos assim ao número dos visitantes de nacionalidade portuguesa que visitaram a feira medieval, regista-se o seguinte: 20.2% são algarvios, seguindo-se os visitantes vindos da zona de Lisboa e Vale do Tejo com 19.1%. A Madeira e os Açores, apresentam um carácter residual apresentando, respectivamente, uma preferência de 1,1%. A feira recebeu também bastantes visitantes vindos do centro do país, representando estes 15.7% das respostas (ver Tabela 26 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

Em seguida é apresentada uma tabela com os dados obtidos com as respostas a primeira pergunta do questionário, que foi assim formulada: já visitou a feira medieval de Silves anteriormente? À qual 65.2% dos visitantes responderam que sim, contra 34.8% que responderam que não. Podemos ainda concluir com esta tabela que dentro dos grupos etários, o que já visitou mais de uma vez a feira, com 10.1% (homens) e 11.2% (mulheres), é a faixa etária entre os 15-34 anos. Nesta faixa etária estão representados os jovens, ou seja na sua maioria estudantes, aproveitando assim as férias para vir até ao Algarve.

Tabela 9: Visitas à feira medieval de Silves.

	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Sim	9 (10.1%)	10 (11.2%)	8 (8.6%)	7 (7.9%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	1 (1.1%)	3 (3.4%)	2 (2.2%)	2 (2.2%)	58 (65.2%)
Não	5 (5.6%)	4 (4.5%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	2 (2.2%)	1 (1.1%)	3 (3.4%)	2 (2.2%)	2 (2.2%)	3 (3.4%)	31 (34.8%)
Total	14 (15.7%)	14 (15.7%)	12 (13.4%)	12 (13.4%)	9 (10.1%)	10 (11.2%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	89 (100%)

Sabemos ainda que 16 dos homens inquiridos já visitaram a feira medieval mais de 4 vezes e que 11 das mulheres inquiridas já visitaram também a feira medieval mais de 4 vezes. Podemos concluir assim que houve bastantes visitantes que gostaram de participar na feira medieval de Silves, voltando assim todos os anos (ver Tabela 27 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

Uma das questões colocadas é a de “como tomou conhecimento da existência da feira medieval de Silves”, sendo que a maior percentagem dos visitantes tomou conhecimento da existência desta feira através de amigos e familiares (49.4%), seguindo-se dos cartazes e folhetos (19.1%) espalhados pelo Algarve e não só.

Tabela 10: Conhecimento da existência da feira medieval (pergunta 3).

	Frequência	%	% Acumulada
Amigos/familiares	44	49.4	49.4
Cartazes / folhetos	17	19.1	68.5
Acções promocionais	8	9.0	77.5
Televisão	7	7.9	85.4
Internet	10	11.2	96.6
Imprensa escrita	3	3.4	100.0
Total	89	100.0	

No que se refere às “representações históricas” 78.7% dos visitantes afirma ter assistido a algumas durante a sua visita à feira medieval, contra 21.3% que afirma não ter assistido a nenhuma representação histórica. No que se refere à população local 75.3% assistiu às representações históricas, mas 24.7% não assistiu a nenhuma.

Tabela 11: Assistiu a representações históricas – população.

	Frequência	%	% Acumulada
Sim	67	75.3	75.3
Não	22	24.7	100.0
Total	89	100.0	

Tabela 12: Assistiu a representações históricas – visitantes.

	Frequência	%	% Acumulada
Sim	70	78.7	78.7
Não	19	21.3	100.0
Total	89	100.0	

Os visitantes que vêm a Silves por norma apenas ficam na cidade algumas horas.

Como tal, achou-se pertinente elaborar uma pergunta no questionário dos visitantes que podem dar resposta a esta dúvida, ou seja, quanto ao tempo de permanência dos visitantes em Silves, sendo esta a questão nº10 (ver questionário na secção 7.3 Anexo III: Questionário realizado aos visitantes). As conclusões tiradas são de que relativamente à percentagem de visitantes que permanecem em Silves mais de 24h é de apenas 22.5%, sendo igual a percentagem de visitantes que permanecem na cidade entre 12h a 24h. Verifica-se assim que a grande maioria dos visitantes apenas permanece em Silves menos de 12h, com um valor de 55.1%. Estes resultados resultam do facto de a cidade de Silves ter apenas um hotel como alojamento hoteleiro, e mais uma pequena pensão, não chegando assim para colmatar as necessidades dos visitantes a esta cidade durante a época do Verão.

Tabela 13: Duração da permanência em Silves.

			Menos de 12h	Entre 12h e 24h	Mais de 24h	Total
Sexo	Masculino		31	3	9	43
		% of Total	34,8%	3,4%	10,1%	48,3%
	Feminino		18	17	11	46
		% of Total	20,2%	19,1%	12,4%	51,7%
Total			49	20	20	89
		% of Total	55,1%	22,5%	22,5%	100,0%

Na pergunta 4 do questionário aplicada aos visitantes, foi pedido que caracterizassem assim várias alíneas segundo a categoria Bom, Razoável, Mau, e não sabe responder/ não responde.

Na **Tabela 14** podemos ver as respostas obtidas na alínea sobre a preservação do património histórico, sendo que 67.4% categorizou este como Bom.

Tabela 14: Preservação do património histórico – frequência por sexo

Sexo* preservação do património histórico Crosstabulation							
			Preservação do património histórico				Total
			Bom	Razoável	Mau	ns/nr	
Sexo	Masculino	Count	27	14	1	1	43
		% of Total	30.3%	15.7%	1.1%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	33	11	1	1	46
		% of Total	37.1%	12.4%	1.1%	1.1%	51.7%
Total		Count	60	25	2	2	89
		% of Total	67.4%	28.1%	2.2%	2.2%	100.0%

Quando se perguntou pela hospitalidade prestada por parte da população local para com os visitantes estes respondem que esta é boa, com 71.9%.

Tabela 15: Hospitalidade – frequência por sexo

Sexo * hospitalidade Crosstabulation					
			Hospitalidade		Total
			Bom	Razoável	
Sexo	Masculino	Count	29	14	43
		% of Total	32.6%	15.7%	48.3%
	Feminino	Count	35	11	46
		% of Total	39.3%	12.4%	51.7%
Total		Count	64	25	89
		% of Total	71.9%	28.1%	100.0%

A aquisição de conhecimentos é também caracterizada com Bom (60.7%)

Tabela 16: Aquisição de conhecimentos – frequência por sexo

Sexo * aquisição de conhecimentos Crosstabulation							
			Aquisição de conhecimentos				Total
			Bom	Razoável	Mau	ns/nr	
Sexo	Masculino	Count	21	20	1	1	43
		% of Total	23.6%	22.5%	1.1%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	33	13	0	0	46
		% of Total	37.1%	14.6%	0%	0%	51.7%
Total		Count	54	33	1	1	89
		% of Total	60.7%	37.1%	1.1%	1.1%	100.0%

No que se refere ao resto das alíneas as respostas foram as seguintes, para os sinais informativos 49.4% caracterizou estes como razoável, para a animação 70.8% caracterizou como bom, no que se refere à divulgação/ promoção a maioria das respostas foi de 66.2% para o razoável. Aos acessos foi dado 52.8% como razoável, referente à segurança foram dados também 52.8% como razoável. Já no que se refere à gastronomia foi dado bom com 77.5% das respostas (ver

Tabela 33, Tabela 34, Tabela 35, Tabela 36 e Tabela 37 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

À semelhança da questão anterior foi também pedido aos inquiridos que classificasse a importância dos vários motivos para a sua visita a Silves, com as categorias de nada importante, pouco importante, importante, muito importante, extremamente importante. Os resultados obtidos foram os seguintes: para a alínea estar fora dos circuitos habituais do Algarve foi atribuído maioritariamente com 31.5% a categoria de importante, à semelhança deste foi também atribuída a categoria de importante à alínea conservar um passado partilhado com outras culturas (38.2%), a programação cultural (40.4%), ser um lugar agradável e tranquilo para passear (36%), descanso /relaxamento (37.1%), actualização de conhecimentos (38.2%) e a visita sugerida por amigos (36%).

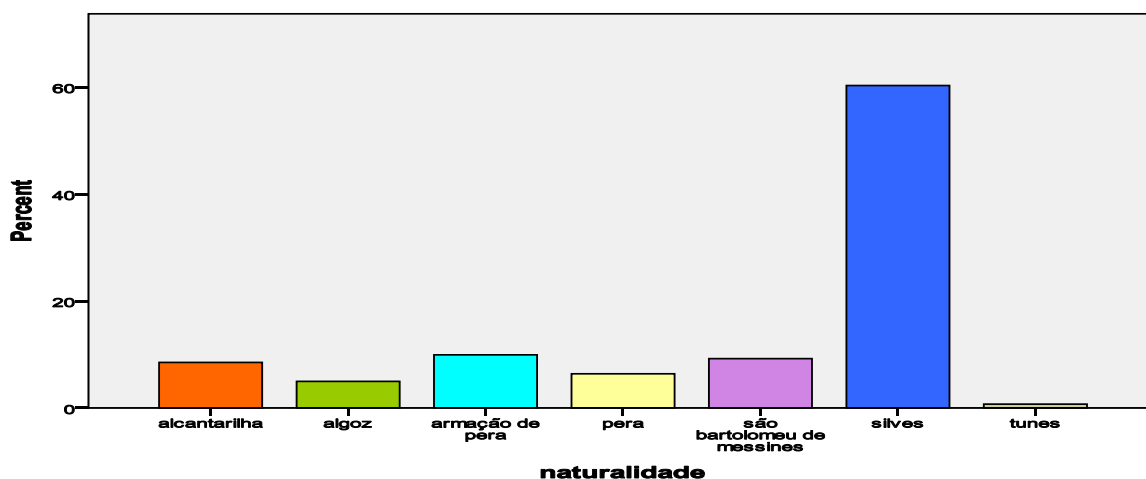
Na alínea ter interesse por lugares históricos 36% dos inquiridos categorizou esta como muito importante, sendo que a outra alínea também categorizada como muito importante é saborear a gastronomia cultural com 37.1%. A alínea estar no programa das agências de viagens foi categorizada como nada importante com 29.2%, sendo que na alínea a existência de eventos culturais sofreu um empate entre as categorias de importante e muito importante, ambas com 31.5% das respostas (ver Tabela 38, Tabela 39, Tabela 40, Tabela 41, Tabela 42, Tabela 43, Tabela 44, Tabela 45, Tabela 46, Tabela 47, Tabela 48 na

secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS). Podemos concluir assim que a maioria dos visitantes acham que é importante para eles que a cidade de Silves seja uma cidade que está fora dos circuitos habituais do Algarve e que esta conserve um passado partilhado com outras culturas, em detrimento desta estar nos programas das agências de viagens.

Iremos agora analisar os resultados dos questionários da população

A maior parte da população que respondeu a este questionário pertence a Silves com 60.3 %, seguindo-se de Armação de Pêra e São Bartolomeu de Messines com respectivamente 9.9% e 9.2% (ver Tabela 28 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS) percebe-se claramente a partir do Gráfico 9 que a maior parte da população local que frequenta a feira são da freguesia de Silves.

Gráfico 9: Naturalidade da população local.



A primeira pergunta elabora do questionário da população local é para perceber se esta população costuma frequentar a feira todos os anos, desde o começo da sua realização, e 83.1% da população respondeu que sim, contra apenas 16.9% da população que não frequenta a feira medieval anualmente.

Tabela 17: Pergunta 1.

	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	
Sim	9 (10.1%)	13 (14.6%)	6 (6.7%)	7 (7.9%)	8 (9%)	11 (12.4%)	6 (6.7%)	4 (4.5%)	7 (7.9%)	3 (3.4%)	74 (83.1%)
Não	2 (2.2%)	1 (1.1%)	1 (1.1%)	2 (2.2%)	1 (1.1%)	1 (1.1%)	1 (1.1%)	0 (0%)	2 (2.2%)	4 (4.5%)	15 (16.9%)
Total	11 (12.4%)	14 (15.7%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	9 (10.1%)	12 (13.4%)	7 (7.9%)	4 (4.5%)	9 (10.1%)	7 (7.9%)	89 (100%)

Dos inquiridos que costumam frequentar a feira todos os anos, 47 responderam que costumam participar na feira medieval durante 4 ou mais dias (ver Tabela 29 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

58.4% (ver Tabela 30 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS) dos inquiridos afirma não participar na feira, isto, quando lhes é perguntado se participam na feira e se sim, em quê? Dos 41.6% que responderam que participam na feira, 14.6% participam na feira através dos expositores, 13.5% veste as roupas disponíveis na feira, entrando assim no espírito medieval (ver Tabela 31 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

À semelhança do anteriormente exposto na pergunta 6 do questionário era pedido aos respondentes que fizessem uma avaliação da feira medieval para vários itens, utilizando para isso uma categoria de Bom, Razoável, Mau, Não sabe responder ou não responde.

No que se refere à preservação do património histórico a maior parte respondeu Bom (51.7%).

Tabela 18: Preservação do património histórico – frequência por sexo

Sexo * preservação do património histórico Crosstabulation							
			Preservação do património histórico				Total
			Bom	Razoável	Mau	NS / NR	
Sexo	Masculino	Count	25	15	2	1	43
		% of Total	28.1%	16.9%	2.2%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	21	21	3	1	46
		% of Total	23.6%	23.6%	3.4%	1.1%	51.7%
Total		Count	46	36	5	2	89
		% of Total	51.7%	40.4%	5.6%	2.2%	100.0%

Seguindo-se da aquisição de conhecimentos adquiridos durante a feira, a maior parte das respostas recolhidas é que acham a aquisição de conhecimentos obtidos razoável (51.7%).

Tabela 19: Aquisição de conhecimentos – frequência por sexo

Sexo * aquisição de conhecimentos Crosstabulation							
			Aquisição de conhecimentos				Total
			Bom	Razoável	Mau	NS /NR	
Sexo	Masculino	Count	19	17	5	2	43
		% of Total	21.3%	19.1%	5.6%	2.2%	48.3%
	Feminino	Count	15	29	1	1	46
		% of Total	16.9%	32.6%	1.1%	1.1%	51.7%
Total		Count	34	46	6	3	89
		% of Total	38.2%	51.7%	6.7%	3.4%	100.0%

Podemos referir também as respostas dadas, aquando a pergunta sobre a utilização do perímetro da cidade, aqui a maior parte da população respondeu também achar razoável (49.4%) a maneira como a utilização do perímetro da cidade foi feita.

Tabela 20: Utilização do perímetro da cidade – frequência por sexo

Sexo * Utilização do perímetro da cidade Crosstabulation							
			Utilização do perímetro da cidade				Total
			Bom	Razoável	Mau	NS /NR	
Sexo	Masculino	Count	17	19	6	1	43
		% of Total	19.1%	21.3%	6.7%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	11	25	8	2	46
		% of Total	12.4%	28.1%	9.0%	2.2%	51.7%
Total		Count	28	44	14	3	89
		% of Total	31.5%	49.4%	15.7%	3.4%	100.0%

No que se refere à animação, aos acessos, à segurança e à gastronomia, as categorias mais utilizadas foram Bom para a animação, aos acessos foi razoável, à segurança foi dada maioritariamente a categoria Bom e por fim à gastronomia foi dada também maioritariamente a categoria Bom (ver Tabela 50, Tabela 51 e Tabela 52 na secção 7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS).

De seguida iremos comparar os dados obtidos na pergunta 6 do questionário realizado à população e a pergunta 4 do questionário realizado aos visitantes. Em ambas as

questões era pedido que os inquiridos caracterizassem algumas alíneas, utilizando a categoria de Bom, Razoável, Mau e não sabe responder/não responde.

Comparando as respostas dadas verificamos que no que se refere à preservação do património histórico tanto a população local como os visitantes caracterizaram este com Bom. Já ao que se refere à aquisição de conhecimentos, estes não estão de acordo, visto que a população local atribui a esta alínea o razoável com 51.7% e os visitantes atribuem bom com 60.7%. No que se refere à animação ambos atribuem um bom. À alínea dos acessos ambos atribuem um razoável, isto deve-se ao facto de a feira se realizar na parte antiga da cidade e aqui não existirem parques de estacionamento, tendo que se caminhar até à feira. Terminando assim com as alíneas referentes à segurança e à gastronomia, tanto a população local como os visitantes atribuem valores iguais, sendo razoável para a segurança e bom para a gastronomia. Podemos assim entender que maioritariamente os dados obtidos nos questionários realizados à população local e aos visitantes são idênticos, estando estes dois grupos distintos muitas vezes de acordo.

No que respeita ao contributo prestado pela feira medieval de Silves para o desenvolvimento da cidade, 95.5% da população local acha que a feira contribui para o desenvolvimento desta cidade.

Tabela 21: Contributo da feira para o desenvolvimento da cidade.

	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	Mascu lino	Femini no	
Sim	11 (12.4%)	13 (14.6%)	6 (6.7%)	9 (10.1)	9 (10.1)	12 (13.4%)	6 (6.7%)	4 (4.5%)	8 (8.6%)	7 (7.9%)	85 (95.5%)
Não	0 (0%)	1 (1.1%)	1 (1.1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1.1%)	0 (0%)	1 (1.1%)	0 (0%)	4 (4.5%)
Total	11 (12.4%)	14 (15.7%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	9 (10.1%)	12 (13.4%)	7 (7.9%)	4 (4.5%)	9 (10.1%)	7 (7.9%)	89 (100%)

Em Silves existem vários monumentos e equipamentos culturais à disposição da população local sem ser durante a feira medieval de Silves, sendo assim, 61.8% dos inquiridos afirma frequentar estes espaços ao longo do anos, são estes: a Sé de Silves, o Castelo, o Museu de Arqueologia, a Cruz de Portugal, a Casa da Cultura Islâmica e Mediterrânica, o Centro de Interpretação do Património Islâmico de Silves e a Biblioteca Municipal. Contra apenas 38.2% dos inquiridos que afirma não frequentar estes espaços.

Tabela 22: Costuma frequentar os monumentos e os equipamentos da cidade sem ser durante a feira.

	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Sim	7 (7.9%)	12 (13.5%)	3 (3.4%)	7 (7.9%)	5 (5.6%)	6 (6.7%)	3 (3.4%)	4 (4.5%)	4 (4.5%)	4 (4.5%)	55 (61.8%)
Não	4 (4.5%)	2 (2.2%)	4 (4.5%)	2 (2.2%)	4 (4.5%)	6 (6.7%)	4 (4.5%)	0 (0%)	5 (5.6%)	3 (3.4%)	34 (38.2%)
Total	11 (12.4%)	14 (15.7%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	9 (10.1%)	12 (13.4%)	7 (7.9%)	4 (4.5%)	9 (10.1%)	7 (7.9%)	89 (100%)

Parte V Notas Conclusivas

A cidade foi, é e será sempre um palco de convívio onde as comunidades aprendem a comunicar, observar, agir, destruir, construir, passear, ensinar, tocar, comprar, vender, amar e odiar. Esta é um palco onde os indivíduos sociabilizam a aprendem a viver em comunidade.

Ao longo dos anos a cidade histórica foi palco de várias mudanças, tendo visto o seu centro histórico perder importância para a periferia, levando à desertificação do centro histórico, que por sua vez levou a que as identidades culturais e urbanas se fossem perdendo pelo caminho.

O Centro Histórico da cidade deve ser sempre visto como um projecto em constante mutação, criando condições para que os modos de vida da população, o património e os espaços públicos da cidade sejam sempre respeitados e preservados. É através das ruas, das casas, dos espaços públicos de uma cidade que o passado nos é dado a conhecer e como tal devemos aprender a respeitar estes locais para que as gerações futuras também os possam desfrutar e conhecer a história do seu passado através destes.

Os centros históricos das cidades históricas, como é o caso de Silves, são locais de convívio e de tensão permanente. Isto é-nos afirmado por Miguel Vinuesa (2002), “este é um centro de tensão devido às funções residenciais, religiosas, culturais, comerciais, turísticas e administrativas”. Ou seja, um centro de uma cidade assume várias funções ao mesmo tempo, o que pode provocar por vezes conflitos, há no entanto que saber conciliar estas funções de uma forma harmoniosa para que o centro da cidade funcione em pleno. Outra função que encontramos nos centros históricos é a função turístico-cultural, estes são locais em que cada vez mais os políticos e os promotores turísticos investem, já que o turismo é uma actividade que oferece importantes oportunidades de desenvolvimento para as cidades e para as regiões que as envolvem.

Ao termos noção de que devemos preservar o património e de que este turisticamente é rentável estamos a garantir um compromisso social para com a nossa comunidade, isto é, a identidade cultural de uma comunidade juntamente com a melhoria das condições de vida, reforçam o sentimento de pertença que um individuo tem para com a sua comunidade, para com a sua cidade (Vinuesa, 2002).

Silves é uma cidade monumental, como há poucas no nosso país, esta é uma cidade que integra uma multiplicidade de funções, tem uma riqueza patrimonial como poucas e o mais importante, guarda um importante passado, preservado na memória colectiva da sua comunidade. Através das várias actividades lúdicas realizadas em Silves, como é o caso da feira medieval, é reforçada a identidade colectiva deste povo. O centro histórico da cidade é

o ponto central da comunidade, ou seja, é neste espaço público que as relações sociais se desenvolvem, que os laços identitários se criam.

A feira medieval de Silves não é apenas uma simples feira, com propósitos comerciais, esta é uma feira com uma forte vertente lúdica, mas é também um apelo para que se conheça o passado e a história desta terra, não só à sua população local mas também aos seus visitantes. Claro que não podemos deixar de referir a vertente turística desta feira, já que uma das grandes funções desta feira é atrair visitantes para que conheçam a cidade, a sua história e os seus monumentos.

A Feira contribui para a revitalização do centro urbano, atraindo um número elevado de pessoas a este espaço, esta fez com que desde o início houvesse uma preocupação em revitalizar o centro histórico da cidade, por parte dos responsáveis, para que este estivesse em plenas condições para ser vivido pela população local e pelos visitantes.

Também através dos resultados obtidos pelo trabalho de terreno pode-se verificar que quando é perguntado à população local se a feira contribui para o desenvolvimento da cidade, a grande maioria dos inquiridos responde que sim (95.5%). Quando é ainda pedido, aos visitantes e à população local, que classifiquem a preservação do património histórico da cidade, ambos atribuem a classificação Bom, com 67.4% e 51.7% respectivamente.

Com os resultados dos questionários realizados, tanto à população local como aos visitantes, conclui-se que a feira medieval de Silves é bem aceite e percepcionada por todos. Há uma forte aderência do público que a visita, tentando estes interagir uns com os outros, seja entre a população local, ou entre estes e os visitantes.

No que se refere aos resultados do estudo no terreno verificou-se que nos visitantes a média de idades que mais visitou a feira medieval foi o grupo etário dos 15-34 anos e que na população local o mesmo aconteceu, mas aqui seguindo-se logo o grupo etário dos 45-54 anos. Isto acontece porque a Feira Medieval é um evento que atrai muita população jovem, no que se refere à população idosa esta não adere tanto a este evento talvez devido ao facto de este se realizar na zona histórica da cidade, que são ruas muito íngremes e por isso de difícil acesso para este grupo etário.

No que se refere ao local de residência dos visitantes, verifica-se que a maior parte são naturais do Algarve, seguindo-se os visitantes de Lisboa e Vale do Tejo. Nos dados recolhidos podemos ainda observar que há visitantes que voltam todos os anos ao Algarve nesta altura para poderem participar da feira medieval.

A maioria da população do concelho de Silves a frequentar a feira é claramente a população da freguesia de Silves, pode-se afirmar que a grande maioria da população desta

freguesia está presente todos os dias do evento. No que se refere às outras freguesias, a população destas visita a feira uma ou duas vezes durante o decorrer desta. Pode-se ainda afirmar que existe uma grande discrepância entre a percentagem de população da freguesia de silves para com as outras freguesias devido à rivalidade que existe entre freguesias.

Não podemos dizer que o trabalho de investigação está completamente concluído, visto que é a curiosidade que nos move e esta não termina quando concluímos o último capítulo da dissertação, isto acontece também porque ao longo do tempo de trabalho tentamos responder a algumas perguntas, mas ao mesmo tempo outras vão surgindo.

Parte VI Bibliografia

6.1 Bibliografia Geral

- ◆ Aguiar, José (2002), *Cor e Cidade Histórica, Estudos cromáticos e conservação do património*, Porto, FAUP publicações.
- ◆ Amante, Maria de Fátima (2007), *Fronteira e Identidade. Construção e Representação Identitárias na raia Luso-Espanhola*, Lisboa, ISCSP, UTL.
- ◆ Amaral, Maria da Conceição (2002), *Caminhos do Gharb, estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: o caso de Faro e de Silves*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.
- ◆ Anico, Marta e Peralta, Elsa (2005) “ A activação turístico-patrimonial: uma análise dialógica”, *El encuentro del turismo com el património cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación*, Sevilha, Fundação El Monte.
- ◆ Ashworth, G. J. e Tunbridge, J. E. (1990), *The Tourist-Historic City*, Londres, Belhaven press.
- ◆ Ashworth, G. J. (1995), “Managing the cultural tourist”, in G. J. Ashworth e A. Dietvarst (eds.), *Tourism and spatial transformations. Implications for policy and planning*, CAB International, Wallingford, pp.265-283.
- ◆ Auge, Marc (1994), *Não Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Lisboa, 90 Graus Editora.
- ◆ Ballart, Josep (2002), *El património histórico y arqueológico: valor y uso*, Barcelona, Ariel.
- ◆ Bárcia, Paula (1990), *Manual de História ao Vivo*, S.L, Ministério da Educação.
- ◆ Barros, José da Cunha (2006), “Turismo e construção do património cultural, os projectos turístico-patrimoniais das autarquias”, in Elsa Peralta e Marta Anico, *Património e Identidades, Ficções Contemporâneas*, CELTA, Oeiras, pp.181-189.
- ◆ _____(2004), *A Projecção do quotidiano no turismo e no lazer*, Lisboa, ISCSP.
- ◆ _____ (1991) *Os Hotéis de Lisboa nos anos 40*, Dissertação de Mestrado em Ciências Antropológicas, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- ◆ BARRETO, Margarida ,2007, “Turismo y Cultura. Relaciones, Contradicciones y Expectativas”, Colección Passos edita, nº1.
- ◆ Botão, M^a de Fátima (1992), *Silves: A Capital de um Reino Medieval*, Silves, Câmara Municipal de Silves.

- ◆ Burgess, Robert G. (1994), *Field research: a sourcebook and field manual*, London and New York, Routledge.
- ◆ Calle Vaquero, Manuel (2002), *La Ciudad Histórica como Destino Turístico*, Barcelona, Ariel.
- ◆ Campos, Maria do Rosário (2009), “Um novo modelo de produto turístico erra de santa Maria”, *III Congresso Internacional de Turismo de Leiria e Oeste*, Instituto Politécnico de Leiria.
- ◆ Cavaco, Carminda (1980), *Turismo e Demografia no Algarve*, Ciência e Técnica 1, Editorial progresso Social e Democracia, S.A.R.L.
- ◆ Choay, Françoise (2006), *A alegoria do património*, Lisboa, Edições 70.
- ◆ Coelho, Maria Helena (1998), *Ócio e negócio em tempos medievais*, Coimbra, INATEL.
- ◆ Coelho, Raquel (2009), História Viva. A Recriação Histórica como Veículo de Divulgação do Património Histórico e Artístico nacional (1986-2009). Conceitos e Práticas. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- ◆ Connerton, Paul (1993), *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora.
- ◆ Cluzeau, Claude Origet (1998), *Le Tourisme Culturel*, Paris, PUF.
- ◆ Coutinho, Andreia Sofia Canetas (2009), *Património [In]tocável, reflexão crítica sobre os efeitos do turismo cultural nos centros históricos*, Departamento de Arquitectura da faculdade de Ciências e tecnologias, Universidade de Coimbra.
- ◆ Cunha, Licínio (2001), *Introdução ao Turismo*, Lisboa, Editorial Verbo.
- ◆ Curado, H. Carvalho (1996), “Cultural Tourism in Portugal”. In: Richards, G.(ed), *Cultural Tourism in Europe*, Wallingford, CAB International, pp.249-265.
- ◆ Delfante, Charles (1997), *A Grande Historia das Cidades, da mesopotâmia aos estados unidos*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ◆ Dennison Nash (1996), *Anthropology of Tourism*, Jafar jafari, Pergamon.
- ◆ Domingues, Garcia (2002), *Silves Guia Turístico da Cidade e do Concelho*, Câmara Municipal de Silves.
- ◆ _____(2008), *A Memória do Mar: Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, s.l., Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- ◆ Fentress, J. e C. Wickham (1992), *Memória Social*, Lisboa, Teorema.

- ◆ Fentterman, D. M (1998) *Ethnography. Step by Step*, 2ª ed thousand oaks, london, Sage Publications.
- ◆ Ferreira, Jorge (1998), *Direito do Património Histórico-Cultural*, Coimbra, CEFA.
- ◆ Fortuna, Carlos (1999), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras, Celta Editora.
- ◆ _____(1997) *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta.
- ◆ _____ (1995) "Os centros das Nossas Cidades: entre a Revitalização e a Decadência", *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, nº2, Setembro, Centro de Estudos Sociais, Coimbra.
- ◆ Gomes, Rosa Varela e Gomes, Mário Varela (1990), "Dispositivos Defensivos de Silves (Algarve, Portugal)" in *Moçárabe em Peregrinação a S. Vicente (de Mértola ao Cabo de S. Vicente)*, integrado no projecto "Sete Itinerários medievais", Associação Caminus, pp.59-66.
- ◆ Gomes, Rosa Varela (2002), *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- ◆ Gonçalves, António Costa (2002), *O recreio e lazer na reabilitação urbana: Almada Velha*, Lisboa, Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo.
- ◆ Gonçalves, Alexandre Rodrigues (2003), *A componente cultural do Turismo urbano como oferta complementar ao produto "sol e praia". O Caso de Faro e Silves*, Lisboa, Instituto de financiamento e Apoio ao Turismo, Ministério da Economia.
- ◆ Guerreiro, Maria Martins (2003), *Cidade, Património e Markting. Gestão Estratégica da Imagem da Cidade de Silves*, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- ◆ Guillaume, Marc (2003), *A Política do Património*, Porto, Campo das Letras.
- ◆ Handler, Richard (1986), "Authenticity", *Athropology Today*, Vol. 2, Nº 1, pp.2-4.
- ◆ Hernández, Hernández, Francisca (2002), *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*, Gijón, Ed Trea.
- ◆ Hobsbowm, E. (1983), "Introduction: Investing Tradition", in E. Hobsbowm e T. Ranger (eds.), *The Invention of Tradition*, Cambridge, Canto, Cambridge University Press, 1-14.
- ◆ Huyssen, Andreas (2000), *Seduzidos pela Memória: Arquitectura, Monumentos, Mídia*, Rio de Janeiro, Aeroplano.

- ♦ Iria, Alberto (1995), *A liderança de Silves na Região do Algarve nos Séculos XIV e XV*, Câmara Municipal de Silves.
- ♦ Jorge, Vítor Oliveira (2000), *Arqueologia, património e cultura*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ♦ Lacaze, Jean-Paul (1995), *A Cidade e o Urbanismo*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ♦ Lages, Mário F. (2010) “Formas emergentes de quotidianização da festa”, *Comunicação & Cultura*, nº10, 2010, pp. 133 – 154.
- ♦ Lima, Luísa, Cabral, Manuel Villaverde e Vala, Jorge (2004), *Atitudes Sociais dos Portugueses 4, Ambiente e Desenvolvimento*, Viseu, ICS.
- ♦ Lownthal, D. (1985), *The Past is a Foreign Country*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ♦ Marchante, Joaquín S. García, Poyato, M^a del Carmen (2002), *La Función social del patrimonio histórico, el turismo cultural*, Universidad de Castilla-La Mancha.
- ♦ Mimoso, João (1998), *As Actividades de Lazer Nocturno na Cidade do Porto e seus Arredores: uma visão geográfica*, Porto, Faculdade de Letras do Porto
- ♦ Moreira, Carlos Diogo (1994), *Planeamento e estratégias da investigação social*, Lisboa, ISCSP.
- ♦ _____(2007), *Teorias e Práticas de Investigação*, Lisboa, ISCSP, UTL.
- ♦ _____(2007), *Patria, Identidade e Nação*, Lisboa, ISCSP, UTL.
- ♦ Nora, Pierre (ed.), (1984-93), *Les Lieux de Mémoire*, 7 vols. : (1984) I. *La République* ; (1986) II. *Le Nation* (1, 2, 3) ; (1993) III. *Les France* (1, 2, 3), Paris : Gallimard.
- ♦ _____(1989), “Between Memory and History: Les Lieux de Memoire, *Representations*, nº 26, pp. 7-24.
- ♦ Oliveira, Maria do Rosário Barros (2009), *Os Impactos dos Eventos Turísticos. O caso da Viagem Medieval em Santa Maria da Feira*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- ♦ Olick, Jeffrey K. (1999), “Collective Memory: the Two Cultures”, *Sociological Theory*, Vol. 17, nº 3, pp. 333-348.
- ♦ Pelletier, Jean e Delfante, Charles (1997), *Cidades e Urbanismo no Mundo*, Lisboa, Instituto Piaget.

- ◆ Peralta, Elsa e Marta Anico (2006), *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras, Celta.
- ◆ Peralta, Elsa (2008) *A Memória do Mar, Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- ◆ _____(2007), “ Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: uma Resenha Crítica”, *Arquivos da Memória*, nº 2, 4-23.
- ◆ _____ (2003), “O Mar por Tradição: O Património e a Construção das imagens do Turismo”, *Horizontes Antropológicos*, ano 9, n.20, pp.83-96.
- ◆ Pereira, António Vitorino (2001), “Festas no Algarve”, *11º Congresso do Algarve*, pp: 123- 138.
- ◆ Pereiro, Xerardo Pérez (2009), *Turismo Cultural, uma visão antropológica*, Colección PASOS edita, nº2.
- ◆ Pires, Margarida Sofia Carlos (2008), *Recriação de Imaginários Históricos – lazer Vs resgate da memória colectiva*, Lisboa, ISCSP.
- ◆ Pires, Mário Jorge (2001), *Lazer e Turismo Cultural*, Brasil, Manole.
- ◆ Prats, Lorenç (1998), *El concepto de Patrimonio Cultural*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A.
- ◆ _____(1997), *Antropología y patrimonio*, Barcelona, Ariel Antropologia.
- ◆ Prats, Llorenç & Santana, Agustín (2005) “Reflexiones libérrimas sobre patrimonio, turismo y sus confusas relaciones”, *El encuentro del turismo com el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación*, Sevilha, Fundação El Monte.
- ◆ Ramos, Fátima Maria Semedo (1993), *Saberes e práticas dos jovens na defesa do património cultural*, ISCSP.
- ◆ R. Richard Wahl and Anselm L. Strauss (1958), “Symbolic Representation an the Urban Milieu”, *The American Journal of Sociology*, Vol.63, Nº 5, pp.523-532.
- ◆ Rodrigues, Carlos Tavares (1997), “A Identidade Local no contexto Europeu”, in Manuel Quaresma e Rosário Martins (ed.), *Regionalização e Identidades Locais*, Lisboa, Edições Cosmos, pp.189-201.
- ◆ Rau, Virgínia (1982), *Feiras Medievais Portuguesas: Subsídios para o seu estudo*, Lisboa, Editorial Presença.

- ◆ Salgueiro, Teresa Barata (1992), *A Cidade em Portugal, uma geografia urbana*, Porto, Edições Afrontamento.
- ◆ Sampieri, R., Collado, C., Lúcio, P. (2006), *Metodologia de Pesquisa*, São Paulo, MC Graw Hill.
- ◆ Umbelino, Jorge (1996), *Lazer, Desporto e Território*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, policopiado, Lisboa.
- ◆ Urry, John (2000), *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*, Londres, Sage Publications.
- ◆ Yeoman e tal (2006), *Gestão de Festivais e Eventos: uma perspectiva internacional de artes e cultura*, São Paulo, Editora Roca.

6.2 Artigos

- ◆ Abreu, José Guilherme (2005), “Arte pública e lugares de memória”, *Revista da faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do património*, vol. IV, pp. 215-234.
- ◆ Andereck, Kathleen L., Valentine, Karin M., Knopf, Richard C. and Vogt, Christine A. (2005), “Residents’ Perceptions of Community Tourism Impacts”, *Annals of Tourism Research*, Vol. 32, Nº 4, pp.1056-1076.
- ◆ Andrade, Cyntia (2008), “Lugar de memória...memórias de um lugar: património imaterial de Igatu, Andaraí, BA.”, *PASOS*, Vol. 6, nº 3, pp.569-590.
- ◆ Baptista, Luís Vicente (2005), “Territórios Lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaando um Ponto de Partida”, *Fórum Sociológico*, nº13/14, pp.47-58.
- ◆ Bourdin, Alain (2005), “Turismo Patrimonial, Cidade e Civilização dos indivíduos”, *Fórum Sociológico*, nº13/14, pp13 – 29.
- ◆ Bryon, Jeroen and Russo, António Paolo (2003), “The Tourist Historic City”, *Annals of Tourism Research*, Vol. 30, Nº 2, pp.492 – 494.
- ◆ Cohen, Erick, 1972, towards sociology of international tourism. *Social research*, 39(1): 164-172.
- ◆ Crompton, John L. and McKay, Stacey L. (1997), “Motives of Visitors Attending Festival Events”, *Annals of Tourism Research*, Vol. 24, Nº 2, pp. 425-439.
- ◆ Jesus, Vinicius Lino Rodrigues (2008), “A Revitalização de centros históricos a partir da implementação de equipamentos culturais e de lazer”, *Revista Múltipla*, nº24, pp.119-139.
- ◆ Kim, Hyounggon and Jamal, Tazim (2007), “Tourist Quest for Existential Authenticity”, in *Annals of Tourism Research*, vol.34, nº1, Amsterdam: Elsevier pp.181-201.
- ◆ McDonnell, Ian, Allen, Johnny and O’toole, William (2001), “Festival and Special Event Management”, *Annals of Tourism Research*, Vol. 28, Nº 1, pp.248-250.
- ◆ Marjorie N. Donald and Robert J. Havighurst (1959), “The Meanings of Leisure”, *Social Forces*, Vol. 37, nº 4, pp.355-360.
- ◆ Moreira, Diogo (2007), “ Identidades culturais, Pluralismo e Globalização”, *Revista de Ciências Sociais e Políticas*, 1: 31- 41.
- ◆ Nash, Dennison e Smith, Valene (1991), “Anthropology and Tourism”, *Annals of Tourism Research* (vol.18) 1 pp.12 – 25.

- ◆ Pereira, Ana Patrícia (2005), “A promoção Turística em Óbidos. Dinâmica Urbana e reapropriação do Património”, *Fórum Sociológico*, nº13/14 pp. 59 – 76.
- ◆ Rollins, Rick and Delamere, Tom (2007), “Measuring the Social Impact of Festivals”, *Annals of Tourism Research*, Vol.34, Nº 3, pp.805-808.
- ◆ Teixeira, Joaquim (2010), “ Festa e Identidade”, *Comunicação & Cultura*, nº 10, 2010, pp. 17-33.

6.3 Webgrafia

http://www.teatro-vivarte.org/site/?page_id=2 consultado em 10/06/2010

<http://silves-algarve.com/> consultado em 7/07/2010

<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/2992/3008> consultado em 11/05/10

http://www.turismoalgarve.pt/Sites_Entidades/RTA08/vPT/ consultado em 10/09/10

<http://culturalheritagetourism.org/> consultado em 10/09/10

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE consultado em 19/12/10

<http://icomos.fa.utl.pt/documentos/ICOMOS-folheto.pdf> consultado em 16/02/2011

<http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=83> consultado em 20/02/11 filarmónica de Silves

<http://www.artexelb.org/associacao.html> consultado em 20/02/11

<http://celas.webs.com/> consultado em 22/02/11

Parte VII Anexos

7.1 Anexo I: Guião de Entrevista à Presidente da Câmara Municipal de Silves

→ Feira Medieval

- Motivo da criação da Feira Medieval
- Surgimento da Feira Medieval
- Data de início de realização da Feira
- Passagem de uma feira quinhentista para uma feira medieval
- Objectivos definidos e alcançados
- Funcionamento
- Canais de divulgação
- Atractivos da Feira
- Destinatários
- Adesão da população local
- Financiamentos
- Feira – centro histórico
- Feira – Castelo
- A Feira como factor de integração da população local nas actividades da cidade
- Contributo da feira como factor revitalizador da identidade local
- Cooperação da população durante a feira para atrair turistas
- Temáticas abordadas na feira
- Diferenças aparentes ao longo dos anos
- Contributo da feira para a reutilização do património existente em Silves
- Revitalização de actividades locais durante a feira
- Apoios prestados á feira
- Parcerias na organização
- Animação da Feira (a cargo de quem?)
- Envolvimento dos grupos locais na feira
- Participação dos artesãos locais
- Critérios de escolha dos stands da feira
- Critério de escolha da população local que vai participar na feira (ter um stand)
- Tentativa de apelar á memória da população
- Aproximação da população local e dos turistas/visitantes

→ Turismo

- Tipo de turista que frequenta Silves
- Onde ficam alojados
- Estatísticas
- Canais de divulgação
- Atractivos da Cidade
- Quanto tempo permanecem na cidade

→ Cultura

- Actividades desenvolvidas
- Parcerias
- Poderá haver mais desenvolvimento das actividades culturais
- Participação da população local
- Os eventos culturais vão de encontro ao interesse da população
- Canais de comunicação/divulgação
- Objectivos definidos para Silves
- Património utilizado
- Planos para o Futuro
- Publico alvo
- Envolvimento de associações locais/grupos locais

→ Perfil sociológico do inquirido

- Nome
- Idade
- Naturalidade
- Nível educacional
- Nível profissional

7.2 Anexo II: Questionário realizado à população local

Ao responder a este questionário está a contribuir para a realização de um estudo desenvolvido no âmbito de um Mestrado em Antropologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Assinale com uma cruz as suas respostas.

Agradeço a sua colaboração, indispensável para o meu trabalho.

1. Todos os anos visita a Feira Medieval de Silves?

Sim ____ 1 Não ____ 2

2. Quantos dias por ano costuma vir à Feira Medieval?

1 dia ____ 1

2 dias ____ 2

3 dias ____ 3

4 ou + dias ____ 4

3. Costuma participar na Feira Medieval?

Sim ____ 1 Não ____ 2

4. Se sim, de que forma?

Expositores ____ 1

Vestir as roupas da Feiras ____ 2

Voluntário na organização ____ 3

Figurante na Animação ____ 4

Outra, Qual? _____ 5

5. Assiste às recreações históricas realizadas ao longo da Feira medieval?

Sim ____ 1

Não ____ 2

6. Qual a avaliação que faz desta Feira Medieval para cada um dos seguintes itens

	Bom 1	Razoável 2	Mau 3	NS/NR 4
Preservação do Património Histórico				
Aquisição de conhecimentos				
Animação				
Acessos				
Utilização do Perímetro da Cidade				
Segurança				
Gastronomia				
Limpeza				
Poluição Sonora				

7. Acha que a Feira contribui para o desenvolvimento da cidade?

Sim ____ 1

Não ____ 2

8. Se respondeu sim, como? (assinale no máximo 2 itens)

Atrai mais turismo à cidade ____ 1

Ajuda no desenvolvimento do comércio ____ 2

Dá a conhecer o património local ____ 3

Dá a conhecer a cultura local ____ 4

Outra, quais? _____ 5

9. Sem ser durante a Feira Medieval costuma frequentar os monumentos e os equipamentos culturais da cidade?

Sim ____ 1

Não ____ 2

10. Se sim, quais?

Sé de Silves _____ 1

Castelo _____ 2

14. Habilitações Literárias

Não sabe ler e escrever _____	1
1º ciclo (4ª classe) _____	2
2º ciclo (ciclo preparatório) _____	3
3º ciclo (9ºano) _____	4
Ensino secundário (12ºano) _____	5
Bacharelato/licenciatura _____	6
Mestrado /doutoramento _____	7

O questionário chegou ao fim, muito obrigado pela sua colaboração

7.3 Anexo III: Questionário realizado aos visitantes

Ao responder a este questionário está a contribuir para a realização de um estudo desenvolvido no âmbito de um Mestrado em Antropologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Assinale com uma cruz as suas respostas.

Agradeço a sua colaboração, indispensável para o meu trabalho.

1. Já visitou a Feira medieval de Silves anteriormente?

Sim ____ 1

Não ____ 2

2. Se Sim, quantas vezes?

1 Vez ____ 1

2 Vezes ____ 2

3 Vezes ____ 3

+ de 4 Vezes ____ 4

3. Como tomou conhecimento da existência da Feira Medieval de Silves?

Recomendado por amigos/familiares ____ 1

Cartazes/folhetos ____ 2

Acções promocionais ____ 3

Rádio ____ 4

Televisão ____ 5

Internet ____ 6

Imprensa escrita ____ 7

Outros, Quais? ____ 8

4. Qual a avaliação que faz desta Feira Medieval para cada um dos seguintes itens.

	Bom 1	Razoável 2	Mau 3	NS/NR 4
Preservação do Património Histórico				
Hospitalidade				
Sinais informativos				
Animação				
Divulgação/promoção				
Acessos				
Segurança				
Limpeza				
Gastronomia				
Aquisição de conhecimentos				

5. Assistiu a alguma representação histórica durante a Feira Medieval?

Sim ____ 1

Não ____ 2

6. Pretende Regressar à Feira Medieval de Silves?

Sim ____ 1

Não ____ 2

Não sei ____ 3

7. Já visitou Silves anteriormente?

Sim ____ 1

Não ____ 2

8. Se sim, quantas vezes visitou a Cidade de Silves?

1 Vez ____ 1

2 Vezes ____ 2

3 Vezes ____ 3

+ De 4 Vezes ____ 4

9. Como tomou conhecimento da existência da Cidade de Silves?

- Posto de turismo _____ 1
- Guia turístico _____ 2
- Agência de viagens _____ 3
- Internet _____ 4
- Amigos/Familiares _____ 5
- Outros. Quais? _____ 6

10. Quanto tempo durará a sua permanência em Silves?

- Menos de 12h _____ 1
- Entre 12h a 24h _____ 2
- Mais de 24h _____ 3

11. Classifique a importância dos seguintes motivos para a sua visita a Silves?

	Nada Importante 1	Pouco Importante 2	Importante 3	Muito Importante 4	Extremamente Importante 5
Estar fora dos circuitos habituais do Algarve					
Conservar um passado partilhado com outras culturas					
A programação cultural					
Ter interesse por lugares históricos					
Ser um lugar agradável e tranquilo para passear					
Descanso/ relaxamento					
A existência de eventos culturais					
Estar no programa das Agências de viagens					
Actualização de conhecimentos					
Saborear a gastronomia cultural					
Visita sugerida por amigos					

12. Pretende Regressar a Silves?

Sim _____ 1

Não _____ 2

Não sei _____ 3

13. Género:

Masculino _____ 1

Feminino _____ 2

14. Idade

> 15-34 anos _____ 1

35-44 anos _____ 2

45-54 anos _____ 3

55-64 anos _____ 4

> = 65 anos _____ 5

15. Nacionalidade

Portuguesa _____ 1

Inglesa _____ 2

Alemã _____ 3

Francesa _____ 4

Espanhola _____ 5

Outra, Qual? _____ 6

16. Se respondeu Portuguesa, qual o seu local de residência?

Norte de Portugal _____ 1

Centro de Portugal _____ 2

Lisboa e Vele do Tejo _____ 3

Alentejo _____ 4

Madeira _____ 5

Açores _____ 6

Algarve _____ 7

Outro, qual? _____ 8

17. Habilitações Literárias

Não sabe ler e escrever _____	1
1º Ciclo (4ª classe) _____	2
2º Ciclo (ciclo preparatório) _____	3
3º Ciclo (9ºano) _____	4
Ensino secundário (12ºano) _____	5
Bacharelato/licenciatura _____	6
Mestrado /doutoramento _____	7

O questionário chegou ao fim, muito obrigado pela sua colaboração

7.4 Anexo IV: Questionário em Inglês

While responding to this questionnaire you are contributing to the realization of a study developed in the context of the Master's degree in Anthropology of the Superior Institute of Social and Political Sciences.

Mark yours answers with a cross.

I thank you for your collaboration which is essential for my work.

1. Have you ever visited the Medieval Fair of Silves before?

Yes _____ 1

No _____ 2

2. If yes, how many times?

Once _____ 1

Twice _____ 2

Three times _____ 3

More than four times _____ 4

3. How did you learn of the existence of the Silves medieval Fair?

Family and/ or friend's _____ 1

Posters/booklets _____ 2

Promotional actions _____ 3

Radio _____ 4

Television _____ 5

Internet _____ 6

Press _____ 7

others _____ 8

4. How would you evaluate the medieval fair items

	Good 1	Reasonable 2	Bad 3	I do not know Do not answer 3
Preservation of historical heritage				
Hospitality				
Informative Signs				
Animation				
promotion				
Access				
Security				
Cleaning				
Gastronomy				
Knowledge acquisition				

5. Have you seen any historical representation during Medieval fair?

Yes _____ 1

No _____ 2

6. Do you intend to return to the Silves Medieval Fair?

Yes _____ 1

No _____ 2

7. Have you visited Silves before?

Yes _____ 1

No _____ 2

8. If yes, how many times have you visited Silves?

Once _____ 1

Twice _____ 2

Three times _____ 3

More than four times _____ 4

9. How did you learn about the existence of the city of silves?

- Tourism office _____ 1
- Tourism guide_____ 2
- Travel agency_____ 3
- Internet_____ 4
- Friends/ family_____ 5
- Others, which?_____ 6

10. How long will you remain in Silves?

- Less than 12h _____ 1
- From 12h to 24h _____ 2
- More than 24h _____ 3

11. How would you classify the reasons which brought you to Silves

	Unimportant 1	Less important 2	Important 3	Very important 4	Extremely important 5
outside the usual tracks of Algarve					
Maintain a shared past with other cultures					
Cultural programming					
Interest in historical places					
Pleasant and quiet place to spend some quality time					
Rest / relaxation					
Cultural events					
Suggested by travel agencies					
Updating of knowledge					
Taste the local cuisine					
Visit suggested by friends					

12. Do you intend to return to Silves?

- Yes _____ 1
- No _____ 2
- I don't know _____ 3

13. Gender?

Male _____ 1

Female _____ 2

14. Age?

> 15-34 years _____ 1

35-44 years _____ 2

45-54 years _____ 3

55-64 years _____ 4

> = 65 years _____ 5

15. Nationality?

Portuguese _____ 1

English _____ 2

German _____ 3

French _____ 4

Spanish _____ 5

Others _____ -Which? _____ 6

16. Level of education?

Does not know how to read and write _____ 1

1st Cycle (4th year) _____ 2

Preparatory cycle _____ 3

3rd Cycle (9th year) _____ 4

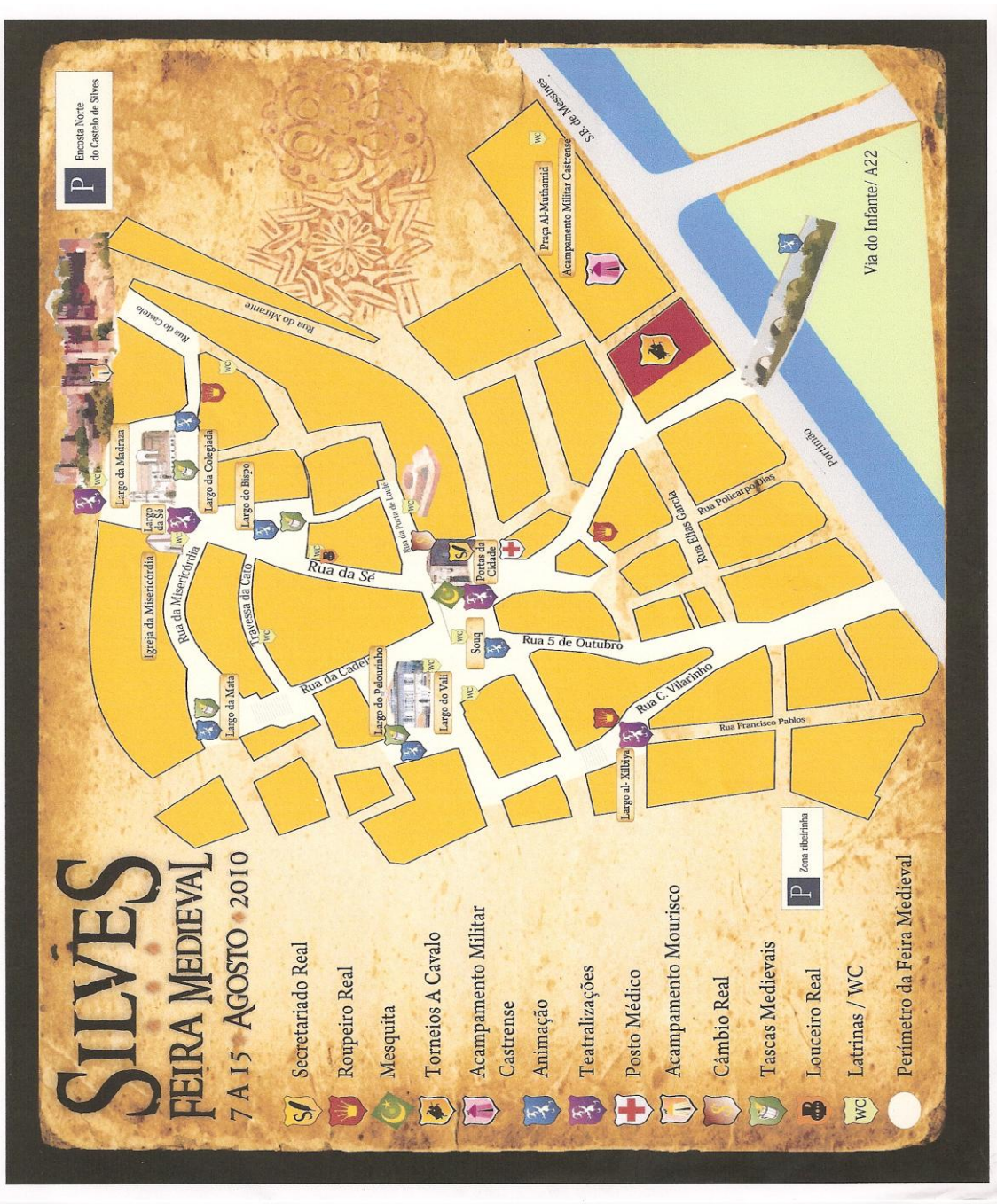
High school (12th year) _____ 5

University degree _____ 6

Masters / PHD graduation _____ 7

**You have completed the questionnaire, thank you very much for your
collaboration.**

7.5 Anexo V: Mapa da Feira Medieval de Silves



Dando continuidade às comemorações dos 500 anos do Foral Municipal de Silves, a Câmara Municipal de Silves vai realizar nos próximos dias 14 e 15 de Agosto uma Feira Quinhentista, pretendendo recriar o ambiente da época, através de uma fascinante viagem no tempo.

Deste modo, teremos muito gosto em receber a sua inscrição para participar, neste evento devidamente trajado.



Feira Quinhentista

Local de Inscrição:

- Posto de Informação T.M.S.
Praça MU-Muhamiid
- Centro de Interpretação do Património Islâmico
Largo do Município
- Divisão de Cultura Turismo e Património da T.M.S.
Rua da Dé 16

14 e 15 de Agosto

Teatro Histórico de Silves



artípe devidamente trajado (a) na recreação de fabulosos personagens históricos.

17h00 - Abertura da Feira, leitura do Edital e fiscalização do Meirinho.

18h30 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

19h00 - Torno de Armas

20h00 - Continuação da leitura do Foral pelos Arautos

21h00 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

22h00 - Auto da Dura da Amor

23h00 - Danças e folguedos pelos terreiros e praças da Feira.

17h00 - Abertura da Feira, leitura do Edital e fiscalização do Meirinho

18h30 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

19h00 - Torno de Armas

20h00 - Concerto musical nas esquadras da Dé

21h00 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

22h00 - Danças e folguedos pelos terreiros e praças da Feira

17h00 - Abertura da Feira, leitura do Edital e fiscalização do Meirinho

18h30 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

19h00 - Torno de Armas

20h00 - Concerto musical nas esquadras da Dé

21h00 - Cantar do povo nas tabernas da Feira e Ceia dos Fideles nos Paços do Concelho

22h00 - Danças e folguedos pelos terreiros e praças da Feira

Durante toda a feira e ao longo dos dois dias a animação será constante cruzando-se os visitantes com cavaleiros, adestradores de falcões, arqueiros, vendedores de escravos, mendigos, bufões, saltimbancos e malabaristas, burgueses a passeio, almocreves, sevas de condenados, gentes exóticas vindas d'além mar, foragidos à justiça e todas as outras personagens que vos conduzirão numa viagem ao passado.

Temos para si uma viagem no tempo...



Silves uma história interminável



7.7 Anexo VII: Programa Feira Medieval de Silves 2010

FEIRA MEDIEVAL DE SILVES - 2010



PROGRAMA

Dia 7 de Agosto - Período Omíada

Regresso do poeta Algazali

A partir do início de setecentos (século VIII), contingentes muçulmanos atravessam o Estreito de Gibraltar em direcção à Península. Estabelecem acordos políticos com as elites visigodas e, de forma mais ou menos pacífica, estabelecem-se nas cidades existentes tomando, muitas vezes, os lugares de chefia.

Sabemos pouco sobre os primórdios da ocupação islâmica de Silves. A referência textual mais antiga refere-se à partida do poeta Algazali do porto da cidade, no ano de 846, com destino à terra dos normandos, para aí negociar a paz. O facto do porto da Silves islâmica ter servido de local de embarque para tão importante missão, leva a inferir que a cidade já deveria ter alguma notoriedade na época.

18h00 – Abertura da Feira

18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo

18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade

19h00 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo do Pelourinho

19h30 – Teatralização Viv'Arte: Partida do poeta Algazali para as terras dos Normandos, em missão diplomática – Portas da Cidade

20h00 – Festejos e Folguedos com Comalusa – Largo da Mata

20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid

20h30 – Chamada à oração pelo Muezzin – Mesquita

20h30 – Espectáculo musical com os Terra Média – Largo do Pelourinho

21h00 – O Saltimbanco da Chameca – Largo da Colegiada

21h30 – Actuação dos Gnawa Rouge de Marraquexe – Largo do Bispo

22h00 – Teatralização Viv'Arte: Regresso do poeta Algazali: narrativa da viagem, as promessas normandas de boa paz e as impressões do viajante sobre as terras do norte – Largo Al-Xilbiya

22h30 – A Festa Saracena com danças orientais e a arte dos Encantadores de Serpentes; as danças Sufi da Thanora – Souq

23h00 – Concerto Gregoriano com os La Tropa Tomals – Largo da Sé

24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada

01h00 – Encerramento da Feira

Dia 8 - Período Califal

Yahya b. Bakr b. Zatlaf fixa residência em Silves e toma-a capital

Neste período, é referida a próspera indústria naval existente em Silves e é famoso o seu porto. Aqui se constroem e daqui partem barcos de guerra e de mercadorias que são comercializadas por todo o Mediterrâneo. Os terrenos férteis e a proximidade ao mar permitem o desenvolvimento de uma agricultura diversificada e a exploração dos recursos marinhos. A sua posição estratégica e as suas defesas naturais são aspectos a não desprezar. Silves possui condições especiais para suplantar a velha capital - Ossonoba.



Silves faz-se notar. Já tem castelo e é uma das melhores cidades do Gharb. Em tempo de Abd Al Rahman II, o governador da província de Ocsonoba, Yahya b. Bakr b. Zadlaf, fixa residência em Silves e toma-a capital.

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
19h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo da Mata
20h00 – Festejos e Folguedos com os Mozarabes – Largo do Bispo
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Chamada à oração pelo Muezzin – Mesquita
20h30 – Danças palacianas com o grupo Josefa d'Óbidos – Largo da Sé
21h00 – Música e dança dos Al'Caravan – Portas da Cidade
21h30 – Actuação dos Gnawa Rouge de Marraquexe – Largo do Pelourinho
22h00 – Anúncio do edital de Abd Al Rahman II – Portas da Cidade
22h30 – Teatralização Viv'Arte: Yahya b. Bakr b. Zadlaf fixa residência em Silves e toma-a capital oferecendo um espectáculo de rara beleza à cidade – Dança e Fogo dos Djinn – Largo Al-Xilbiya
23h30 – Concerto Gregoriano com os La Tropa Tormals – Largo da Sé
24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada
01h00 – Encerramento da Feira

Dia 9 - Período Taifa

A chegada do moço poeta Ibn Ammar
A política demasiado centralizadora, levada a cabo pelo califado de Córdoba, é motivo de constantes revoltas durante o seu período de vigência, as quais terão culminado, por volta de 1031, com a afirmação de alguns poderes locais que se autonomizam. Em Silves tomou posse da cidade um juiz de grande influência local, do clã Muzain, gente importante, de provável origem árabe.
Trata-se de uma fase algo efémera. O potente reino de Sevilha, no âmbito da sua empresa expansionista, rapidamente se apodera do já importante reino de Silves, dando continuidade a um período de grande esplendor cultural.
O conhecido poeta Ibn Ammar era natural de Xanabus e, ainda jovem, desloca-se de burro para Silves para aqui iniciar os seus estudos literários. A sua chegada à cidade é marcada por um encontro com um importante comerciante local.

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
20h00 – Festejos e Folguedos com os Sons da Suévia – Largo da Sé
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Espectáculo com os Gnawa Rouge de Marraquexe – Largo da Mata
20h30 – Chamada à oração pelo Muezzin – Mesquita
21h00 – A Festa Sarraçena com danças orientais e a arte dos Encantadores de Serpentes; as danças Sufi da Thanora – Largo do Pelourinho
21h00 – Concerto de música medieval ibérica por Eduardo Ramos – Igreja da Misericórdia
21h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Souq



22h00 – Teatralização Viv'Arte: A chegada do moço poeta Ibn Ammar, montado num burro, a sua conversa com um conhecido comerciante da cidade e o que dele recebeu como agasalho – Castelo

22h30 – Actuação dos Al'Caravan – Castelo

23h00 – Teatralização Viv'Arte: Nomeado Vali da cidade de Silves pelo príncipe Al-Muthamid, o poeta Ibn Ammar convoca o conhecido comerciante que o auxiliara e a conversa que tiveram – Castelo

23h30 – Ensemble com os ComaMédia (Terra Média e Comalusa) – Largo da Sé

24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada

01h00 – Encerramento da Feira

Dia 10 - Período Taifa

Período de grande esplendor cultural

O reino independente de Xilb é efêmero. O forte e extenso reino de Sevilha, no âmbito da sua empresa expansionista rapidamente se apodera do já importante reino de Silves, dando continuidade a um período de grande esplendor cultural.

No grande salão do Palácio das Varandas, Al-Muthamid, o príncipe governante, e Ibn Ammar, o seu dedicado ministro e grande amigo, trocam poemas de improviso.

18h00 – Abertura da Feira

18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo

18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade

19h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo Al-Xilbiya

20h00 – Festejos e Folguedos com os Gaiteiricos – Largo da Mata

20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid

20h30 – Chamada à oração pelo Muezzin – Mesquita

20h30 – Espectáculo musical com os Terra Média – Largo da Colegiada

21h00 – Actuação dos Sbandieratori – Largo da Mata

21h00 – Concerto de música medieval ibérica por Eduardo Ramos – Igreja da Misericórdia

21h30 – O Saltimbanco da Chameca – Largo do Pelourinho

22h00 – Actuação dos La Tropa Tomals – Largo da Colegiada

22h30 – Teatralização Viv'Arte: No grande salão do Palácio das Varandas, Al-Muthamid, o príncipe governante e Ibn Ammar, seu ministro e amigo íntimo, trocam poemas à desgarrada, um serão cultural no Palácio - Castelo

23h00 – Concerto com os Al'Ibi e danças com o grupo Zambra – Largo da Sé

24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada

01h00 – Encerramento da Feira

Dia 11 - Período Taifa

Al-Muthamid é nomeado governador do importante território de Silves

Al-Muthamid é nomeado, pelo seu pai Abbad ibn Muhammad al-Mu'tadid, governador do importante território de Silves. O poeta Ibn Ammar auxilia-o na governação e partilha com ele o gosto pelas artes. Mais tarde, o pai de Al-Muthamid morre e o príncipe da Xilb islâmica ascende ao trono de Sevilha. Apesar de distante, Al-Muthamid mantém com Ibn Ammar boas relações de amizade, trocam cartas e visitam-se.



Al-Muthamid convida Ibn Ammar para passar a noite no palácio real. Ibn Ammar acorda repetidas vezes durante a noite com o mesmo pesadelo: o seu grande amigo mata-o com as suas próprias mãos!

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
18h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Castelo
20h00 – Festejos e Folguedos com os Gaiteiricos – Largo do Pelourinho
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Cerimonial diário do Ramadão – Mesquita
20h30 – Espectáculo musical com os Terra Média – Largo da Mata
21h00 – Actuação dos Sbandieratori – Largo da Colegiada
21h30 – Actuação dos La Tropa Tomals – Portas da Cidade
22h00 – O Saltimbanco da Chameca – Largo da Sé
22h30 – Teatralização Viv'Arte: A convite do seu príncipe, Al-Muthamid, Ibn Ammar passa a noite no Palácio das Varandas. Durante a noite, Ibn Ammar tem repetidas vezes o mesmo pesadelo. Neste, o seu príncipe mata-o com as próprias mãos. Segundo reza a História, vinha a confirmar-se. – Castelo
23h00 – Actuação dos Mozarabes e Encantadores de serpentes – Largo do Bispo
24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada
01h00 – Encerramento da Feira

Dia 12 - Período Almorávida

A chegada a Silves do poeta Ibn Habbus
Al-Muthamid, pouco dotado para as lides políticas e demasiado ocupado com a sua poesia e os prazeres da vida, perde o controlo do reino e chama em seu auxílio uma tribo guerreira do Norte de África – os Almorávidas. Provêm das montanhas, são pouco letrados e menos sensíveis às artes. Esta indiferença em relação ao conhecimento faz-se sentir nas cidades cultas do Gharb.
O poeta Ibn Habbus chega a Silves em busca de quem aprecie ouvi-lo declamar poesia. As portas da casa de Ibn Millah abrem-se e o serão traz resultados surpreendentes.

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
18h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo da Colegiada
20h00 – Festejos e Folguedos com os Gaiteiricos – Largo do Bispo
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Cerimonial diário do Ramadão – Mesquita
20h30 – Demonstração de armas com os Scalabitanos e a Guarda do Alcaide – Largo do Vali
21h00 – Actuação dos Sbandieratori – Portas da Cidade
21h30 – Actuação dos La Tropa Tomals – Largo da Sé
22h00 – Os bufarinheiros do Animamundy – Largo da Colegiada
22h30 – Teatralização Viv'Arte: Relato da chegada a Silves do poeta Ibn Habbus e do saraú passado em casa de Ibn Millah e do que ali sucedeu – Largo Al-Xilbiya
23h00 – Concerto com os Al Barak e danças com o grupo Zambra – Largo da Sé



24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada
01h00 – Encerramento da Feira

Dia 13 - Período Almóada

Almotacé apregoa em voz alta algumas regras de funcionamento do mercado. Em meados do século XII a política centralizadora e pouco tolerante dos Almorávidas desgosta as elites locais do Gharb. Silves não é excepção. Aqui o líder religioso Ibn Caci estabelece alianças alternadas com cristãos e com Almóadas. A força destes últimos prevalece e o seu domínio sobre o Al-Andalus concretiza-se. A cidade de Silves continua a crescer, as muralhas são reforçadas e a ordem Almóada impera.

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
19h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Portas da Cidade
20h00 – Festejos e Folguedos com os Gaiteiricos – Largo da Colegiada
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Cerimonial diário do Ramadão – Mesquita
20h30 – Espectáculo musical com os Comalusa – Largo do Bispo
21h00 – Actuação dos Sbandieratori – Largo da Mata
21h00 – Concerto de música medieval ibérica por Eduardo Ramos – Igreja da Misericórdia
21h30 – Actuação dos Al'Ibi – Largo do Pelourinho
22h00 – Teatralização Viv'Arte: O Almotacé apregoa em voz alta algumas das regras e posturas de funcionamento do mercado – Souq
22h30 – Concerto com os La Tropa Tomals e danças com o grupo Zambra – Largo da Sé
23h00 – Teatralização Viv'Arte: Almocreves e Bufarinheiros – Largo da Sé
24h00 – Juízo de Heréticos no pelourinho – Largo da Colegiada
01h00 – Encerramento da Feira

Dia 14 - Primeira conquista cristã

O cerco de Silves por D. Sancho I de Portugal a partir do relato de um cruzado. A conquista cristã progride para sul. Abaixo da linha do Tejo são já poucos os redutos muçulmanos. D. Sancho há muito pretendia dominar a importante praça de Silves. Aproveita a passagem da quarta cruzada que se desloca para a Terra Santa e, prometendo o saque da cidade, convence os cruzados a ajudá-lo na sua tomada. O cerco de Silves foi prolongado. Um dos cruzados tomou bem nota de como era a Xilb de então e de todos os factos ocorridos durante o cerco.

18h00 – Abertura da Feira
18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
19h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo do Bispo
20h00 – Festejos e Folguedos com os Terra Média – Largo da Mata
20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
20h30 – Cerimonial diário do Ramadão – Mesquita
20h30 – Espectáculo musical com os Comalusa – Largo do Pelourinho



21h00 – Actuação dos Sbandieratori – Largo do Bispo
 21h30 – Actuação dos Al'ibi – Largo da Colegiada
 22h00 – Teatralização Viv'Arte: O cerco de Silves por D. Sancho I de Portugal a partir do relato de um cruzado – Portas da Cidade
 23h00 – Concerto com os La Tropa Tomals – Largo da Sé
 24h00 – Juízo de Heréticos e Auto de Fé – Largo da Colegiada
 01h00 – Encerramento da Feira

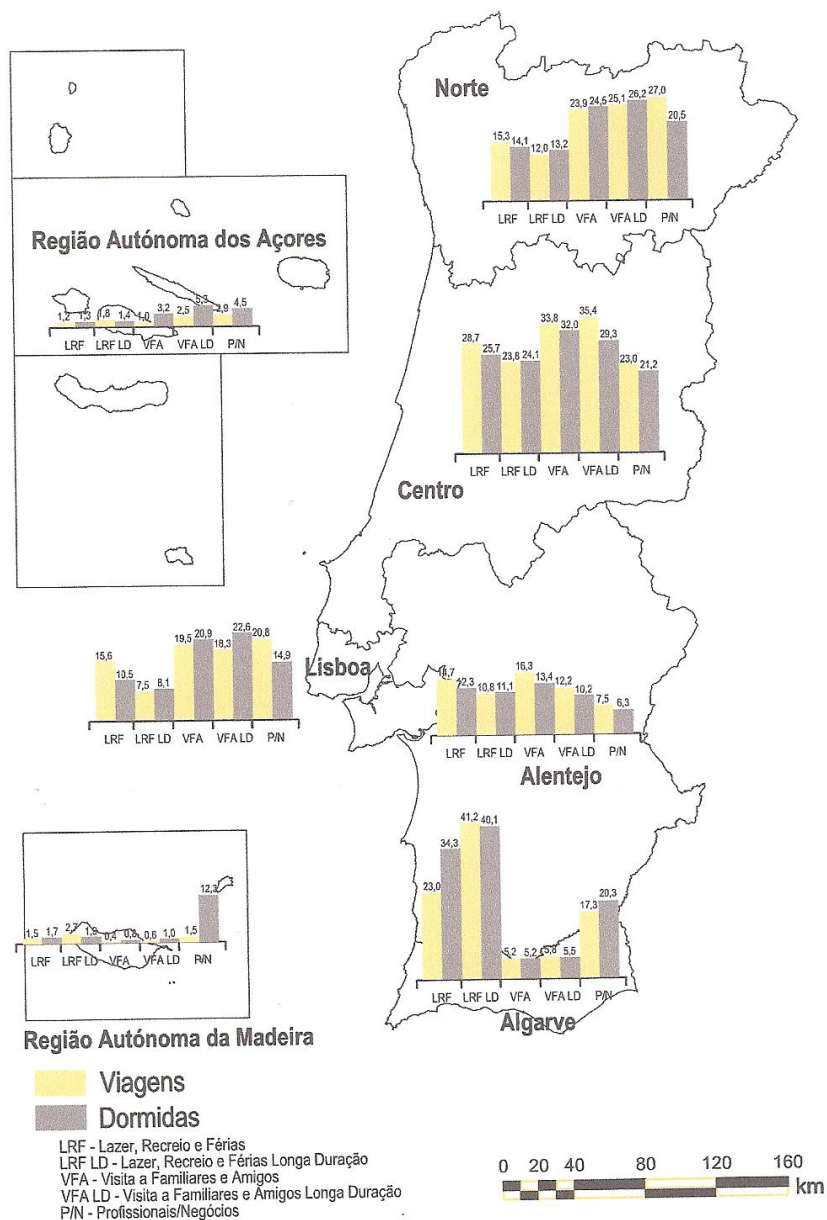
Dia 15 - Conquista definitiva da Xilb islâmica

Conquista de Silves por Dom Paio Peres Correia e Foral de D. Afonso III
 Em 1189 Silves é tomada por D. Sancho I, contudo o domínio cristão é efêmero. Dois anos depois, a cidade volta para a posse de muçulmanos e, assim, permanece durante algumas dezenas de anos. Já só o Gharb se encontra por conquistar mas os muçulmanos continuam a resistir. Em 1227 há notícia da construção de uma nova torre que protegia uma das entradas da cidade de Silves. Mais pela astúcia do que pela força, a ordem de Santiago apodera-se da bela Xilb islâmica. A cidade de Silves é tomada por D. Paio Peres Correia e muitos mouros abandonam a cidade. D. Afonso III, através de um foral, atribui privilégios a quem a vier povoar.

18h00 – Abertura da Feira
 18h30 – Cortejo pelas ruas e largos do burgo
 18h45 – Leitura do Edital – Portas da Cidade
 19h30 – Actuação da orquestra de percussão Percutunes – Largo da Sé
 20h00 – Festejos e Folguedos com os Al'ibi – Largo da Mata
 20h15 – Torneio de armas a cavalo na liça – Praça Al-Muthamid
 20h30 – Cerimonial diário do Ramadão – Mesquita
 20h30 – Espectáculo musical com os Al Barak – Largo do Pelourinho
 21h00 – Animação pelos La Tropa Tomals – Largo Al-Xilbiya
 21h00 – Concerto de música medieval ibérica por Eduardo Ramos – Igreja da Misericórdia
 21h30 – Actuação dos Terra Média – Largo da Colegiada
 22h00 – Teatralização Viv'Arte: Conquista de Silves por D. Paio Peres Correia e Foral de D. Afonso III – Portas da Cidade
 23h00 – Actuação dos Comalusa – Largo do Bispo
 23h30 – Espectáculo de Encerramento: A Lenda da Donzela Encantada – Largo da Sé
 01h00 – Encerramento da Feira



7.8 Anexo VIII: Destino das viagens e das dormidas, segundo os principais motivos (%), por NUTS II, 2009



7.9 Anexo IX: Dados estatísticos SPSS

Tabela 23: Idade em % dos visitantes - frequência por sexo

Idade * sexo					
			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Idade	15-34		14	14	28
		% of Total	15.7%	15.7%	31.5%
	35-44		12	12	24
		% of Total	13.5%	13.5%	27.0%
	45-54		9	10	19
		% of Total	10.1%	11.2%	21.3%
	55-64		4	5	9
		% of Total	4.5%	5.6%	10.1%
	+ de 65		4	5	9
		% of Total	4.5%	5.6%	10.1%
Total			43	46	89
		% of Total	48.3%	51.7%	100.0%

Tabela 24: Idade em % da população local - frequência por sexo

Sexo * idade								
			Idade					Total
			15-34	35-44	45-54	55-64	+ de 65	
Sexo	Masculino		11	7	9	7	9	43
		% of Total	12.4%	7.9%	10.1%	7.9%	10.1%	48.3%
	Feminino		14	9	12	4	7	46
		% of Total	15.7%	10.1%	13.5%	4.5%	7.9%	51.7%
Total			25	16	21	11	16	89
		% of Total	28.1%	18.0%	23.6%	12.4%	18.0%	100.0%

Tabela 25: Nacionalidade dos visitantes.

Nacionalidade	Frequências	%	% Acumulada
Portuguesa	65	73,0	73,0
Inglesa	8	9,0	82,0
Alemã	5	5,6	87,6
Espanhola	10	11,2	98,9
Outra	1	1,1	100,0
Total	89	100,0	

Tabela 26: Local de residência visitantes.

		Frequência	%	% Acumulada
Valid	0	24	27.0	27.0
	Norte de Portugal	5	5.6	32.6
	Centro de Portugal	14	15.7	48.3
	Lisboa e vale do Tejo	17	19.1	67.4
	Alentejo	9	10.1	77.5
	Madeira	1	1.1	78.7
	Açores	1	1.1	79.8
	Algarve	18	20.2	100.0
	Total	89	100.0	

Tabela 27: Pergunta 2

Sexo	0	1 Vez	2 Vezes	3 Vezes	4 Vezes	Total
Masculino	16	5	2	4	16	43
Feminino	15	7	8	5	11	46
Total	31	12	10	9	27	89

Tabela 28: Naturalidade da população local.

		Frequência	%	% Acumulada
Valid	Alcantarilha	12	8.5	8.5
	Algoz	7	5.0	13.5
	Armação de pêra	14	9.9	23.4
	Pêra	9	6.4	29.8
	São Bartolomeu de Messines	13	9.2	39.0
	Silves	85	60.3	99.3
	Tunes	1	.7	100.0
	Total	141	100.0	

Tabela 29: Pergunta 2 população.

Sexo * p 2 Crosstabulation							
		p 2					Total
		0	1 Dia	2 Dias	3 Dias	4 Ou + dias	
Sexo	Masculino	0	7	9	7	20	43
	Feminino	1	10	4	4	27	46
Total		1	17	13	11	47	89

Tabela 30: Pergunta 3 população.

	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Masc ulino	Femi nino	Masc ulino	Femi nino	Masc ulino	Femi nino	Masc ulino	Femi nino	Masc ulino	Femi nino	
Sim	5 (5.6%)	9 (10.1%)	2 (2.2%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	7 (7.9%)	3 (3.4%)	1 (1.1%)	0 (0%)	1 (1.1%)	37 (41.6%)
Não	6 (6.7%)	5 (5.6%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	3 (3.4%)	9 (10.1%)	6 (6.7%)	52 (58.4%)
Total	11 (12.4%)	14 (15.7%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	9 (10.1%)	12 (13.4%)	7 (7.9%)	4 (4.5%)	9 (10.1%)	7 (7.9%)	89 (100%)

Tabela 31: Formas de participar na feira medieval de Silves.

Pergunta 4	15-34		35-44		45-54		55-64		+ 65		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Expositores	2 (2.2%)	2 (2.2%)	0 (.0%)	1 (1.1%)	3 (3.4%)	4 (4.5%)	0 (.0%)	1 (1.1%)	0 (.0%)	0 (.0%)	13 (14.6%)
Vestir a roupa da feira	0 (.0%)	3 (3.4%)	1 (1.1%)	2 (2.2%)	1 (1.1%)	2 (2.2%)	2 (2.2%)	0 (.0%)	0 (.0%)	1 (1.1%)	12 (13.5%)
Voluntários na organização	2 (2.2%)	2 (2.2%)	0 (.0%)	1 (1.1%)	0 (.0%)	2 (2.2%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.00%)	0 (.0%)	7 (7.9%)
Figurante na animação	1 (1.1%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	1 (1.1%)
Outra	0 (.0%)	2 (2.2%)	1 (1.1%)	1 (1.1%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	0 (.0%)	4 (4.5%)
Não respondeu	6 (6.7%)	5 (5.6%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	4 (4.5%)	5 (5.6%)	3 (3.4%)	9 (10.1%)	6 (6.7%)	52 (58.4%)
Total	11 (12.4%)	14 (15.7%)	7 (7.9%)	9 (10.1%)	9 (10.1%)	12 (13.4%)	7 (7.9%)	4 (4.5%)	9 (10.1%)	7 (7.9%)	89 (100%)

Tabela 32: Pergunta 4 visitantes.

SExo * sinais informativos Crosstabulation						
			Sinais informativos			Total
			Bom	Razoável	Mau	
Sexo	Masculino	Count	15	19	9	43
		% of Total	16.9%	21.3%	10.1%	48.3%
	Feminino	Count	16	25	5	46
		% of Total	18.0%	28.1%	5.6%	51.7%
Total		Count	31	44	14	89
		% of Total	34.8%	49.4%	15.7%	100.0%

Tabela 33: Animação - frequência por sexo

Sexo * animação Crosstabulation						
			Animação			Total
			Bom	Razoável	Mau	
Sexo	Masculino	Count	24	17	2	43
		% of Total	27.0%	19.1%	2,2%	48.3%
	Feminino	Count	39	6	1	46
		% of Total	43.8%	6.7%	1.1%	51.7%
Total		Count	63	23	3	89
		% of Total	70.8%	25.8%	3.4%	100.0%

Tabela 34: Divulgação e promoção - frequência por sexo

Gênero * divulgação/promoção Crosstabulation						
			Divulgação/promoção			Total
			Bom	Razoável	Mau	
Sexo	Masculino	Count	13	24	6	43
		% of Total	14.6%	27.0%	6.7%	48.3%
	Feminino	Count	20	26	0	46
		% of Total	22.5%	29.2%	.0%	51.7%
Total		Count	33	50	6	89
		% of Total	37.1%	56.2%	6.7%	100.0%

Tabela 35: Acessos - frequência por sexo

Sexo * Acessos Crosstabulation						
			Acessos			Total
			Bom	Razoável	Mau	
Sexo	Masculino	Count	9	23	11	43
		% of Total	10.1%	25.8%	12.4%	48.3%
	Feminino	Count	16	24	6	46
		% of Total	18.0%	27.0%	6.7%	51.7%
Total		Count	25	47	17	89
		% of Total	28.1%	52.8%	19.1%	100.0%

Tabela 36: Segurança - frequência por sexo

Sexo * segurança Crosstabulation							
			Segurança				Total
			Bom	Razoável	Mau	ns/nr	
Sexo	Masculino	Count	13	23	6	1	43
		% of Total	14.6%	25.8%	6.7%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	19	24	3	0	46
		% of Total	21.3%	27.0%	3.4%	.0%	51.7%
Total		Count	32	47	9	1	89
		% of Total	36.0%	52.8%	10.1%	1.1%	100.0%

Tabela 37: Gastronomia - frequência por sexo

Sexo * gastronomia Crosstabulation						
			Gastronomia			Total
			Bom	Razoável	Mau	
Sexo	Masculino	Count	30	13	0	43
		% of Total	33.7%	14.6%	.0%	48.3%
	Feminino	Count	39	6	1	46
		% of Total	43.8%	6.7%	1.1%	51.7%
Total		Count	69	19	1	89
		% of Total	77.5%	21.3%	1.1%	100.0%

Tabela 38: Pergunta 11 visitantes.

Sexo* estar fora dos circuitos habituais do Algarve Crosstabulation								
			Estar fora dos circuitos habituais do Algarve					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremament e importante	
Sexo	Masculino	Count	13	9	11	7	3	43
		% of Total	14.6%	10.1%	12.4%	7.9%	3.4%	48.3%
	Feminino	Count	7	7	17	7	8	46
		% of Total	7.9%	7.9%	19.1%	7.9%	9.0%	51.7%
Total		Count	20	16	28	14	11	89
		% of Total	22.5%	18.0%	31.5%	15.7%	12.4%	100.0%

Tabela 39: Conservar um passado partilhado com outras culturas - frequência por sexo

Sexo * conservar um passado partilhado com outras culturas Crosstabulation								
			Conservar um passado partilhado com outras culturas					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	5	9	19	7	3	43
		% of Total	5.6%	10.1%	21.3%	7.9%	3.4%	48.3%
	Feminino	Count	3	4	15	13	11	46
		% of Total	3.4%	4.5%	16.9%	14.6%	12.4%	51.7%
Total		Count	8	13	34	20	14	89
		% of Total	9.0%	14.6%	38.2%	22.5%	15.7%	100.0%

Tabela 40: Programação cultural - frequência por sexo

Sexo * a programação cultural Crosstabulation								
			A programação cultural					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	4	5	19	9	6	43
		% of Total	4.5%	5.6%	21.3%	10.1%	6.7%	48.3%
	Feminino	Count	0	3	17	18	8	46
		% of Total	.0%	3.4%	19.1%	20.2%	9.0%	51.7%
Total		Count	4	8	36	27	14	89
		% of Total	4.5%	9.0%	40.4%	30.3%	15.7%	100.0%

Tabela 41: Interesse por lugares históricos - frequência por sexo

Sexo * ter interesse por lugares históricos Crosstabulation								
			Ter interesse por lugares históricos					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	3	8	17	11	4	43
		% of Total	3.4%	9.0%	19.1%	12.4%	4.5%	48.3%
	Feminino	Count	3	4	9	21	9	46
		% of Total	3.4%	4.5%	10.1%	23.6%	10.1%	51.7%
Total		Count	6	12	26	32	13	89
		% of Total	6.7%	13.5%	29.2%	36.0%	14.6%	100.0%

Tabela 42: Ser um lugar agradável e tranquilo para passear - frequência por sexo

Sexo * ser um lugar agradável e tranquilo para passear Crosstabulation								
			Ser um lugar agradável e tranquilo para passear					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	1	3	17	16	6	43
		% of Total	1.1%	3.4%	19.1%	18.0%	6.7%	48.3%
	Feminino	Count	0	3	15	15	13	46
		% of Total	.0%	3.4%	16.9%	16.9%	14.6%	51.7%
Total		Count	1	6	32	31	19	89
		% of Total	1.1%	6.7%	36.0%	34.8%	21.3%	100.0%

Tabela 43: Descanso e relaxamento - frequência por sexo

Sexo * descanso/relaxamento Crosstabulation								
			Descanso/relaxamento					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	1	4	17	12	9	43
		% of Total	1.1%	4.5%	19.1%	13.5%	10.1%	48.3%
	Feminino	Count	0	4	16	14	12	46
		% of Total	.0%	4.5%	18.0%	15.7%	13.5%	51.7%
Total		Count	1	8	33	26	21	89
		% of Total	1.1%	9.0%	37.1%	29.2%	23.6%	100.0%

Tabela 44: Existência de eventos culturais - frequência por sexo

Sexo* A existência de eventos culturais Crosstabulation								
			A existência de eventos culturais					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	2	6	14	12	9	43
		% of Total	2.2%	6.7%	15.7%	13.5%	10.1%	48.3%
	Feminino	Count	1	2	14	16	13	46
		% of Total	1.1%	2.2%	15.7%	18.0%	14.6%	51.7%
Total		Count	3	8	28	28	22	89
		% of Total	3.4%	9.0%	31.5%	31.5%	24.7%	100.0%

Tabela 45: Estar no programa das agências de viagens - frequência por sexo

Sexo * estar no programa das agências de viagens Crosstabulation								
			Estar no programa das agencias de viagens					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	13	13	11	5	1	43
		% of Total	14.6%	14.6%	12.4%	5.6%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	13	6	13	9	5	46
		% of Total	14.6%	6.7%	14.6%	10.1%	5.6%	51.7%
Total		Count	26	19	24	14	6	89
		% of Total	29.2%	21.3%	27.0%	15.7%	6.7%	100.0%

Tabela 46: Atualização de conhecimentos - frequência por sexo

Sexo * atualização de conhecimentos Crosstabulation								
			Atualização de conhecimentos					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	3	11	17	9	3	43
		% of Total	3.4%	12.4%	19.1%	10.1%	3.4%	48.3%
	Feminino	Count	4	4	17	14	7	46
		% of Total	4.5%	4.5%	19.1%	15.7%	7.9%	51.7%
Total		Count	7	15	34	23	10	89
		% of Total	7.9%	16.9%	38.2%	25.8%	11.2%	100.0%

Tabela 47: Saborear a gastronomia cultural - frequência por sexo

Sexo * saborear a gastronomia cultural Crosstabulation								
			Saborear a gastronomia cultural					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	2	3	9	19	10	43
		% of Total	2.2%	3.4%	10.1%	21.3%	11.2%	48.3%
	Feminino	Count	2	2	8	14	20	46
		% of Total	2.2%	2.2%	9.0%	15.7%	22.5%	51.7%
Total		Count	4	5	17	33	30	89
		% of Total	4.5%	5.6%	19.1%	37.1%	33.7%	100.0%

Tabela 48: Visita sugerida por amigos - frequência por sexo

Sexo * visita sugerida por amigos Crosstabulation								
			Visita sugerida por amigos					Total
			Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Extremamente importante	
Sexo	Masculino	Count	2	4	17	10	10	43
		% of Total	2.2%	4.5%	19.1%	11.2%	11.2%	48.3%
	Feminino	Count	5	3	15	11	12	46
		% of Total	5.6%	3.4%	16.9%	12.4%	13.5%	51.7%
Total		Count	7	7	32	21	22	89
		% of Total	7.9%	7.9%	36.0%	23.6%	24.7%	100.0%

Tabela 49: Pergunta 6 população.

Sexo * Animação Crosstabulation						
			Animação			Total
			Bom	Razoável	NS / NR	
Sexo	Masculino	Count	28	15	0	43
		% of Total	31.5%	16.9%	.0%	48.3%
	Feminino	Count	30	15	1	46
		% of Total	33.7%	16.9%	1.1%	51.7%
Total		Count	58	30	1	89
		% of Total	65.2%	33.7%	1,1%	100.0%

Tabela 50: Acessos - frequência por sexo

Sexo * Acessos Crosstabulation							
			Acessos				Total
			Bom	Razoável	Mau	NS /NR	
Sexo	Masculino	Count	15	16	11	1	43
		% of Total	16.9%	18.0%	12.4%	1.1%	48.3%
	Feminino	Count	13	17	16	0	46
		% of Total	14.6%	19.1%	18.0%	.0%	51.7%
Total		Count	28	33	27	1	89
		% of Total	31.5%	37.1%	30.3%	1.1%	100.0%

Tabela 51: Segurança - frequência por sexo

Sexo * segurança Crosstabulation							
			Segurança				Total
			Bom	Razoável	Mau	NS / NR	
Sexo	Masculino	Count	18	16	9	0	43
		% of Total	20.2%	18.0%	10.1%	.0%	48.3%
	Feminino	Count	14	21	10	1	46
		% of Total	15.7%	23.6%	11.2%	1.1%	51.7%
Total		Count	32	37	19	1	89
		% of Total	36.0%	41.6%	21.3%	1.1%	100.0%

Tabela 52: Gastronomia - frequência por sexo

Sexo* Gastronomia Crosstabulation						
			Gastronomia			Total
			Bom	Razoável	NS /NR	
Sexo	Masculino	Count	31	12	0	43
		% of Total	34,8%	13,5%	, 0%	48,3%
	Feminino	Count	35	10	1	46
		% of Total	39,3%	11,2%	1,1%	51,7%
Total		Count	66	22	1	89
		% of Total	74,2%	24,7%	1,1%	100,0%

7.10 Anexo X: Carta Internacional para a salvaguarda das Cidades Históricas

CARTA INTERNACIONAL PARA A SALVAGUARDA DAS CIDADES HISTÓRICAS

Preâmbulo e Definições

Resultantes de um desenvolvimento mais ou menos espontâneo, ou de um projecto deliberado, todas as cidades do mundo são expressões materiais da diversidade das sociedades através da História e, por esse facto, todas elas são históricas.

A presente Carta respeita mais precisamente às cidades, grandes ou pequenas, e aos centros ou bairros históricos, com o seu enquadramento natural ou construído que, para além da sua qualidade de documento histórico, exprimem os valores próprios das civilizações urbanas tradicionais.

Ora estas estão ameaçadas de degradação, de desagregação e mesmo de destruição, sob o efeito de um modo de urbanização nascido na era industrial, e que hoje atinge universalmente todas as sociedades.

Face a esta situação, por vezes dramática, e que provoca perdas irreversíveis de carácter cultural e social, e mesmo económico, o ICOMOS julgou necessário redigir uma Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas. Completando a Carta Internacional Sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios (Veneza, 1964), este novo texto define os princípios e os objectivos, os métodos e os instrumentos de acção adequada para salvaguardar a qualidade das cidades históricas, favorecer a harmonia da vida individual e social e perpetuar o conjunto dos bens, mesmo modestos, que constituem a memória da Humanidade.

Como no texto da recomendação da UNESCO respeitante à "salvaguarda dos conjuntos históricos ou tradicionais, e o seu papel na vida contemporânea" (Varsóvia - Nairobi, 1976), assim como em outros diferentes instrumentos internacionais, entende-se aqui por "Salvaguarda das Cidades Históricas" as medidas necessárias para a sua protecção, a sua conservação e o seu restauro, assim como para o seu desenvolvimento coerente e para a sua adaptação harmoniosa à vida contemporânea.

Princípios e Objectivos

1. A salvaguarda das cidades e bairros históricos deve, para ser eficaz, fazer parte integrante de uma política coerente de desenvolvimento económico e social, e ser tomada em conta nos planos de ordenamento e de urbanização, a todos os níveis.

2. Os valores a preservar são o carácter histórico da cidade e o conjunto de elementos materiais e espirituais que exprimem a sua imagem, em particular:

- a) a forma urbana, definida pela trama e suas parcelas;
- b) as relações entre os diferentes espaços urbanos: espaços construídos, espaços livres, espaços plantados;

c) a forma e o aspecto dos edifícios (interior e exterior), tais como eles se definem pela sua estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração;

d) as relações da cidade com o seu enquadramento natural ou criado pelo homem;

e) as vocações diversas da cidade, adquiridas no decurso da sua história.

3. A participação e a implicação dos habitantes de toda a cidade são indispensáveis ao sucesso da salvaguarda. Elas devem ser procuradas em todas as circunstâncias, e favorecidas pela necessária tomada de consciência de todas as gerações. Nunca se deve esquecer que a salvaguarda das cidades e bairros históricos respeita, em primeiro lugar, aos seus habitantes.

4. As intervenções num bairro ou numa cidade histórica devem ser conduzidas com prudência, método e rigor, evitando todo o dogmatismo, mas tendo em conta problemas específicos, em cada caso particular.

Métodos e Instrumentos

5. A planificação da salvaguarda das cidades e bairros históricos deve ser precedida de estudos pluridisciplinares.

- Plano de Salvaguarda deve compreender uma análise dos dados, nomeadamente arqueológicos, históricos, arquitectónicos, sociológicos e económicos, e deve definir as principais orientações e as modalidades das acções a empreender nos planos jurídico, administrativo e financeiro.

- Plano de Salvaguarda deverá esforçar-se por definir uma articulação harmoniosa dos bairros históricos com o conjunto da cidade.

- Plano de Salvaguarda deve determinar os edifícios ou grupos de edifícios a proteger particularmente, a conservar em certas condições e, em circunstâncias excepcionais, a destruir.

- estado dos locais será rigorosamente documentado antes de qualquer intervenção.

- Plano deverá beneficiar da adesão dos habitantes.

6. Na expectativa da adopção de um Plano de Salvaguarda, as acções necessárias à conservação devem ser empreendidas no respeito dos princípios e métodos da presente Carta e da Carta de Veneza.

7. A conservação das cidades e dos bairros históricos implica uma manutenção permanente do que está construído.

8. As funções novas e as redes de infra-estruturas exigidas pela vida contemporânea devem ser adaptadas às especificidades das cidades históricas.

9. O melhoramento do "habitat" deve constituir um dos objectivos fundamentais da salvaguarda.

10. No caso de ser necessário efectuar transformações de imóveis, ou de os construir de novo, todo o acrescentamento deverá respeitar a organização espacial existente, nomeadamente os seus aspectos parcelares e a sua escala, como o impõem a qualidade e o valor de conjunto das construções existentes. A introdução de elementos de carácter contemporâneo, sob reserva de não prejudicarem a harmonia do conjunto, pode contribuir para o seu enriquecimento.

11. Interessa concorrer para um melhor conhecimento do passado das cidades históricas, favorecendo as pesquisas de arqueologia urbana e a apresentação apropriada das suas descobertas sem prejudicar a organização geral do tecido urbano.

12. A circulação dos veículos deve ser estreitamente regulamentada no interior das cidades e dos bairros históricos; as áreas de estacionamento deverão ser arranjadas de maneira a não degradar o seu aspecto, nem o do seu enquadramento.

13. As grandes redes de estradas, previstas no quadro do ordenamento do território, não devem penetrar nas cidades históricas, mas somente facilitar o tráfego que dessas cidades se aproxima, permitindo-lhe um acesso fácil.

14. Medidas preventivas contra as catástrofes naturais e contra todos os demais obstáculos (designadamente as poluições e as vibrações) devem ser tomadas a favor das cidades históricas, e isto tanto para assegurar a salvaguarda do seu património, como para a segurança e o bem-estar dos seus habitantes. Os meios postos em acção para prevenir ou reparar os efeitos de todas as calamidades devem ser adaptados ao carácter específico dos bens a salvaguardar.

15. Em ordem a assegurar a participação e a implicação dos habitantes, deve desenvolver-se uma informação geral, começando desde a idade escolar. Deve ser favorecida a acção das associações de defesa do património, e devem ser tomadas medidas financeiras de natureza a facilitar a conservação e o restauro do que existe construído.

16. A salvaguarda exige que se organize uma formação especializada visando todas as profissões nela implicadas.

Texto aprovado em Toledo, em reunião que decorreu de 7 a 9 de Setembro de 1986, e ratificado pelo ICOMOS em Washington, em Outubro de 1987

7.11 Anexo XI: Fotos da Feira Medieval de Silves



Figura 9: Uma das entradas da feira.



Figura 10: Animação da feira (Viv'arte).



Figura 11: Torneio medieval.



Figura 12: Cortejo.



Figura 13: Rua Principal da Feira Medieval.